

ADALBERTO MESAQUE RODRIGUES

**TRADIÇÃO DISCURSIVA ARGUMENTATIVA:
uma abordagem dos mecanismos juntivos via heterogeneidade da
escrita**

**ASSIS
2018**

ADALBERTO MESAQUE RODRIGUES

**TRADIÇÃO DISCURSIVA ARGUMENTATIVA:
uma abordagem dos mecanismos juntivos via heterogeneidade da
escrita**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Linguagens e Letramento)

Orientadora: Dra. Lúcia Regiane Lopes-Damasio

Bolsista: Capes

**ASSIS
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

R696t

Rodrigues, Adalberto Mesaque

A Tradição discursiva argumentativa: uma abordagem dos mecanismos juntivos via heterogeneidade da escrita / Adalberto Mesaque Rodrigues. Assis, 2018.

167 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Dr^a Lúcia Regiane Lopes-Damasio

1. Linguística. 2. Escrita - Comportamento verbal. 3. Escrita - Estudo e ensino. 4. Língua portuguesa - Sintaxe. I. Título.

CDD 410

Adalberto Mesaque Rodrigues

**TRADIÇÃO DISCURSIVA ARGUMENTATIVA: uma
abordagem dos mecanismos juntivos via
heterogeneidade da escrita**

Dissertação apresentada à Universidade
Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de
Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do
título de Mestrado Profissional em Letras (Área
de Conhecimento: Linguagens e Letramentos)

Data da Aprovação: **27/02/2018**

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Profa. Dra. Lucia Regiane Lopes Damasio - UNESP/ASSIS



Membros: Profa. Dra. Cristiane Carneiro Capristano - UEM/MARINGÁ



Prof. Dr. Odilon Helou Fleury Curado - UNESP/ASSIS

AGRADECIMENTOS

Sou infinitamente grato a Deus que deu-me forças para suportar cada pequena provação, trazendo luz e paz a minh'alma nos momentos que pensei que fosse sucumbir!

A minha mãe, Joana, pela ajuda ofertada com carinho, pelo amor incondicional que nos une e por não medir esforços para que eu chegasse até aqui. A minha irmã, Camila, que sempre acreditou em mim, mesmo quando nem eu mesmo pude. Ao meu avô materno, José Luiz, *in memorian*, e a minha avó, Maria Edeuzuita, por terem me acolhido quando eu não podia dar conta de mim. A minha tia Graça, por abrir o caminho da Universidade, sendo a primeira da família a se formar.

A minha orientadora, Profa. Lúcia Regiane Lopes-Damasio, pelo incansável trabalho, pela generosidade na partilha de conhecimentos, por ter me ensinado a ser um pesquisador, tornando-me, assim, um profissional mais preparado para lidar com minha ação docente.

Aos professores das disciplinas cursadas no Profletras, em geral, todos têm um lugar cativo em meu coração pela dedicação à Ciência e pela humanidade com que fazem isso acontecer.

Aos amigos que fiz no Profletras, em especial, a Aline Francisco por ter me falado sobre essa modalidade de mestrado, a Elba, pela partilha de risos e sofrimentos, a Sonia, pelas horas de diálogo despretensioso e terno, a Karen, pelos trabalhos que realizamos em conjunto.

Aos professores, Odilon Curado (UNESP) e Solange Fortilli (UFMS), pela leitura esmerada realizada em meu trabalho e pelas sugestões, que contribuíram com a construção desta pesquisa. Bem como à professora Cristiane Carneiro Capristano (UEM) pela leitura e as significativas contribuições ao trabalho na banca defesa.

À CAPES, pelo apoio financeiro, sem o qual não seria possível tal realização.

RODRIGUES, Adalberto Mesaque. **A tradição discursiva argumentativa: uma abordagem dos mecanismos juntivos via heterogeneidade da escrita.** 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

Neste trabalho, vinculado ao GPEL (Grupo de Pesquisas sobre a Linguagem-CNPq), que se liga a um projeto maior, “Aspectos sintomáticos da junção na delimitação de Tradições Discursivas”, propõe-se um tratamento dos processos de junção na tradição discursiva (TD) argumentativa, via heterogeneidade da escrita, por meio de um modelo funcionalista, para a descrição e análise das relações sintático-semânticas. Assentada na hipótese de Kabatek (2005a) de que os Mecanismos de junção (MJ) são elementos sintomáticos, capazes de caracterizar e delimitar uma TD, a proposta de trabalho investigativo do funcionamento dos MJ visa à sistematização das regularidades e à compreensão dos usos, em relação ao que será considerado tradicional, no âmbito textual. Também se vincula à tese de Corrêa (1997) sobre a heterogeneidade constitutiva da escrita, que permite uma análise fundamentada na imbricação dos modos oral/falado e letrado/escrito, por meio dos eixos de circulação dos escreventes. Dessa forma, assim como em trabalhos de Longhin (2011a/b), Lopes-Damasio (2011, 2014) e Tuão-Brito (2014), atrela-se o conceito de língua à concepção coseariana (1979), que fundamenta a abordagem metodológica das TD e percebe os enunciados, historicamente determinados, como controlados por regras idiomáticas e discursivas, e adota-se a seguinte pergunta de pesquisa: Qual o funcionamento sintático-semântico dos MJ em TD argumentativas produzidas por alunos do 6º e 9º anos do Ensino Fundamental? A partir dessa pergunta, objetiva-se: (i) descrever e analisar os MJ, em textos pertencentes à TD argumentativa, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, na perspectiva de Halliday (1985) e Raible (2001, 1992, *apud* KABATEK, 2005a/b); (ii) relacionar o uso e funcionamento dos MJ às características da TD argumentação; e (iii) analisar e buscar indícios do papel do uso da escrita no contexto da TD investigada, a partir da observação do comportamento da junção mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito em consonância com a heterogeneidade da escrita. Nessa direção, constatou-se que: (a) no âmbito sintático, há uma prevalência da arquitetura paratática sobre a hipotática, (b) no semântico, as relações de adição, causalidade e contraste são mais frequentes, (c) no âmbito textual, há uma *mescla* constitutiva da TD argumentativa com as TD listagem, injuntiva, expositiva, narrativa e pergunta/ resposta e (d) no âmbito das práticas de linguagem, encontram-se indícios que configuram a imbricação entre oral/falado e letrado/escrito nos textos escritos de ambos os segmentos. Os resultados, sedimentados em uma descrição analítica da materialidade linguística que, concomitantemente, vincula-se a aspectos pragmático-discursivos, apontam para uma escrita que se delineia gradualmente e que depende de fatores semântico-cognitivos, idiomáticos, históricos e de vivência das culturas oral e letrada no cotidiano.

Palavras-chave: Tradição discursiva argumentativa. Mecanismos de junção. Heterogeneidade da escrita

RODRIGUES, Adalberto Mesaque. **The argumentative discursive tradition: an approach of the junctive mechanisms via writing heterogeneity.** 2018. 167 p. Dissertation (Professional Master in Language). – School of Science, Humanity and Languages, Assis, 2018.

ABSTRACT

In this work, linked to the RGOL (Research Group on Language-NRC), which is linked to a larger project, "Symptomatic aspects of the junction in the delimitation of Discursive Traditions", it is proposed a treatment of the processes of junction in the discursive tradition (DT), through the heterogeneity of writing, through a functionalist model, for the description and analysis of tactical-semantic relations. Based on the hypothesis of Kabatek (2005a) that the Junction Mechanisms (JM) are symptomatic elements capable of characterizing and delimiting a DT, the proposed research work on the functioning of the JM aims at systematizing regularities and understanding the uses, in relation to what will be considered traditional, in the textual scope. It is also linked to Corrêa's (1997) thesis on the constitutive heterogeneity of writing, which allows an analysis based on the imbrication of oral/spoken and literate/ written modes, through makers circulation axes. Thus, as in the works of Longhin (2011a / b), Lopes-Damasio (2011, 2014) and Tuão-Brito (2014), the concept of language is linked to the Cosearian conception (1979), which underlies the methodological approach of the DT and perceives the statements, historically determined, as controlled by idiomatic and discursive rules, and it adopts the following research question: What is the tactical-semantic functioning of the JM in argumentative DT produced by students of the 6th and 9th grade of Elementary Education? From this question, this work aims to: (i) describe and analyze the JM, in texts belonging to the argumentative TD, in the written mode of enunciation, from the semantic relations and interdependence existing between the component portions of the complex sentence, from the perspective (ii) to relate the use and functioning of the MJ to the characteristics of DT argumentation; and (iii) analyze and seek indications of the role of writing use in the context of the investigated DT, from the observation of the behavior of the joint by traces of the oral/ spoken and literated/written relationship in accordance with the writing heterogeneity. In this sense, it was found that: (a) in the syntactic context, there is a prevalence of the parattic architecture over the hypothetical, (b) in the semantic, the relations of addition, causality and contrast are more frequent; a constitutive *mixture* of the argumentative DT with listing, injunction, narrative and question/ answer DT and (d) in the scope of the language practices, there are clues that configure the overlap between oral/ spoken and literated/written in the written texts of both segments. The results, sedimented in an analytical description of linguistic materiality, concomitantly, is related to pragmatic-discursive aspects, point to a writing that is gradually delineated and that depends on semantic-cognitive, idiomatic, historical and oral and literate cultures in everyday life.

Keywords: Argumentative discursive tradition. Mechanisms of junction. Heterogeneity of writing.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1: Os eixos da Tradição Discursiva (GOMES; IAPECHINO, 2011, p.10).....	p.17
Esquema 2 : Tradições Discursivas (KABATEK, 2005b, p. 161).....	p.21
Esquema 3: Evocação (KABATEK, 2005a, p.158).....	p.24
Esquema 4: Distribuição dos gêneros textuais no <i>continuum</i> (MARCUSCHI, 2001, p. 41)	p.42
Esquema 5: Modelo bidimensional de análise de Junção (RAIBLE, 2001)	p.60
Esquema 6: Mapa cognitivo (KORTMANN, 1997, <i>apud</i> LOPES-DAMASIO, 2011, p.103).....	p.63
Esquema 7: Critério bidimensional de análise dos mecanismos de junção (LOPES-DAMASIO, 2013, P. 1376)	p.66
Esquema 8: Critério bidimensional de análise dos mecanismos de junção (LOPES-DAMASIO, 2013, p. 1376)	p.85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Níveis linguísticos (cf. COSERIU, 1979).....	p.19
Quadro 2: Níveis e domínios do linguístico (KOCH, P., 1997, <i>apud</i> LOPES-DAMASIO, 2011, p.58).....	p.20
Quadro 3: Dicotomias entre Fala X Escrita (KOCH, I., 1997a, p.32).....	p.37-38
Quadro 4: Aspectos da perspectiva culturalista (MARCUSCHI, 1997, p.29).....	p.39
Quadro 5: Aspectos da perspectiva variacionista (MARCUSCHI, 1997, p. 131).....	p.40
Quadro 6: Aspectos da perspectiva interacional (MARCUSCHI, 1997, p.132).....	p.40-41
Quadro 7: Condições de produção (KOCH, P; OESTERREICHER, 1997, <i>apud</i> DOMINGUEZ, 2012, p. 85).....	p.41
Quadro 8: Combinação de orações (LONGHIN; LOPES-DAMASIO, 2014, p. 139).....	p.57
Quadro 9: Graus de dependência e integração (LOPES-DAMASIO, 2011, p.92).....	p.58

Quadro 10: Esquema simplificado do eixo tático – graus de integração (RAIBLE, 2001).....	p.60
---	------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: <i>Continuum</i> da fala e da escrita (MARCUSCHI, 2001, p.38)	p.41
Gráfico 2: Relações táticas nos textos do 6º ano.....	p.84
Gráfico 3: Relações semânticas por arquitetura sintática.....	p.86
Gráfico 4 – Parte I: Frequência dos MJ nos textos do 6ºano	p.96
Gráfico 4 – Parte II: Frequência de MJ nos textos 6ºano.....	p.96
Gráfico 5: Relações semânticas nos textos do 6º ano	p.99
Gráfico 6: Relações táticas nos textos do 9º ano.....	p.102
Gráfico 7– Parte I: Frequência dos MJ nos textos do 9º ano.....	p.110
Gráfico 7– Parte II: Frequência dos MJ nos textos do 9º ano.....	p.111
Gráfico 8: Relações semânticas nos textos do 9º ano.....	p.113
Gráfico 9: Relação de modo na arquitetura sintática.....	p.117
Gráfico 10: Relação de causa na arquitetura sintática.....	p.118
Gráfico 11: Quantificação e comparação da <i>mescla</i> de TD	p.141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relações tático-semânticas no 6ºano.....	p.86
Tabela 2: Frequência <i>token/type</i> dos MJ no 6ºano.....	p.98
Tabela 3: Parentescos semânticos nos textos do 6º ano.....	p.100
Tabela 4: Relações tático-semânticas nos textos do 9º ano	p.102-103
Tabela 5: Frequência <i>token/type</i> dos MJ do 9º ano.....	p.111-112
Tabela 6: Parentesco semântico nos textos do 9º ano.....	p.113
Tabela 7: Quantificação da <i>mescla</i> de TD no 6º ano.....	p.126
Tabela 8: Quantificação da <i>mescla</i> de TD no 9º ano.....	p.139

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.10
I. Apresentação: contexto e vínculo	p.10
II. Proposta e objetivos do trabalho	p.11
III. Organização do trabalho	p.13
 PARTE I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	p.15
CAPÍTULO 1 - TRADIÇÃO DISCURSIVA: DO LÍNGÜÍSTICO-DISCURSIVO AO SÓCIO-CULTURAL	p.15
1.1 Apresentação	p.15
1.2 Os níveis de linguagem e o conceito de TD	p.18
1.3 Aspectos definidores das TD	p.22
1.4 Reflexões sobre a historicidade dos textos	p.26
1.5 Vantagens do viés das TD	p.30
1.6 Sobre gênero e tradição discursiva	p.31
1.7 Sintetizando a abordagem e suas consequências	p.34
 CAPÍTULO 2- FALA E ESCRITA: DA DICOTOMIA À HETEROGENEIDADE	p.36
2.1Apresentação	p.36
2.2 Perspectivas da relação entre fala e escrita	p.37
2.3 A constituição heterogênea da escrita	p.43
2.4 Sintetizando a abordagem e suas consequências	p.51
 CAPÍTULO 3- MECANISMOS JUNTIVOS: DAS RELAÇÕES INTERORACIONAIS À PERSPECTIVA DISCURSIVA	p.53
3.1 Apresentação	p.53
3.2 . Propostas funcionalistas de combinação de orações	p.54
3.3 Mecanismos de junção	p.61
3.4 Mecanismos de junção e tradição discursiva	p.67
3.5 Sintetizando a abordagem e suas consequências	p.68
 PARTE II- UNIVERSO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	p.70
1.1 Apresentação	p.70

1.2 A sequência didática: a metodologia do professor.....	p.70
1.3 A sequência investigativa: a metodologia do investigador.....	p.76

PARTEIII- UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO E ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS MJ EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS.....

1.1 Descrição e análise dos MJ nos textos argumentativos do 6° ano.....	p.83
1.2 Descrição e análise dos MJ nos textos argumentativos do 9° ano.....	p.102
1.3 Comparação dos resultados da descrição e análise dos MJ nos textos 6° e do 9° ano.....	p.115

CAPÍTULO 2: O FUNCIONAMENTO DOS MJ ASSOCIADOS À TD ARGUMENTATIVA.....

2.1 A construção da TD argumentativa nos textos do 6° ano.....	p.120
2.2 A construção da TD argumentativa nos textos do 9° ano.....	p.129
2.3 Comparação dos resultados da descrição e análise da relação entre TD e MJ nos textos do 6° e do 9° ano.....	p.140

CAPÍTULO 3: O FUNCIONAMENTO DOS MJ E A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA.....

3.1 O primeiro eixo: a representação da gênese da escrita.....	p.142
3.2 O segundo eixo: a representação da escrita institucionalizada.....	p.146
3.3 O terceiro eixo: a representação do já falado/ouvido, escrito/ lido.....	p.149
3.4 Comparação dos resultados da análise da heterogeneidade da escrita nos textos do 6° e do 9° ano.....	p.154

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

REFERÊNCIAS.....

INTRODUÇÃO

I. Apresentação: contexto e vínculo

Neste trabalho, sob o título “Tradição discursiva argumentativa: uma abordagem dos mecanismos de juntivos via heterogeneidade da escrita”, ligado ao Grupo de Pesquisa Estudos sobre a linguagem (GPEL-CNPq),¹ no bojo de um projeto maior, “Aspectos sintomáticos da junção na delimitação de Tradições Discursivas”, enfocam-se os processos de junção na tradição discursiva argumentativa, em produções de alunos dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental (doravante, EF), a fim de se descrever e interpretar o funcionamento sintático-semântico e pragmático desses mecanismos de junção, no universo argumentativo, bem como sua relação com os modos oral e letrado no processo contínuo de letramento.

Dessa forma, esta pesquisa está fundamentada na hipótese de Kabatek (2005a) de que os mecanismos de junção são elementos sintomáticos de uma tradição discursiva. Esse pressuposto baseia-se na perspectiva multidimensional de análise de Biber (1988 *apud* KABATEK, 2005a), que, na versão de Kabatek, é reduzida à análise dos juntores. Biber propunha que se analisasse o texto em seus aspectos multidimensionais; dentre outros fatores, o autor considera: tempo/aspecto, advérbios, pronomes, formas nominais, subordinação/coordenação e a relação *token/type*.² Os estudos de Kabatek também se pautam nas pesquisas de Raible (1992), à medida que o autor escolhe a junção para análise, comparação e classificação das tradições discursivas.

No âmbito do GPEL, várias pesquisas têm sido realizadas no sentido de identificação das tradições discursivas, bem como da análise do uso de juntores na aquisição da escrita, em perspectiva longitudinal, das quais se destacam as de Silva (2016), Tuão-Brito (2014), Zago (2014) e Longhin (2011a, 2011b). Nessa direção, a presente pesquisa é inédita ao focalizar argumentação no segmento final do EF (6º e 9º anos), com o objetivo de descrever e analisar, nas produções textuais, os processos de junção com diversas acepções semânticas, a fim de entender, nessas

¹ Membro-pesquisador do Grupo de Pesquisas sobre a Linguagem, coordenado pelo professor Dr. Lourenço Chacon.

² A relação *type/token*, que será melhor explicada posteriormente, se dá na consideração do item ou forma lexical e na quantidade de vezes que eles aparecem no *corpus*, a fim de verificar a variedade e diversidade dos usos linguísticos.

relações e por meio delas, como se manifestam os aspectos da heterogeneidade constitutiva da escrita e das tradições discursivas em que se inserem.

II. Proposta e objetivos do trabalho

Este trabalho de pesquisa tem, no centro da investigação, a correlação entre estudos sobre os processos de junção e os textos argumentativos, aqui entendidos na perspectiva da tradição discursiva. Estudam-se, no contexto do EF, tendo por base o modo escrito de enunciar, os textos produzidos por alunos de 6º e 9º anos, num viés de análise comparativo.

A temática proposta, portanto, será realizada numa abordagem descritivo-analítica dos usos e do funcionamento desses processos juntivos, nos domínios formal, semântico e pragmático. Relaciona-se assim esta pesquisa:

(i) com o conceito de tradição discursiva, entendido como os modos de dizer tradicionais que vão desde uma fórmula simples a um gênero textual, em perspectiva que considera o universo textual e as relações entre o sujeito³ e a linguagem (KABATEK, 2005 a/b, 2012);

(ii) com uma abordagem específica de mecanismos juntivos, entendidos como as formas de unir porções textuais, para a configuração sintático-semântica do discurso, em perspectiva que considera o domínio dos juntores e das relações entre eles e a construção do texto (HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001); e

(iii) com o conceito de heterogeneidade da escrita, entendido aqui como a constituição híbrida da escrita em intrínseca relação com a oralidade, em perspectiva que considera o universo escrito como constitutivamente plasmado às características do falado. Os resultados alcançados, com base nesse tripé teórico, guiarão a proposição de práticas relevantes no que tange ao processo de ensino da língua materna (CORRÊA, 1997, 2001, 2006).

Nesse sentido, o estudo proposto aqui reforça a hipótese de Kabatek (2005a), que aponta a sintaxe como indicada, para se analisar, de forma coerente, as

³ Em muitos pontos deste trabalho, os termos sujeito, aluno e escrevente são utilizados como sinônimos, pois embora guardem diferenças de sentido, essas não são primordiais na perspectiva teórico-metodológico adotada aqui. Considera-se aluno, para esta pesquisa, a pessoa regularmente matriculada no EF, que, ao tomar a palavra torna-se sujeito, sem desconsiderar um grau de “assujeitamento” das pressões sociais exercidas no contexto escolar, mas considerando a dialogia do ato e a individuação, dadas as relações com as tradições da oralidade e da escrita, na esteira de Corrêa (1997) (Cf. Capítulo 2, Parte I deste trabalho).

tradições discursivas. Além disso, como este estudo busca observar regularidades, nos usos efetivos da língua, por meio dos mecanismos de junção, descreve caminhos mais típicos, que podem ser considerados tanto na mudança linguística no tempo (filogênese), quanto na aquisição e desenvolvimento do modo escrito da língua (ontogênese), numa aproximação com o trabalho de Kortmann (1997). Em outras palavras, o viés comparativo – caracterizado no diálogo entre os resultados da análise dos textos do 6º e do 9º anos – poderá mostrar indícios que ligam a aquisição da escrita à própria mudança da língua no tempo.

A hipótese geral de trabalho é, desse modo, a de que a aquisição de esquemas de junção segue trajetórias típicas que sinalizam uma complexidade crescente, verificável tanto de um ponto de vista morfossintático, quanto semântico-cognitivo (KORTMANN, 1997)) e que, no entanto, essas trajetórias podem estar intrinsecamente associadas às tradições discursivas em que os textos se materializam. Assim, esta pesquisa norteia-se pela pergunta: Qual o funcionamento sintático-semântico dos mecanismos de junção em tradições discursivas argumentativas, produzidas, por alunos do 6º e 9º anos do EF?

Balizados pela questão que direciona esta pesquisa, focalizam-se os usos gerais de aspectos morfossintáticos e semântico-pragmáticos da junção, em uma amostra de textos produzidos por alunos do primeiro e do último ano do ciclo final do EF, ou seja, sujeitos escreventes que já experimentaram a fase inicial da aquisição da escrita institucionalizada e outras práticas de letramento vigentes no processo – com o intuito de flagrar a gradualidade da inserção desses escreventes nas *regras idiomáticas* (sistema e norma) e nas *regras discursivas* (tradição discursiva).

Para esse fim, são imprescindíveis os objetivos mais específicos que seguem:

- (1) descrever e analisar os mecanismos de junção, em textos pertencentes à tradição discursiva argumentativa, no modo escrito de enunciação, a partir das relações semânticas e da interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, na perspectiva de Halliday (1985) e Raible (1992);
- (2) relacionar o uso e funcionamento dos mecanismos de junção às características da tradição discursiva argumentação; e
- (3) buscar evidências acerca do papel do uso da escrita no contexto da TD investigada, a partir da observação do comportamento da junção mediante traços da relação oral/falado e letrado/escrito em consonância com a heterogeneidade da escrita.

III. Organização do trabalho

O presente trabalho, além desta Introdução e das Considerações finais, organizar-se-á em três PARTES, a saber, PARTE I: Pressupostos teóricos, PARTE II: Universo da pesquisa e procedimentos metodológicos, e PARTE III: Uma experiência de análise.

A PARTE I – Pressupostos teóricos – é formada por três Capítulos. No Capítulo 1, com o título “Tradição Discursiva: do linguístico-discursivo ao sócio-cultural”, faz-se uma revisão bibliográfica que leva ao conceito de tradição discursiva. Disserta-se também sobre: (i) os níveis de linguagem e o conceito de tradição discursiva, tendo em vista a apresentação da visão de língua concreta e em constante “fazimento” que subjaz à essa proposta de trabalho; (ii) os aspectos definidores da tradição discursiva; (iii) uma reflexão sobre a historicidade dos textos; e (iv) as vantagens da adoção desse lugar teórico nesta pesquisa.

No Capítulo 2, sob o título “Fala e escrita: da dicotomia à heterogeneidade”, faz-se uma abordagem das relações entre fala e escrita de um modo genérico. Aproximando-se mais do escopo deste trabalho, discorre-se também sobre: (i) as diferentes perspectivas teóricas nos estudos linguísticos sobre as relações entre fala e escrita; e (ii) a escrita heterogeneamente constituída com base em Corrêa (1997), destacando a imbricação dos modos de enunciar (oral e letrado) e a dinâmica das relações do sujeito com a linguagem.

No Capítulo 3, intitulado “Os mecanismos juntivos: das relações interoracionais à perspectiva discursiva”, apresentam-se: (i) as propostas funcionalistas de combinação de oração em paralelo com o modelo gramatical tradicional, mostrando a ineficiência deste no tratamento dos usos concretos da língua em comparação com aquelas; (ii) os mecanismos de junção em uma perspectiva funcionalista com base nas relações tático-semânticas; e (iii) paralelos entre os mecanismos de junção e as tradições discursivas, retomando a hipótese de Kabatek (2005a) de que aqueles são elementos *sintomáticos* na identificação e análise dos modos de enunciar tradicionalmente instituídos.

Cada um dos Capítulos que constituem a PARTE I é inaugurado por uma breve Apresentação e encerrado por algumas considerações importantes que resgatam os pontos teóricos mais relevantes do texto para a continuidade da leitura.

Na PARTE II, “Universo da pesquisa e procedimentos metodológicos”, apresentam-se o *corpus* investigado e o método que será usado na análise. Nessa apresentação, expõe-se a proposta de produção textual argumentativa, descrevendo, da mesma forma, o método de aplicação e coleta do *corpus*.

A PARTE III, “Uma experiência de análise”, contém Capítulos voltados para três aspectos relevantes: (i) o levantamento e a descrição da junção com várias acepções semânticas, por meio da apresentação das análises quantitativa e qualitativa dos textos escritos por alunos do EF (6º e 9º anos), constitutivos do *corpus*; (ii) um estudo comparativo entre os esquemas de junção nas produções textuais nos dois analisados anos do EF; e (iii) a relação entre os mecanismos de junção e as tradições discursivas emergentes do aspecto sintomático dos usos efetivamente realizados, bem como (iv) uma proposta de correlação entre os resultados da descrição e análise linguísticas mencionadas de (i) a (iii) e as considerações acerca das relações entre o oral/falado e letrado/escrito no âmbito do ensino formal.

Cada Capítulo que compõe as Partes deste trabalho coopera, na sequência, para a construção das Considerações Finais, que não têm por foco a finalização dessa discussão, mas a abertura para novas pesquisas nesse âmbito. Dessa forma, destaca-se apenas a experimentação de uma demonstração da aplicabilidade deste estudo, no âmbito de ensino de língua materna, no que se refere à produção de textos argumentativos, por um viés dialógico, que respeita a gradualidade da inserção do aluno nas práticas sociais letradas.

PARTE I- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

CAPÍTULO 1

TRADIÇÃO DISCURSIVA: DO LÍNGUÍSTICO-DISCURSIVO AO SÓCIO-CULTURAL

1.1 Apresentação

Neste Capítulo, trata-se dos aspectos sócio-históricos relacionados à proposta teórico-metodológica das tradições discursivas (doravante, TD), bem como das implicações da assunção dessa abordagem nesta pesquisa. Para contextualizar essa proposta é importante situá-la nos estudos linguísticos e relacioná-la a alguns conceitos anteriores e concomitantes que se destaquem por sua relevância. O suporte teórico-metodológico das TD se desenvolve, no século XX, com mais destaque na década de 80, juntamente com a Linguística Textual, área com a qual tem vínculos indiscutíveis, pois ambas se dedicam ao estudo do texto, embora com diferença de métodos, olhares e procedimentos.

Depois do surgimento da Linguística Textual, na década de 70, passou-se a identificar, nos anos posteriores, elementos relacionados à textualidade, bem como os subentendidos através dos recursos sintáticos, lexicais, dentre outros. Dessa maneira, desenvolveu-se o estudo das formas e estruturas textuais em sua micro e macroestrutura e a Linguística Textual estabeleceu-se como uma disciplina científica.

Houve *a posteriori* uma tentativa de relacionar os resultados obtidos, nas pesquisas de Linguística Textual, com a Linguística Variacional e a Pragmática. Advêm dessa conjuntura a Pragmática Histórica de inspiração e base coserianas e os estudos na Universidade de Tübingen sobre a oralidade e a escrituralidade que vão culminar na suposição de Schlieben-Lange (1983) de que existe uma história dos textos separada da história das línguas (LOPES-DAMASIO, 2011, p. 60).

O conceito de TD é oriundo das pesquisas ocorridas na década de 80, no âmbito da Linguística Germanística, sob a inspiração da concepção de língua de Eugênio Coseriu, que desenvolveu um trabalho considerado um divisor de águas em relação à concepção de língua saussuriana, que pode ser vista como estática, no sentido de que é produto da fala e é observável numa sincronia sem necessidade de

recorrer a sua história. Coseriu afirma que a língua é viva, está em movimento e permanente sistematização, deixando claro que:

a mudança na língua não é alteração ou deterioração [...] mas reconstrução, renovação do sistema, e assegura a sua continuidade e seu funcionamento. A língua se faz mediante a mudança e “morre” como tal quando deixa de mudar (COSERIU, 1979, p. 23).

Essa postura de Coseriu em relação às mudanças linguísticas é muito importante para os estudos históricos e variacionais da língua e, por conseguinte, para o estudo dos textos e dos fenômenos textuais. Trata-se de uma percepção bastante sensível da língua concreta, em sua mobilidade, na trajetória histórica, pelo viés do fazimento constante e da funcionalidade do sistema sempre atrelada aos contextos históricos, o que permitiu que estudos posteriores tivessem uma visão histórica do texto, culminando com o aparecimento do conceito de TD.

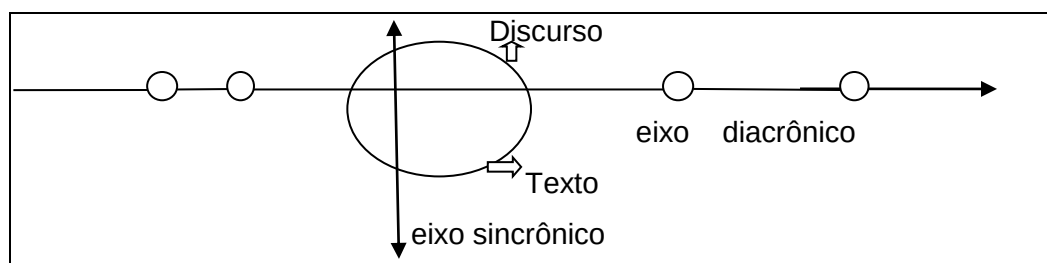
Essa compreensão de língua como reconstituição e recriação indica que os significados estão em contínua construção. A língua, e pode-se dizer, a linguagem, de um modo geral, é invenção, criação, mas não de maneira integral, de sorte que o indivíduo cria uma estrutura a partir de modelos anteriores e tem capacidade de manipular esses recursos que o saber linguístico proporciona. O falante, assim, aceita a realização que a norma (coseriana) lhe oferta. No dizer de Coseriu:

O falante emprega outra técnica, mas utiliza o sistema que se lhe oferece pela comunidade e, mais ainda, aceita também realização que a norma tradicional lhe proporciona, por que esta é a sua tradição. Não inventa totalmente a sua expressão mas utiliza modelos anteriores, justamente por ser este indivíduo histórico e não aquele: porque a língua pertence à sua historicidade, ao seu modo determinado de ser (COSERIU, 1979, p. 64).

A partir de Kabatek (2005 a/b), afirma-se que os estudos que consideram a historicidade da língua e dos textos, já tradicionais na pesquisa científica alemã, foram iniciados por Coseriu (1987) e seguidos por nomes como: Schlieben-Lange (1994), Jungbluth (1997), Oesterreicher (1998). Em todos eles, afasta-se, portanto, do conceito saussuriano de língua abstrata e parte-se do conceito de “língua concreta”, constituída pela história, tanto em perspectiva diacrônica quanto sincrônica de investigação.

O que possibilita um estudo sincrônico das TD é justamente esse conceito de língua concreta e histórica. Segundo Jungbluth (2004 *apud* GOMES; IAPECHINO,

2011), na perspectiva sincrônica, o mundo discursivo é contextualizado e, na diacrônica, insere-se o texto na continuidade das TD, como se pode ver no esquema abaixo:



Esquema 1: Os eixos da Tradição Discursiva (GOMES; IAPECHINO, 2011, p.10)

A relação com outros textos atuais é estabelecida, no eixo vertical, enquanto o horizontal reconstrói a relação com outros textos que lhe antecedem ou sucedem na cadeia temporal, pertencentes a um mesmo conjunto de textos representativos de uma TD.

Nessa direção, a escolha do conceito de TD para nortear este trabalho tem a ver com as noções de língua, texto, gênero e discurso que subjazem a esta proposta de pesquisa e que se interligam com tal perspectiva teórico-metodológica. Entende-se língua, no sentido coseriano, como língua concreta, constituída por *sistema* e *norma*, o que permite, a partir de Coseriu (1979), postular dois níveis de abstração: o *sistema* como conjunto das possibilidades de uma língua, que define aquilo que pode e que não pode ser dito/escrito, e a *norma* como imposições sociais e culturais que favorecem o uso de determinadas possibilidades desse sistema em detrimento de outras.

Nessa perspectiva, a concepção de texto é de uma estrutura hierárquica de atos, conforme postula Adam (2011, p. 196). O autor considera o texto como “uma estrutura de atos ilocucionários ligados entre si”, mas afirma que atos de discurso pontuais só assumem significados pela sua inserção em estruturas hierárquicas de níveis de complexidade superiores, cujo foco é a compreensão da composicionalidade, das redes de sentido constituídas pelos conectivos, das operações referencias que engendram a trama textual, enfim, da própria textualidade, ou seja, do que faz o texto. Nessa direção, o texto possui uma historicidade e está sempre em relação com outros textos já ditos ou escritos e que,

portanto, constitui-se na memória de uma comunidade linguística. Relacionando ao que se diz, em Longhin (2014, p. 19), sobre o conceito bakhtiniano, pode-se entender o gênero como elemento de controle social, que corresponde a um sinônimo de uma das materializações da tradição, nos textos (conforme será apresentado na seção 1.5), ou seja, é a própria materialização do texto em determinada conformação semiótica, sendo, portanto, uma forma de recorrência e de relativa estabilidade no âmbito da comunicação humana. Acrescentando a essa postulação a visão de Marcuschi (2008), o discurso, socialmente construído, no jogo da comunicação, é entendido, pois, como o resultado da ação dos interlocutores, capaz de produzir os efeitos de sentido dos textos, determinados historicamente pelas múltiplas perspectivas que podem ser acionadas pelos agentes sociais na interação.

1.2 Os níveis de linguagem e o conceito de TD

O estudo do texto/discurso pelo viés da Romanística Alemã entende, como parte do texto, a sociedade, a história e a linguagem que o constituem. Segundo Koch, P. (*apud* LOPES-DAMASIO, 2011, p. 91), quando se analisa a linguagem, além das regras gramaticais pertencentes à língua, é fundamental que se leve em conta a ligação de uma determinada forma de texto a uma finalidade pragmática.

As línguas, então, variam em conjunto com as TD. Kabatek (2012, p. 580) salienta que uma Linguística Histórica quando desconsidera essa diversidade de textos presentes em sincronias pretéritas, é reducionista, pois não terá acesso às mudanças reais e processuais ocorridas na língua através das TD. Nessa linha, fica sugerido que uma abordagem linguística, ao desconsiderar a tradição dos textos, presentes também na sincronia atual, é, da mesma forma, reducionista, porque não recupera, de fato, o caráter histórico da língua e a relação entre o dito e o já-dito nesses textos.

O fato é que o conceito de tradição traz para a teoria linguística uma visão mais ampla dos processos histórico-culturais envolvidos nos atos de fala. Essa ampliação permite que o linguista ou pesquisador, ao trabalhar com o conceito de TD, possa explorar múltiplas facetas do texto em consonância com a finalidade pragmática e com os mecanismos linguísticos que permitem diferenciar uma tradição de outra, a partir da visão coseriana de língua que se adota nessa perspectiva.

No âmbito dessas considerações, para a introdução do conceito de TD, deve-se partir do entendimento geral da teoria coseriana de linguagem, conforme vem sendo apresentado até aqui, e, mais especificamente, do entendimento dos três níveis do linguístico que materializam, por sua vez, tal proposta: (i) o nível universal ou do falar em geral, onde estão todas as atividades comunicativas que servem para referenciar, predicar, argumentar, narrar, orientar-se no espaço e no tempo, entre outros, e corresponde à capacidade de todo ser humano de falar, de modo geral; (ii) o nível histórico, das línguas em particular, onde estão incluídas as modalidades oral e escrita, bem como as regras fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais de cada língua, enquanto idioma histórico (por exemplo, o português, o espanhol, o francês etc.); e (iii) o nível individual, onde se encontram o sujeito ou a instituição que são responsáveis pela atualização do discurso, como abaixo sintetizados:

NÍVEL		TIPO DE SABER
Universal	Atividade de falar	Saber elocucional
Histórico	Língua histórica particular	Saber idiomático
Atual ou individual	Discurso	Saber expressivo

Quadro 1: Níveis linguísticos (cf. COSERIU, 1979)

De acordo com os níveis coserianos, que são objeto de estudo de Schlieben-Lange (1993 *apud* KABATEK, 2005b), o falar permite muitas atividades, porque, no nível universal, fala-se a respeito do mundo a alguém, com a concatenação sintático-semântica ou discursiva propiciada pela língua histórica, e porque o falar requer alteridade, ou seja, é falar com o outro, sobre as coisas do mundo.

Também segundo Zavam (2009, p. 2-3), esses níveis estão relacionados à atividade comunicativa desempenhada pelos indivíduos, nas mais diversas circunstâncias de interação verbal. Assim, os interlocutores dirigem-se a seus destinatários de modo a realizar uma intenção comunicativa. O ato de conversar pode bem exemplificar esse fato, pois falar, nesse caso, é, ao mesmo tempo, uma atividade universal própria de todos os seres humanos: é histórica, pois o idioma em que se fala é histórico e é individual, posto que se configura numa situação concreta e particular permeada pelo entorno histórico.

Um problema que surge da proposta dos níveis coserianos da linguagem foi trazido à tona por Koch, P. (1997 *apud* KABATEK, 2005a), e se refere aos saberes,

mais especificamente, à definição de saber expressivo. A seu ver, haveria uma incompatibilidade entre *saber* e *discurso*, fundamentada no entendimento de que o discurso é o lugar onde se realiza o saber linguístico. Como não é discutível que a denominação de “saber expressivo” de Coseriu se refere a um conhecimento que se põe em ação através das tradições de textos, ou seja, à independência da história dos textos em relação às línguas particulares, Koch, P. propõe as seguintes alterações no quadro (cf. LOPES-DAMASIO, 2011, p. 67):

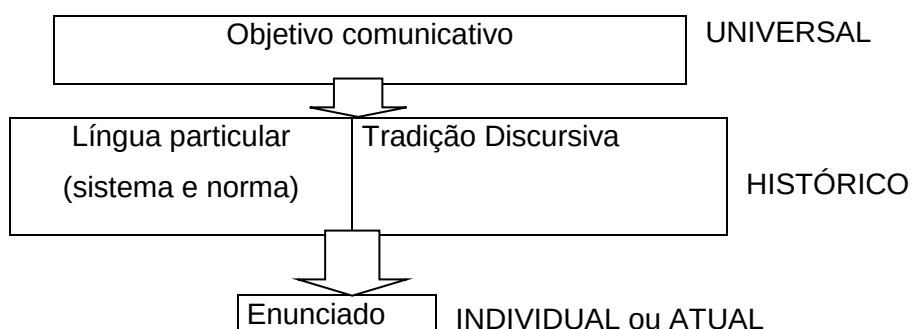
NÍVEL	DOMÍNIO	TIPOS DE REGRAS
Universal	Atividade de falar	Regras Elocucionais
Histórico	Língua Histórica particular	Regras idiomáticas
	Tradição Discursiva	Regras Discursivas
Atual ou Individual	Discurso	

Quadro 2: Níveis e domínios do linguístico (KOCH, P., 1997, *apud* LOPES-DAMASIO, 2011, p. 58)

Essa mudança implica considerar a TD como parte do nível histórico, ao lado das línguas históricas particulares, mas, ao mesmo tempo, tendo uma história distinta da história das línguas particulares. Assim, uma mesma TD pode existir em diversas línguas humanas pelo seu *status* próprio e, nesse sentido, independente. Koch, P. (1997) conceitua, então, como elocucionais as regras do falar universal que dimensionam a capacidade comunicativa do sujeito, que, ao se apropriar de uma língua histórica particular, as utiliza de acordo com as regras idiomáticas para se comunicar com os outros. No caso da TD, o autor postula as regras discursivas que emergem do contexto comunicativo em que o sujeito está inserido. No entanto, não atribui regras ao nível atual ou individual, visto que o sujeito utilizará todas as regras previstas (elocucionais, idiomáticas e discursivas) na atualização que faz ao produzir seus atos de fala.

Koch, P. e Oesterreicher (1987 *apud* KABATEK, 2006), partindo da reduplicação do nível histórico coseriano, estabelecem que a atividade do falar passa pelo sistema gramatical e lexical de uma língua particular no mesmo instante em que é atravessada pelas tradições discursivas, resultando no enunciado concreto.

De acordo com Kabatek (2005b), a fala universal possui um duplo filtro, o primeiro, relativo às regras sintáticas e à organização normal da língua particular, e o segundo, à ordem tradicional dos textos:



Esquema 2 : Tradições Discursivas (KABATEK, 2005b, p. 161)

Observa-se, no nível universal, o objetivo comunicativo, que é acompanhado pela necessidade de especificar a situação comunicativa dos atos de fala universais. A língua histórica particular divide espaço com a TD, pois tanto a língua como as TD são, historicamente, reguladoras da atividade comunicativa humana. A partir delas, surge o enunciado concreto como fruto histórico e tradicional da competência comunicativa. Esse aspecto histórico dos atos de fala ganha especial importância na análise e interpretação das maneiras de produzir sentido através dos textos.

O conceito associa a TD aos atos de fala fundamentais, aos elementos ou objetos da cultura escrita e a determinadas instituições a partir de seu caráter de regularidade e estabilidade. Os critérios apresentados se dão, portanto, na dinâmica entre tradição e atualização. Aqui é válido ressaltar que nem toda repetição pode ser considerada TD, mas somente as que possuem caráter de signo próprio, ou melhor, as que utilizam determinados elementos linguísticos que, em combinações/construções particulares, apontam para um uso socialmente legitimado (LONGHIN, 2014, p.25).

As TD, de acordo com Gomes e Iapechino (2011, p. 11), apresentam, portanto, um caráter de variabilidade e dinamismo, comprovável pelo traço heterogêneo dos textos nas situações interativas. As autoras citam o exemplo de uma entrevista com um político, enfatizando que ela não seria homogênea, pois remete a outros textos que circulam na sociedade e com os quais os agentes entraram em contato e, ainda, que pode conter variações de formalidade e de usos

da linguagem. Da mesma ordem, não são homogêneos os editoriais jornalísticos e nem por isso deixam de pertencer a uma TD. Essa heterogeneidade, associada a um fator composicional das tradições – conforme será abordado no desenvolvimento deste Capítulo –, não prejudica, vale destacar, a caracterização de tais textos como TD.

O conceito de língua, de acordo com a visão coseriana, contempla, portanto, a historicidade da língua, a atividade do falar universal e a instância particular ou individual em que se realiza o discurso. Koch. P. (1994 *apud* KABATEK, 2005b) desenvolve seu ponto de vista sobre a historicidade dos textos, com base nessa concepção de Coseriu, postulando um paralelo entre a história da língua particular e a das TD. Kabatek (2005b, p. 99) explica que:

a historicidade discursiva seria, por exemplo, a história dos gêneros textuais, dos atos de fala, os gêneros literários e retóricos e os estilos. Falar seria, pois, uma atividade universal que se realizaria através de um duplo filtro tradicional: a intenção do ato comunicativo teria que passar em cada momento pela ordem lingüística que encadeia os signos de uma língua segundo suas regras sintáticas e pela ordem textual que atualiza certas tradições.

É perceptível, na definição de duplo filtro de Kabatek, a ligação entre língua, história e tradição, já que a língua, através da história, permite que alguns modos de se expressar se tornem tradicionais, enquanto outros podem cair em desuso, ressalvada a possibilidade de ligação entre uma TD atual e outras TD, no jogo entre repetir e atualizar. A repetição e atualização contemplam uma parte da especificidade do termo TD no âmbito da reiteração de modelos prévios, conforme será apresentado na subseção seguinte.

1.3 Aspectos definidores das TD

Após as considerações realizadas, segue-se uma definição usual e bastante generalizante de TD, a fim de que, a partir dela, seja possível destacar alguns aspectos caracterizadores dessas tradições e que, por isso mesmo, possam ser também definidores do conceito:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (KABATEK, 2005a, p. 7).

Essa definição de TD permite que se percebam as relações históricas entre os textos com os quais se entra em contato hoje e outros textos do passado que serviram de modelo ou deixaram rudimentos de vínculos linguístico-pragmáticos no modo particular e tradicional de se expressar. A rede de conexões tradicionais do discurso está relacionada à concepção de texto adotada no suporte teórico-metodológico que também está presente neste trabalho.

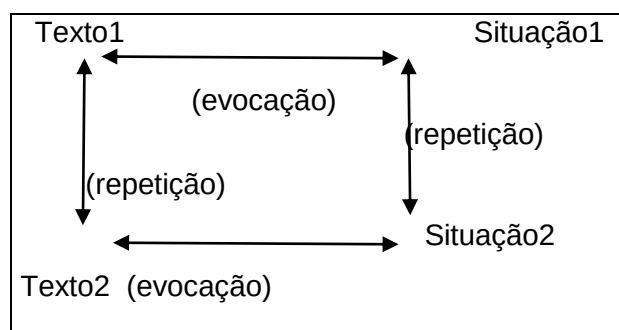
Uma TD opera a partir da repetição, parcial ou completa de algo. Como se trata de discurso, esse tipo de tradição elimina as repetições ou atualizações não-linguísticas. Kabatek (2005a) cita o exemplo de “oi”, como uma palavra que tem valor tradicional de signo e que é uma tradição de dizer que se repete em determinados contextos. A partir disso, também é possível pensar em outras fórmulas de saudação e expandir o conceito a textos complexos, como os pertencentes às esferas jurídica, literária ou jornalística, e que remetem a outros textos já ditos/escritos.

Como nem toda a repetição constitui uma TD, somente as linguísticas e legitimadas pelo uso particular, Kabatek (2005a) entende que uma TD está associada a uma referência à realidade ou a uma situação extralinguística, ou seja, é um ato de fala que tem valor de signo porque se relaciona a outros signos usuais na comunicação humana, em determinadas situações.

As instituições, os canais ou suportes de comunicação vinculam-se à TD do ponto de vista de que a evocam. Um exemplo disso é a escola, instituição onde se pode perceber uma gama de TD, que circulam pela aula, pelo material didático, pela reunião de pais e pelas assembleias, características desse lugar social.

É necessário observar, com Kabatek (2005a p.158), com base nos traços definidores das TD atrelados à repetição e à evocação, que considerar a tradição apenas da perspectiva linguística é insuficiente, pois a contrapartida do linguístico é a situação concreta que o evoca e, portanto, evoca a TD. Um fenômeno natural ou

cultural funciona como constelações discursivas que propiciam a concretização de uma TD, de acordo com o Esquema 3:



Esquema 3: Evocação (KABATEK, 2005a, p.158)

Nesse esquema, é possível perceber que, no eixo vertical, dá-se a repetição das situações e dos textos (1) e (2), enquanto, no eixo horizontal, percebe-se a evocação de um texto (1) ou (2), em relação à situação (1) ou (2) respectivamente. Essas relações, de fato, são concomitantes e interdependentes, o que é sinalizado pela dinamicidade das setas. Uma situação, como, por exemplo, o trivial encontro de transeuntes, pode evocar uma TD, como a saudação, ou ainda, em situações institucionalizadas que podem ter uma rede complexa de TD que, inclusive, evocam umas às outras por meio da constelação discursiva, de acordo com as possibilidades de expressão baseadas no já dito e na situação concreta em que são parcial ou totalmente reiteradas.

Pode-se afirmar, com Kabatek (2005a), que a TD, além de ter valor de signo próprio, é reconhecível por meio de signos meta-textuais. Uma saudação como “bom dia” é um signo próprio e é uma TD, assim também o são a *carta* e o *soneto*. O soneto é uma TD, enquanto signo próprio, pois está arraigado, na cultura, tornando-se reconhecível, embora tenha sofrido alterações composicionais e temáticas no decorrer do tempo. O “bom dia” também o é por seu caráter de repetição, em situações discursivas determinadas, com finalidade de expressar uma saudação, com intenções mais específicas, como introduzir um diálogo, entre outras. A carta, na mesma direção, é uma forma tradicional de comunicação que, embora tenha passado por alterações diacrônicas de forma e estilo, integra-se à situação de comunicação à distância, relacionando-se a outras formas de comunicação contemporâneas que têm propósitos discursivos semelhantes. Trata-se de modos de

se expressar que foram validados pelo uso significativo e tradicional, via repetição e evocação.

Nessa direção, há textos que evocam constelações discursivas, assim como há os que não dependem de contextos extralinguísticos, pois já internalizaram a situação concreta. É o caso, por exemplo, de alguns textos escritos, como os sonetos, apontados há pouco, e os romances, que não possuem uma única forma reconhecível e são produções complexas que não remetem diretamente a uma situação concreta.

Outra relação importante deve ser estabelecida entre TD e variações linguísticas: diatópicas, diastráticas e diafásicas, compreendendo que uma variedade linguística pode constituir uma TD. Essa relação entre TD e variação diafásica (em função do contexto comunicativo), diatópica (em função de diferenças regionais) e diastrática (em função dos grupos sociais), via variedades linguísticas, não se dá de maneira direta, mas existem casos em que, por exemplo, expressões como “Vossa Excelência” podem fazer referência direta à forma como determinado grupo, o de deputados brasileiros, se trata na interação com os demais na formalidade do Congresso. Esse pronome de tratamento constitui uma variedade social e, ao mesmo tempo, é uma TD, utilizada de forma recorrente e cuja ausência pode ter variadas interpretações. O deputado, em outras situações, utilizará outras TD pertinentes à situação comunicativa em que se encontrar.

Na perspectiva de Kabatek (2005a), as TD possibilitarão que se transmita mais do que conteúdos proposicionais, elas servirão como referência a outras TD. Contemplam, em seu bojo, algo maior que o enunciado, enquanto atividade de linguagem em que se relacionam os textos a situações de comunicação concretas.

Ainda segundo Kabatek (2005a), associadas à concepção de TD, têm-se a composicionalidade paradigmática e sintagmática, que lhe são constitutivas. Entenda-se pela primeira a propriedade heterogênea de textos, como um romance, que pode ter vários outros textos diferenciáveis em sua composição. E pela segunda, a propriedade capaz de distinguir, na linearidade de uma TD, outras TD que a constituem.⁴

⁴ Dada a composicionalidade das TD, a transformação de uma pode atingir um só de vários aspectos concomitantes. Para dar um exemplo, podemos observar vários casos da épica medieval onde um poema épico, ligado a uma forma textual particular, é transformado, aparecendo inserido em textos historiográficos como parte da narração. Tal é o caso, p. ex., do célebre Poema de mio Cid da tradição castelhana medieval, que aparece posteriormente à sua versão épica em toda uma série de

Há que se pensar, nessa linha, que, quando se leva em conta uma tradição de texto, como a letra de uma música, pode-se ter nela várias TD, pois a composicionalidade paradigmática pode evidenciar uma possibilidade dentre várias outras formas de composição musical, por meio da composicionalidade sintagmática. Ambas podem mostrar a heterogeneidade linguística dos textos, com vários textos inseridos em sua materialidade.

1.4 Reflexões sobre a historicidade dos textos

É no longo percurso histórico que se pode evidenciar a relação entre um texto e outro, pelo viés da TD, e podem-se perceber as alterações sofridas pela força dos contextos históricos. Entretanto, o que de fato marca a tradição de um texto é seu caráter de permanência, que possibilita que, num *continuum* histórico, percebam-se as marcas discursivas de recorrência, repetição e evocação.

Numa sincronia ou numa diacronia, um texto estabelece relações com os demais e repetem-se alguns elementos textuais. É interessante que o pesquisador possa ver que apenas alguns deles ganham legitimidade e se tornam tradições num processo de ritualização. Ao extralinguístico se funde, desse modo, a sua parte linguística, marcando o aparecimento de tradições.

Essa afirmação de Kabatek (2005a), de certa forma, converge para a duplicidade histórica, proposta por Koch, P. (1997 apud KABATEK, 2005 a), e se ancora no reconhecimento de que as regras discursivas são internalizadas pelos grupos culturais e as regras da língua são parte das comunidades linguísticas:

[...] quando encontro alguém na rua pela manhã e minha intenção ou finalidade comunicativa é de expressar uma saudação, essa finalidade não encontra solução só no acervo lexical e gramatical do português, produzindo enunciados com “emito uma saudação para você” ou semelhantes, senão que digo ‘bom dia’ segundo uma tradição estabelecida além das regras da língua [...] (KABATEK, 2005a, p. 2)

crônicas medievais a partir do século XIII. A prosa historiográfica segue outro padrão textual do que a épica; estamos, pois, diante de uma transformação de uma forma textual em outra, mantendo-se o mesmo conteúdo (KABATEK, 2005, p. 9).

O que um “bom dia” diz vai além da conjugação de um adjetivo anteposto a um substantivo, mesmo que, no caso do português brasileiro, a ordem prototípica do modificador em relação ao seu núcleo não seja essa. Ele permite vislumbrar, segundo De Assis (2009), atos de fala que são profundamente tradicionais e instituídos dentro de cada cultura

Oesterreicher (1997, *apud* De ASSIS, 2009, p. 3859) define TD como esquemas convencionais e normativos através dos quais se transmitem a linguagem e os sentidos. Sendo assim, esses esquemas abrangem o funcional, o situacional, o temático e a formulação linguística. Kabatek (2005a/b) refere-se à TD como a relação histórica entre um texto e outro que lhe antecede, uma relação dada por um processo de repetição. Nessa linha, de acordo com De Assis (2009, p. 3859), com base em Koch, P. (1997), é importante lançar luz sobre os vínculos entre uma TD e certas estruturas linguísticas, ou melhor, o aparecimento de determinados fenômenos linguísticos que estão atrelados às TD.

Reconhecer o caráter de composição das TD é retirar delas a estaticidade inferida pela palavra tradição e, assim, não a observar como algo pronto e estabelecido, mas, sim, como um processo dinâmico que se relaciona a todo um universo textual que a circunda. Isso possibilita que as TD se transformem, por meio das interferências, capazes de mudar o que é tradicional.

Kabatek (2005b) propõe, portanto, uma ampliação dupla do conceito de TD: (i) quando ele menciona TD, refere-se à amplitude de textos, não somente aos complexos, ou seja, incluindo também as fórmulas e formas textuais; e (ii) apresenta seu caráter composicional:

[...] como em todo o parlamento, no parlamento da França, diferentes políticos identificam-se mediante os seus discursos com diferentes idéias políticas, e também a sua procedência diversa. Há, evidentemente, uma identificação com conteúdos políticos expressa nas proposições feitas respectivamente; mas observa-se também outra relação de tradição quando políticos que frequentam a prestigiosa fábrica de elites, que é a Escola Nacional de Administração (ENA), evocam o seu passado usando determinadas expressões ou até formas gramaticais como o perfeito do subjuntivo, forma arcaica praticamente morta no francês oral atual. O que fazem esses políticos é evocar um discurso que serve de identificador com um grupo social [...] É uma tradição de falar dentro do mesmo gênero, o discurso parlamentar (KABATEK, 2005b, p. 509).

As TD evocam outras TD e são constituídas de outras TD, enquanto formas textuais e construções que criam, portanto, certa tipicidade e regularidade nos atos

de fala. Kabatek (2005b) ressalta que a junção é um fator linguístico importante para a identificação de uma TD, e que pode ser tomada como um “aspecto sintomático” de uma determinada TD. Entende-se, por junção, os mecanismos textuais de ligação sintática e semântica, tal como será apresentado com detalhes no Capítulo 3 desta Parte I.

Kabatek (2005a) mostrou, em estudos sobre textos jurídicos na Península Ibérica da Idade Média, a existência de até três TD diferentes num mesmo texto, considerado, a princípio, apenas como texto jurídico, denominação, segundo ele, insuficiente. Coexistiam, por exemplo, o direito oral, o foral e o direito romano que estão na base da justiça da época, cada um com uma função diferente. Além disso, o autor mostra que o conjunto dos mecanismos de junção dos textos jurídicos e a análise bidimensional desses mecanismos permitem ver que certos juntores são sintomáticos de uma TD e mostram a complexidade constitutiva dos textos quanto à heterogeneidade composicional.

O autor concluiu que a suposta homogeneidade dos gêneros guarda a heterogeneidade da composição e a presença de TD, a princípio, não levadas em conta nas análises textuais. Essa heterogeneidade das TD precisa ser explicada à luz das questões históricas pertinentes, mas também está atrelada aos usos atuais, na perspectiva da sincronia atual, se se considera o conceito coseriano de língua conforme foi exposto aqui. A relevância desses estudos para a explicação dos distintos fenômenos linguísticos, para além das mudanças linguísticas, é primordial, pois muitos deles podem ocorrer, relativamente, de modos distintos, em TD também distintas.

Essa visão histórica dos textos é muito cara ao conceito de TD, que apresenta várias facetas de investigação linguística, das quais Kabatek (2005b) destaca três principais enfoques teórico-metodológicos sobre os quais se discorreu com base em Lopes-Damasio (2011, p. 74-76). No primeiro enfoque, o autor se refere a fatores históricos que permitem que uma TD seja adotada ou criada, pois as TD emergem dessas constelações históricas novas que fazem urgir a sua necessidade. O pesquisador, nesse enfoque, pode olhar para a constituição da TD e se indagar sobre quais fatores históricos influenciaram na sua adoção. Por exemplo: quando se olha para a TD editorial, sob esse viés, poder-se-ia perceber como ela se constituiu diacronicamente através da sua forma atual, ou seja, compreender o porquê de ter sido adotada em uma determinada comunidade linguística e até supor que outras

TD, em desuso ou não, podem ter ligações com a emergência da TD editorial tal como se reconhece hoje como prática.

O segundo enfoque dá-se pela descrição das características e especificidades das diferentes TD. Existe uma gama de fatores que podem influenciar nessa descrição, uma vez que o pesquisador pode levar em conta as circunstâncias que envolvem o texto, o modo como esse texto se relaciona a outros textos, à língua ou às línguas históricas. É importante que se pense também no vínculo de um texto com as instituições sociais, além da variedade lexical empregada, na relação *type-token*, nos recursos lexicais, morfossintáticos, nas possíveis fórmulas textuais presentes e em como esses fatores, em conjunto, podem levar à caracterização e a transformações de uma TD. Um exemplo poderia ser explorar da TD notícia, que seria descrita em termos das especificidades linguísticas do *lide*, da relação com outras TD do âmbito jornalístico, bem como, levando em conta a frequência de advérbios e verbos que expressam a relação contextual da TD com a finalidade expressiva de se referir aos dias atuais.

O terceiro enfoque relaciona a historicidade das línguas particulares à historicidade das TD. Através dele é possível perceber a distinção entre a evolução da língua e a das tradições de textos. Esse tem sido um enfoque muito presente nos estudos histórico; porém, há que se rever a questão da autonomia da língua em relação à tradição de textos. Com isso, Kabatek (2005b) não quer negar que alguns componentes da língua possam ser autônomos, mas enfatizar a necessidade de que se especifique “qual componente”. Por exemplo, os estudos gerativistas têm definido a sintaxe como uma área autônoma, mas é preciso ainda dizer qual sintaxe é autônoma, a sintaxe simples ou a complexa?

A partir daí, Kabatek (2005b) ainda destaca que levar em conta a história dos textos é imprescindível para a Linguística Histórica, pois somente dessa maneira teremos a noção real das mudanças linguísticas e suas especificidades ligadas a uma plethora de fatores sócio-históricos e culturais.

Seguindo esse raciocínio, a Romanística Alemã, atrelada a estudos filológicos e históricos, permite que se pense o texto em sua materialidade constitutiva, fundamentada na visão de língua e linguagem em constante movimento e variação, e dará as bases metodológicas para o entendimento de língua histórica, que extrapola o conceito de diacronia, tal como se adota neste trabalho.

1.5 Vantagens do viés das TD

Considerando o que foi dito sobre as TD, enquanto pressuposto teórico-metodológico para investigação linguística, é preciso ressaltar que a adoção desse conceito pode lançar luz à compreensão de espaços comunicativos histórica e culturalmente determinados, ou seja, é uma maneira de tratar, com profundidade histórica, os objetos comunicativos em situações concretas.

Assim, percebe-se como os textos são afetados por fatores históricos que lhes circundam e como a linguagem e os mecanismos de junção podem ajudar a tratar dessa questão em termos da especificidade das relações que há, mesmo sincronicamente, entre os textos.

Através das noções de língua histórica e de tradição de textos da Linguística Românica, pode-se dar conta do contínuo antropológico universal, que aproxima e distancia os sujeitos, membros ou não da mesma comunidade linguística e cultural, ou seja, da dimensão de variação da linguagem nos mais diversos (con)textos. A norma constitutiva das tradições de textos e das línguas também pode ser descrita e ocupar lugar relevante nesse trabalho investigativo.

Uma ideia que advém dessa conjuntura é o entendimento de que há ramificações de textos, mas, desde Bakhtin (1992), tem-se dado um tratamento ao texto como uma instância relativamente estável em relação à história, de acordo com Kabatek (2012). O percurso das TD acentua, de acordo com esse autor, o pressuposto de que a diversidade constitutiva da linguagem pode ser descrita em correlação intrínseca com esse aspecto histórico que é constitutivo da língua concreta.

Nessa direção, é evidente, como trata de enfatizar os textos da literatura aqui citados, que a gramática histórica ganha muito em considerar as TD, pois os fenômenos de mudança linguística passam pelas tradições de textos, do ponto de vista de que as línguas históricas, em seu processo evolutivo, têm múltiplas facetas a serem consideradas, inclusive as imbricações que há entre uma língua histórica e outra podem se dar devido à adoção ou mudança de uma TD. Trata-se, pois, de uma forma mais realista de olhar para os aspectos gramaticais de uma língua viva, tomada em sua base histórico-cultural. Por outro lado, é evidente também, como se buscará mostrar neste trabalho, que a análise de textos sincrônicos, associados às questões de fala/oralidade e escrita/letramento, no que tange ao processo ampliado

da aquisição do modo escrito de enunciar, tem muito a ganhar com esse paradigma, pois, ao tomar a língua em seu funcionamento, garante as ferramentas teórico-metodológicas necessárias para compreender a história que constitui os usos linguísticos atuais.

1.6 Sobre TD e gênero

A noção de TD desenvolve-se paralelamente às noções de gênero textual e gênero discursivo da Linguística Textual e da Análise do Discurso na década de 80 (ZAVAM, 2009, p. 226-227)⁵. A princípio, as postulações teóricas da Romanística Alemã sofreram inúmeras críticas devido a uma proximidade conceitual entre TD e gênero (textual/discursivo). No entanto, Kabatek (2005a/b), através de suas investigações, acentua a distinção existente entre os dois conceitos, argumentando sobre a necessidade da noção de TD para dar conta da dinâmica histórica dos textos.

A noção de gênero vem da Retórica antiga e desde lá se refere a um processo de tipificação de enunciados de acordo com algumas características que lhes são próprias. Segundo Kabatek (2012), a cientificidade do termo será uma conquista posterior, levada a cabo por Bakhtin (1992).

Os gêneros discursivos, conceituados por Bakhtin (1992) como enunciados relativamente estáveis, situam melhor a questão da tradição em relação ao discurso, através da observação da regularidade dos atos de fala e da heterogeneidade da linguagem humana. Nesse sentido, Kabatek (2012) destaca essa noção como precursora do conceito de TD, já que os enunciados são situados nos momentos históricos em que foram produzidos.

⁵ O conceito de gênero textual, utilizado pelos autores citados, bem como por Marcuschi, assentado na perspectiva do Círculo de Genebra (BRONCKART, 1999), pode ser considerado, nesse sentido, um sinônimo de TD, pois os gêneros são, nesse caso, TD complexas, que podem, em sua composicionalidade, abarcar outras TD conforme foi exposto no Capítulo 1 desta dissertação, já os gêneros discursivos de Bakhtin (1992) têm muito em comum com as TD, pois são considerados em sua historicidade. No entanto, um gênero pode apresentar várias TD. O foco sobre o discurso também se evidencia em Kabatek (2003), quando propõe que as TD são formas tradicionais de dizer historicamente determinadas e atualizadas no nível discursivo. Portanto, ambos (TD e gêneros discursivos) atualizam a língua, no entanto, a perspectiva mais ampla das TD (dado que, conforme Capítulo 1, todo gênero é uma TD, mas nem toda TD é um gênero) permite perceber os nexos temporais entre os textos, tanto na materialidade linguística quanto na finalidade discursiva, com desdobramentos mais nítidos sobre os usos efetivos da língua.

A noção bakhtiniana de gêneros discursivos representa, segundo Kabatek (2012, p. 583), uma forte crítica à noção saussuriana de *langue* que, por assim dizer, deixava de lado os aspectos das tradições linguísticas e literárias envolvidos no objeto comunicativo. Ainda que Bakhtin (1992) tenha dado um enfoque às tradições literárias, permitiu que se percebessem as transformações que ocorrem na língua por meio do texto, apontando as relações intertextuais na trajetória histórica.

A divisão bakhtiniana (1992) entre gêneros primários, mais próprios da linguagem cotidiana, por isso também denominados *coloquiais*, e os secundários, que exigiam maior elaboração da linguagem ou maior complexidade, amplia a concepção de gênero para além dos literários, compreendendo-se, então, que os atos de fala historicamente constituídos, nas esferas da comunicação humana, consistiam em regularidades e repetições do ponto vista temático, composicional e estilístico, o que pode ser associado à noção de TD, tal como foi apresentado.

Zavam (2009, p. 80) faz algumas considerações importantes sobre a relação entre TD e gêneros discursivos, considerando que, em muitos aspectos, podem ser entendidos como conceitos análogos. Por exemplo, quando se fala, em Kabatek (2003), sobre o duplo filtro de historicidade (a língua histórica e a TD), por que perpassam os atos de fala do sujeito, encontra-se em Bakhtin (1997) a ideia de que o locutor é perpassado pela língua, com a sua estrutura, considerada mais fixa, e, pelo gênero discursivo, com suas regras pertinentes de uso, consideradas mais fluidas.

A autora ainda pondera que a dialogia da linguagem bakhtiniana (1997), que propõe a ligação entre os gêneros do discurso na história, encontra eco em Kabatek (2005a), no que se refere à proposição de que os textos sempre dialogam com outros textos a partir da repetição parcial ou completa. A repetição e a evocação de Kabatek, conforme foi apresentado, têm a ver com a ideia de Bakhtin de que os gêneros “recordam” o seu passado ao sofrerem alterações no tempo.

Nesse sentido, Zavam (2009, p. 81) aponta que a forma como uma TD é adotada por uma comunidade linguística é semelhante à de um gênero discursivo, pois ambos precisam de legitimidade pública para que se consagrarem enquanto TD e enquanto gênero. Assim, quando Kabatek (2005a) pontua que as TD sofrem a interferência de outras e que elas dependem de contexto sócio-histórico, a noção de transmutação de gêneros bakhtiniana é, de certa forma, similar, pois se refere a

essa possibilidade de um gênero se imbricar no outro, como, por exemplo, uma carta que pode fazer parte do universo ficcional do romance.

Embora as semelhanças sejam de fato inegáveis há também diferenças, pois, escapam ao conceito de gênero discursivo as fórmulas conversacionais ou mesmo as tradições formulaicas, como a expressão “era uma vez”. O conceito de TD, como foi dito, é mais amplo e Zavam (2009, p. 84) vai ressaltar que as tradições de falar, no sentido kabatekiano, incorporam os gêneros discursivos e podem até se aproximar à interdiscursividade, ou seja, à relação tradicional entre os discursos, mas não podem ser confundidas com esta, porque não se trata de repetição do ponto de vista ideológico, senão do textual e linguístico.

A duplicação da historicidade da língua para a inserção das TD permitiu que se criasse um conceito autônomo em relação ao de gênero, primeiro porque o concebe constitutivamente a uma específica teoria da linguagem, e também porque permite a identificação das fórmulas, das formas textuais (como os chamados “tipos textuais”), e das finalidades de expressão, entre outros elementos, como constelações discursivas que podem adquirir autonomia pela sua repetição. O que fundamenta uma TD, segundo (KABATEK, 2012, p. 586), é o “princípio da composicionalidade tradicional”, que implica uma atitude investigativa que perceba, no texto, os nexos tradicionais ou as TD coexistentes.

Há formas textuais pré-existentes que, segundo Koch, P. (2008), citado por Lopes-Damasio (2011), constituirão tradições pelas necessidades comunicativas emergentes. O dizer precisa se adequar ao meio e é previsível que esse meio também varie. Usando as palavras de Lopes-Damasio (2011, p. 267), apesar de essa noção de TD poder se confundir com a de gênero, é através dela que fica mais evidente o amálgama histórico do gênero, pois estes não “surgem num grau zero, mas a partir de outros gêneros, a depender de necessidades sócio-discursivas”.

Podemos, então, resumir até aqui os seguintes aspectos: os sistemas linguísticos são objetos históricos adquiridos pelos falantes como técnicas mediante aos quais os indivíduos produzem enunciados individuais. Os sistemas mesmos não são estáticos, eles são transformados continuamente pelos processos dinâmicos de transmissão e de diálogo: as línguas mudam. Os enunciados individuais são historicamente únicos e, na história da unicidade, estão situados no tempo e no espaço; mas eles podem referir-se a outros enunciados individuais, repetindo-os ou alternando-os (KABATEK, 2012, p. 581).

O conceito de TD promove uma ligação entre a linguagem, a gramática, que regula os atos de fala, e a pragmática, evidenciada no uso da capacidade criativa da linguagem pelo sujeito. Essas considerações chegam ao axioma de que todo gênero é uma TD, mas nem toda a TD é um gênero, o que amplia os estudos linguísticos sob esse viés e permite historicizar o falar em seus múltiplos contextos de produção.

Nesta pesquisa, a adoção do conceito de TD e não de gênero discursivo ou textual está, portanto, atrelada à historicidade dos atos de enunciação, que serão considerados a partir da escrita e à consideração da heterogeneidade linguística constitutiva nos textos analisados. Trata-se de um viés investigativo que permite identificar tradições de falar/escrever variadas num mesmo texto, o que torna o objeto mais complexo, permitindo vislumbrar as modalidades e os usos concretos da língua feitos pelo sujeito.

1.7 Sintetizando a abordagem e suas consequências

Este Capítulo foi desenvolvido a partir do objetivo de apresentar o conceito de TD, para sua apropriada utilização no que tange aos fenômenos de linguagem que ocorrem nos textos que constituem o *corpus* adotado para este trabalho, considerados através da história da sociedade em intrínseca relação com a tradição que lhe constitui. O conceito amplo, como tomado aqui, permite uma investigação no nível linguístico, sem desconsiderar os aspectos histórico-culturais que estimulam a adoção, utilização e legitimação de algumas construções linguísticas, nas TD, em detrimento de outras.

Ressalta-se aqui o que Kabatek (2005a) denominou de composicionalidade, pois o termo indicia a instabilidade existente nas TD, tanto no nível paradigmático quanto no sintagmático. A validade de uma pesquisa sob o viés das TD é comprovável pela múltipla dimensão dos aspectos composicionais que se tem em conta, o que fundamenta um estudo que correlacione o discursivo, o linguístico e o histórico-cultural.

A relação entre o conceito de TD e outros, como os de gênero e tipo textual, é tomada, a exemplo de Kabatek (2012), não como um problema, mas como uma permissão para dizer que o estudo das tradições de texto é mais amplo do que o de

gênero, de modo mais histórico, e que, assim, permite uma explicação dos fenômenos textuais com base em sua heterogeneidade constitutiva.

Entende-se que partilhar a concepção de língua de Coseriu (1979), alterada e duplicada no ponto da historicidade por seus seguidores, é ter em conta que se estuda uma língua viva, concreta, dinâmica, passível, portanto, de mudanças e de variações, pois a inovação é parte do processo criativo em circunstâncias históricas determinadas.

CAPÍTULO 2

FALA E ESCRITA: DA DICOTOMIA À HETEROGENEIDADE

2.1 Apresentação

Numa perspectiva dicotômica, são notórias as diferenças entre a língua falada e a língua escrita, e as considerações acerca da natureza de cada uma trouxe para os estudos linguísticos uma gama de definições que, muitas vezes, opuseram-nas drasticamente. Assim, neste Capítulo, apresentar-se-ão as relações entre fala e escrita, sem focalizar estritamente o código, mas, sim, as interações entre os sujeitos e a linguagem nesses dois modos de enunciação, e sem perder de vista que nenhuma é preferível a outra, a não ser sob determinadas condições de comunicação, pois ambas fazem parte dos usos efetivos da linguagem e estão, de certa forma, imbricadas.

Para melhor explicar as relações entre fala e escrita, iniciar-se-á com um apanhado de perspectivas teóricas acerca do tópico, de acordo com Marcuschi (1997), examinando as visões distintas sobre a língua e suas modalidades de uso e considerando também que a escrita, como prática social, tornou-se indispensável para enfrentar as situações do cotidiano na contemporaneidade, não por características que lhe são iminentes, mas pela forma com que se impôs, à sociedade o seu uso, devido ao próprio grafocentrismo da sociedade atual.

Não se pode afirmar a primazia da fala sobre a escrita ou vice-versa, salvo no âmbito cronológico, em que a fala aparece primeiro, mas, sim, sustentar que as duas funcionam como modos de enunciação distintos com relevância também distinta para cada sociedade/cultura, considerada especificamente.

São diferentes os modos de enunciação (fala/escrita), nenhum pode substituir o outro e, embora a sociedade, hoje, seja marcada pelo impacto do letramento, os seres humanos são, sobretudo, falantes, condição da qual nunca se abdica e que se adquire de forma natural, no convívio social, sem a necessidade da educação formal que caracteriza a aquisição da escrita. A primazia cronológica da fala é, nesse sentido, incontestável, mas a escrita, surgida muito depois, passou a ter um *status* bem peculiar, no sentido de ser supervalorizada em detrimento da fala.

Fala e escrita são, segundo Marcuschi (1997), modalidades⁶ de uso da língua, enquanto oralidade e letramento são entendidos como práticas sociais. Oralidade e letramento contemplam a dimensão sócio-comunicativa da língua, enquanto fala e escrita se relacionam aos fatos linguísticos analisáveis. O pesquisador traz várias vertentes que analisam as relações entre fala e escrita, as quais serão resumidas em seguida.

2.2 Perspectivas sobre a relação entre fala e escrita

A primeira vertente se difunde por volta de 1950 a 1980 e propõe uma relação dicotômica entre fala e escrita. Essa perspectiva, que tem como princípio a oposição estanque entre as modalidades, explicita a preferência pela modalidade escrita por considerá-la mais complexa. Por seu rigor formal e por restringir-se ao código linguístico, a perspectiva tradicional é propulsora do modelo prescritivista de estudo da linguagem. O quadro abaixo, de Koch, I. (1997a), resume a visão dessa vertente:

FALA	ESCRITA
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Predominância do “ <i>modus pragmático</i> ”	Predominância do “ <i>modus sintático</i> ”
Fragmentada	Não-fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas, com subordinação
Pequena frequência de passivas	abundante

⁶ Côrrea (2013) assinala que o caráter processual e histórico da escrita se marca no termo *modo*, enquanto *modalidade* só permite ver a escrita como código alfabético, numa perspectiva estática. Entende-se, nesse sentido, na esteira do autor, que o emprego do termo “modo” seja suficiente para explicitar a semântica dos modos de atualização da língua heterogeneamente constituídos, por meio da escrita, e, ao mesmo tempo, para afastar todo o entendimento dicotômico muitas vezes associado, na literatura, ao termo “modalidade”

Poucas nominalizações Menor densidade lexical	Emprego frequente de passivas Abundância de nominalizações Maior densidade lexical
--	--

Quadro 3: Dicotomias entre Fala X Escrita (KOCH, I., 1997a, p. 32)

O que se observou, com base em Marcuschi (1997, p.128), nessa perspectiva dicotômica, foram as “condições empíricas de uso da língua”, resultando em visões sobre o texto bastante ineficientes, pois não eram capazes de dar conta da dinâmica da língua concreta. Embora hoje seja muito criticada, essa visão dá fundamento ao ensino de língua pautado em regras e à maior parte das gramáticas normativas.

Importa frisar que essa perspectiva vê, nos signos linguísticos, valores que lhe são imanentes e, como assevera Marcuschi (1997, p.128), não percebe que as decisões tomadas refletem mecanismos sócio-culturais que não são explícitos. Nesse sentido, Koch, I. (1997b) considera a fluidez das características da fala e da escrita como aspectos que refutam a dicotomia fixa como apresentada no Quadro 3. No entanto, embora a autora se manifeste explicitamente contra esse entendimento, utiliza a expressão “interferências na escrita” (KOCH, I., 1997b, p. 34), deixando inferir uma dicotomia na sua abordagem metodológica para a análise linguística que propõe.

A perspectiva tradicional/dicotômica tem seus reflexos bastante marcados no ensino-aprendizagem ainda hoje. Ela alimenta-se na crença de que o ensino deve pautar-se por regras e correção gramatical e como, indiscutivelmente, é função da escola ensinar o código escrito, a escola propicia a difusão dessa dicotomia e corrobora a supervalorização da escrita como instrumento intrinsecamente dotado de valores capazes de promover o desenvolvimento do sujeito.

Uma segunda vertente, para Marcuschi (1997), é a denominada culturalista. Essa visão da relação entre fala e escrita nasce no universo antropológico, sociológico e psicológico e reflete, com propriedade, a oposição entre as práticas orais e as letradas. Essa tendência parte de fenômenos maiores como a cultura, para refletir sobre os impactos sociais, psicológicos, econômicos e culturais da escrita em cada sociedade. Inscrevem-se, nessa corrente, Olson (1977), Scribner e Cole (1981), Ong (1986, 1987) e Goody (1986, 1987), como também antropólogos, psicólogos e sociólogos, a partir de Marcuschi (1997). As características dessa vertente podem assim ser resumidas:

Cultura oral	<i>versus</i>	Cultura letrada
Pensamento concreto	<i>versus</i>	Pensamento abstrato
Atividade artesanal	<i>versus</i>	Atividade tecnológica
Cultivo da tradição	<i>versus</i>	Inovação tecnológica
Ritualismo	<i>versus</i>	Analiticidade

Quadro 4: Aspectos da perspectiva culturalista (MARCUSCHI, 1997, p. 29)

A crítica que Marcuschi (1997) faz a essa vertente ancora-se em três considerações feitas por Gnerre (1985) que são: o etnocentrismo, ou seja, a observação da cultura alheia com os preconceitos advindos da ideia de que cultura do observador é mais importante; a supervalorização da escrita, que propicia pensar a escrita como modalidade hegemônica dentro das culturas que fazem uso dela; e, por último, o tratamento globalizante, que vê a escrita como algo que é de domínio de todos, numa dada cultura, quando, na verdade, há grupos letrados que detêm a escrita, ao passo que os outros são marginalizados por não a dominarem.

A perspectiva culturalista guarda ainda uma visão dicotômica, embora considere em sua análise, aspectos não-linguísticos. Revela uma separação entre as sociedades letradas, que fazem uso da escrita, e as sociedades de cultura oral, que não dominam a escrita. Essa tendência, para Marcuschi (1997), colabora para mistificar a escrita e seus efeitos sobre a sociedade, pois as sociedades letradas seriam, desse ponto de vista, mais civilizadas, enquanto as de cultura oral seriam primitivas.

Pode-se observar, com Assis (2005), que as perspectivas aqui descritas, além da dicotomia, entendem a escrita como mais importante do que a fala. E, nessa segunda tendência, estudos como o de Goody (1970), que ligam a escrita à capacidade de abstração, e os de Olson e Hildyard (1983), que entendem o texto escrito como expressão de conhecimentos formais, ambos citados por Assis (2005), esquecem-se de que o texto escrito não é autônomo e que ele só existe e pode ser bem compreendido quando se considera o contexto e o processo de produção.

Numa terceira perspectiva, Marcuschi (1997) aponta a consideração dos adeptos da concepção fundada na variação linguística, ou seja, o entendimento de que há níveis de formalidade no uso da língua, dados em termos de padrão e não-padrão. Desse ponto de vista, o currículo é delimitado à percepção bidialetal,

mostrando que há a necessidade de estabelecer o que é regular ou que é variação no uso da língua. Permanece ainda, nesse sentido, uma visão dicotômica, e as características/preocupações dessa tendência podem ser assim resumidas:

- Língua padrão - Língua culta - Norma padrão	- Variedades não-padrão - Língua coloquial - Normas não-padrão
---	--

Quadro 5: Aspectos da perspectiva variacionista (MARCUSCHI, 1997, p. 131)

Um aspecto positivo dessa tendência, para Marcuschi (1997), é a consideração de que existe variação tanto na fala quanto na escrita, o que retira da língua escrita a sinonímia com a língua padrão. Mas, quando considera fala e escrita como dialetos, a perspectiva variacionista, segundo o autor, se equivoca, pois, são, na verdade, modalidades de uso da língua nas quais se podem observar variações.

Esse enfoque ainda deixa bem polarizado o que é padrão e o que não é padrão, revelando, nesse sentido, uma postura metodológica dicotômica, embora tenha ampliado o conceito de escrita e de fala, incorporando as possibilidades de variação dessas modalidades.

Como quarta perspectiva, Marcuschi (1997) aponta a interacional. Essa perspectiva, à qual o próprio autor se vincula, considera fala e escrita dentro de um *continuum* textual/tipológico, onde se observam os usos da língua atrelados aos gêneros textuais e aos contextos socioculturais. Dessa tendência, o autor destaca:

Relação dialógica no uso da língua Estratégias linguísticas Funções interacionais Envolvimento e situacionalidade Formulaicidade
--

Quadro 6: Aspectos da perspectiva interacional (MARCUSCHI, 1997, p.132)

A perspectiva interacional, no Brasil, tem em Marcuschi o seu principal representante, bem como, de acordo com Marcuschi (2012), de formas diferentes, aparece em Koch I. (2002, 2003, 2009), Mollica (2003), Abaurre (2003), Fiorin (2003), Castilho (2003), Albano (2003) e, nos próprios PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998). A tendência, de acordo com o autor, nasce nos estudos de

Oesterreicher (1997) e defende que fala e escrita não são dois polos opostos, mas, sim, modalidades de uso em que as diferenças acontecem dentro de um *continuum* tipológico das práticas de produção textual, portanto, não há uma variação única entre fala e escrita, mas sim um *continuum* não-linear que contempla os usos e as situações (MARCUSCHI, 1997, p.136).

Marcuschi (1997) demonstra que fala e escrita podem ser representadas em dois *continua*, onde tem-se: (i) a linha da diversidade tipológica e de gêneros textuais (GF1, GF2...GFn, GE1, GE2...) , e (ii) a linha dos aspectos definidores de cada modalidade, como demonstrado no Gráfico 1 abaixo:

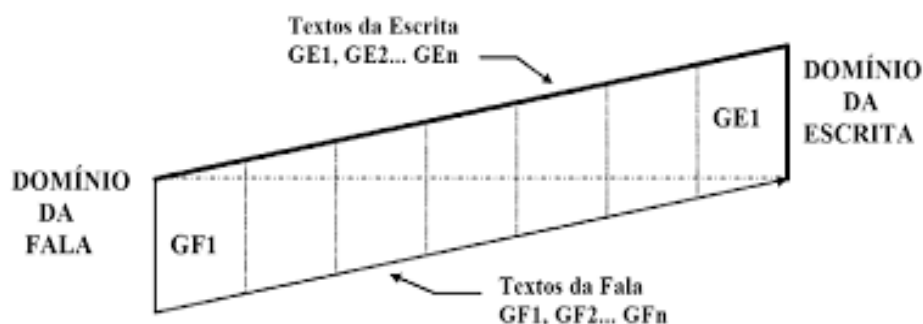


Gráfico 1: *Continuum* da fala e da escrita (MARCUSCHI, 2001, p. 38)

O que fazer para identificar os lugares que ocupam cada gênero nesse *continuum*? Koch, P. e Oesterreicher (1997), a partir de Marcuschi (2001), determinam alguns parâmetros de proximidade e distância comunicativa que nos auxiliam a identificar os gêneros ou as TD⁷ nos *continua*, de acordo com os contextos de produção de cada um. No Quadro 7, verificam-se os parâmetros:

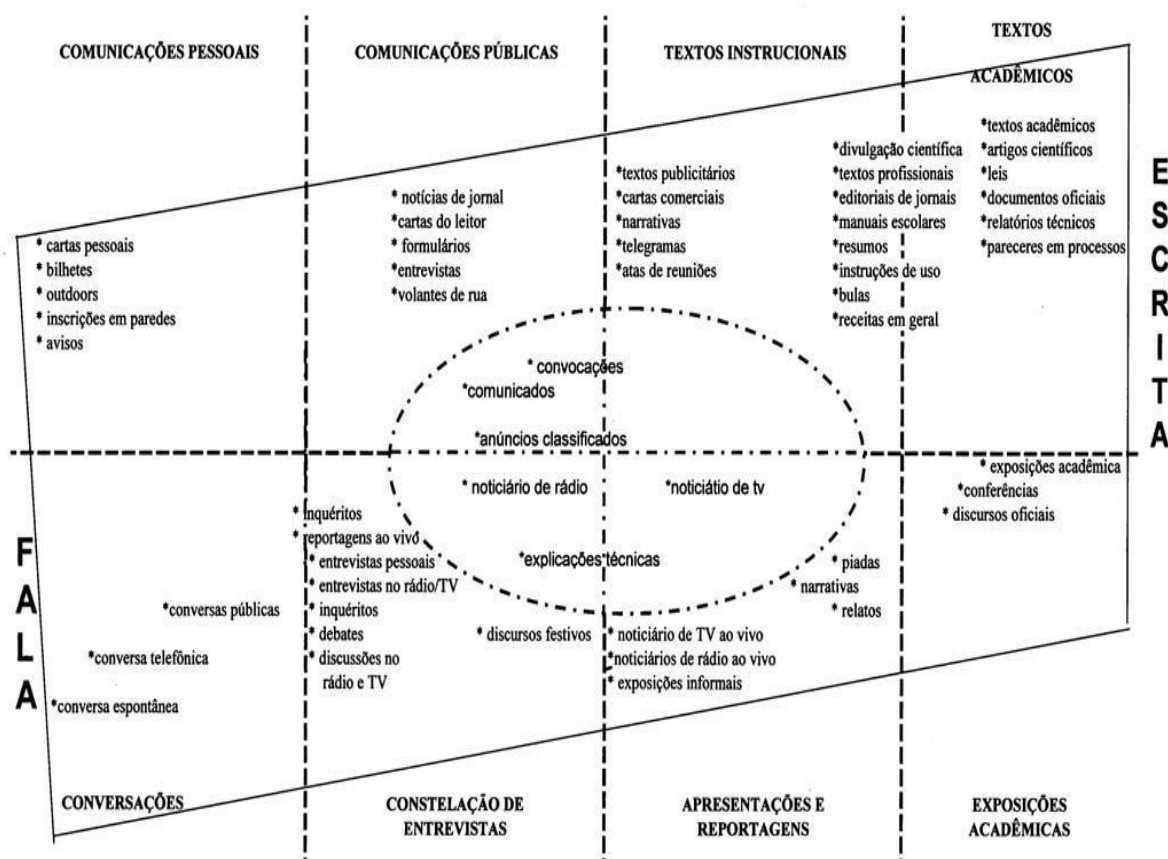
(a) Caráter privado da comunicação	(a') Caráter público da comunicação
(b) Intimidade ou familiaridade dos interlocutores, maior conhecimento compartilhado	(b') Ausência de intimidade ou familiaridade entre os interlocutores, menor conhecimento partilhado
(c) Forte participação emocional	(c') Falta de participação emocional
(d) Inserção do discurso no contexto situacional	(d') Não-inserção do discurso no contexto
(e) Referencialização direta	(e') Referencialização indireta

(f) Proximidade local e temporal entre interlocutores (comunicação face a face)	(f') Distância local e temporal entre os interlocutores
(g) Intensa cooperação	(g') Fraca cooperação
(h) Dialogicidade	(h') Monologicidade
(i) Espontaneidade	(i') Reflexão
(j) Pluralidade temática	(j') Fixação do tema

Quadro 7: Condições de produção (KOCH, P; OESTERREICHER, 1997, *apud* DOMINGUEZ, 2012, p. 85)

As condições de produção demonstram a variabilidade dos *continua*. Para ilustrar, Marcuschi (1997) cita como exemplo de “fala prototípica”, “conversação entre amigos” e, no outro polo, “da escrita prototípica”, o autor cita o “contrato bancário”. A produção, em sua variabilidade, nos meios fônico e gráfico, é determinada por fatores contextuais que garantem a informatividade, o grau de formalidade e a clareza do discurso elaborado. Assim, os gêneros são distribuídos no *continuum*:

Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita



Esquema 4: Distribuição dos gêneros textuais no *continuum* (MARCUSCHI, 2001, p. 41)

Podem-se observar, com Koch, I. (1997), que há gêneros escritos que estão mais próximos da fala prototípica, como o bilhete, enquanto há gêneros falados, como os sermões e as exposições acadêmicas, que estão mais próximos da formalidade da escrita. E, ainda, há que se destacar a presença dos gêneros mistos, como as entrevistas e as notícias de TV. Desse modo, o *continuum*, para Marcuschi (1997, p. 137), serve para diferenciar e também para correlacionar os textos de modalidades distintas, permitindo que se percebam as variações do léxico, da estrutura, dentre outros aspectos de similaridade e diferença nos *continua* sobrepostos.

Essa tendência propõe que há textos tipicamente falados e textos tipicamente escritos, considera também que existem as variações na base semiótica e na formalidade de uso das duas modalidades. No entanto, segundo Corrêa (2001), ainda é, nesse sentido, uma postura dicotômica, pois não considera a fala e a escrita como modalidades mutuamente constituídas.

A última perspectiva que será analisada, na seção 2.3, é a que se utilizar como fundamento para as análises deste trabalho. Nessa vertente, não há dicotomias, pois a escrita é concebida como heterogeneamente constituída, no sentido de que o falado está presente no escrito e de que os dois se constituem reciprocamente. Há vários autores que trabalham sob essa perspectiva, dentre os quais Corrêa (1997, 2001, 2006), Chacon (2005) e Capistrano (2010), a base em que se pautam esta fundamentação teórica.

2.3 A constituição heterogênea da escrita

A diferença dessa vertente em relação às demais, descritas aqui, é justamente o fato de que as relações entre fala e escrita se dão em termos de uma escrita heterogeneamente constituída, ou seja, a heterogeneidade não está na escrita, ela constitui a escrita. Assume-se, nesse viés, que o modo falado e o modo escrito da linguagem se constituem mutuamente e que a heterogeneidade pode ser percebida nos produtos de ambos:

[...] o trânsito entre as práticas sociais do campo das práticas orais e as do campo das práticas letradas, como modo de justificar a presença de fatos lingüísticos da enunciação falada (gêneros, recursos fônicos, morfossintáticos, lexicais e pragmáticos) na enunciação escrita (CORRÊA, 2001, p. 142).

Corrêa (1997) defende que a escrita é heterogeneamente constituída e o fez partindo de estudos já produzidos na área da Linguística e de outros campos teóricos que têm como foco os modos de aquisição e desenvolvimento do sujeito na prática da linguagem. O autor parte de estudos da aquisição da escrita para entender como o sujeito, no decorrer da sua vida, faz uso das práticas letradas em situações comunicativas diversas e, então, analisa produções escritas de vestibulandos que constituem o *corpus* para a defesa de seu ponto de vista.

O foco de Corrêa (1997, p. 2) é a análise da relação do sujeito com a linguagem, uma relação, a seu ver, já dada e marcada, ao mesmo tempo, por um ineditismo que constitui o processo de individuação da enunciação. Nesse trabalho, percebe-se uma preocupação com o jogo de imagens que constitui a enunciação, pois, pautando-se em Pêcheux (1990), o autor afirma que toda a prática linguística é constituída por um jogo de imagens. Para exemplificar essa afirmação, a produção escrita, no evento vestibular, pode ser utilizada, pois requer do sujeito uma imagem em relação ao código escrito, mais especificamente, a escrita formal e, requer ainda que o sujeito utilize um recorte da norma, denominado norma culta. Assim, Corrêa (1997, p. 23) também entende que a relação do sujeito com a escrita se dá com base no imaginário dele sobre sua própria escrita e sobre a escrita do outro, o que é preponderante na consideração dessa constituição dialógica da linguagem.

Percebe-se claramente uma rejeição das ideias de dicotomia entre fala e escrita, sustentadas por autores como Goody (1986) e Olson (1977) e uma afinidade com a interpretação dada por Street (1984), para quem o oral e o letrado têm seu lugar nas práticas sociais do sujeito de maneira instável. Corrêa (1997, p. 32) não refuta completamente Marcuschi (1995), para quem todo o texto é permeado pela heterogeneidade, mas o autor entende que isso não se dá apenas pelo *continuum* tipológico de gêneros, como foi apresentado na seção 2.2, mas também pela força constitutiva da linguagem em situações concretas.

De Street (1984) também se acentua a ideia de letramento como algo distinto da alfabetização e, nessa direção, Corrêa (1997, 2001) renova os conceitos de oralidade e letramento, concebidos como práticas imbricadas. O autor, assim,

permite que se perceba a característica letrada de determinadas habilidades sociais, que podem estar presentes em quaisquer comunidades, inclusive as orais, levando em consideração o que se chama de tradição oral, pois o oral constitui o letrado e vice-versa. Segundo Street (1984, *apud* CORRÊA, 1997, p.73), existe um letramento oculto, que se liga ao cotidiano, e que pode ser visto até mesmo nas falhas do ensino, no que se refere à leitura e à escrita, quando não são considerados os usos sociais a que elas se vinculam. Na vida diária, o letramento oculto⁸, define-se pelas atitudes em relação à leitura e à escrita, em cada sociedade, como práticas que podem ser reforçadas ou desencorajadas. Essa perspectiva traz a possibilidade de que se considerem as ações exteriores às da escola sob o impacto do letramento. Desse modo, o letramento está latente nas situações concretas que requerem habilidades sociais, muitas vezes, desconsideradas no âmbito escolar.

Dessa forma, o letramento é mais amplo e, por isso, distinto da alfabetização, entendida como a mera capacidade de codificar e decodificar a escrita. Corrêa (2001) afirma que, em sentido estrito, o letramento é o exercício da capacidade de ler e escrever, direta ou indiretamente, e, em sentido amplo, compreende o caráter escrito de práticas presentes inclusive em comunidades orais. Essa análise atribui à oralidade uma característica de permanência, tipicamente considerada como aspecto da escrita.

Práticas orais e letradas estão presentes, nesse entendimento, em todas as culturas, sendo assim, Corrêa (2001) atribui, ao letramento, primazia cronológica em relação à alfabetização, já que, mesmo o indivíduo não-alfabetizado, pode ser considerado letrado, pois se insere em práticas que fazem uso da escrita e da leitura. Corrêa (2001) vê, nesse ponto, a necessidade de:

[...] valorizar as habilidades atestadas por aqueles indivíduos que, mesmo não tendo acesso à alfabetização ou mesmo mantendo-se, na maior parte do tempo, alheios às práticas de leitura e de escrita, também fazem a história da língua e da sociedade por meio do modo oral e de registro de memória cultural (CORRÊA, 2001, p. 141).

Corrêa (1997, 2001) afirma, nesse sentido, corroborando o pensamento de Bakhtin (1992), que os gêneros discursivos⁹ e os enunciados são muito importantes

⁸ Consideram-se aspectos ocultos do letramento, por exemplo, a exigência de formatação dos trabalhos acadêmicos que, durante toda a Educação Básica não é cobrada, bem como o fato de que, em algumas sociedades, a escrita e a leitura ocupam um lugar diferenciado, enquanto em outras são quase irrelevantes.

na construção da história da sociedade e da língua, o que reafirma a importância das relações entre os sujeitos e dos sujeitos com a linguagem em sua dimensão constitutivamente dialógica e heterogênea. Um sujeito se marca, historicamente, pela forma com que faz uso da língua em situações reais de comunicação. Assim considera-se:

[...] a circulação dialógica do escrevente – que pressupõe, com Bakhtin, o princípio dialógico da linguagem – e a imagem que o escrevente faz da escrita, tomada como parte de um imaginário socialmente partilhado, modo de recuperar a presença das práticas sociais na produção discursiva dos seus agentes (CORRÊA, 2004, p. 9).

Partindo da afirmação de que o mundo biossocial é moldado pela linguagem, Corrêa (1997, p. 33) declara que as relações estabelecidas por meio dela podem ser discretizadas ou discursivizadas.¹⁰ No entanto, o que é mais passível de discretização, tornou-se preponderante nos estudos de linguagem. Nesse sentido é que os estudos de Biber (1988 *apud* CORRÊA, 1997) sobre competência gramatical e competência comunicativa são úteis para a percepção da memória do enunciado em relação às esferas em que ele se originou, ou seja, porque reúne as múltiplas dimensões do texto na análise, conjugando o “discretizável” ao discursivo. O autor dá, pois, importância à ordem da fonética, da sintaxe e da semântica (competência gramatical), mas também à língua em uso nas modalidades falada e escrita (competência comunicativa) (CORRÊA, p. 34). Nessa direção, esta pesquisa também se propõe a conjugar o discreto, que pode se repetir na língua, ao discursivo, em sua individuação e ineditismo, através da exploração da produção textual nas duas dimensões do processo de construção textual.

Assim, no âmbito dos discursos, Corrêa (1997, p. 56) afirma, com Véron (1980), que eles são sempre heterogeneamente produzidos, nunca são monocódicos, ou seja, há sempre mais de uma combinação sónica, quer no âmbito da oralidade, quer no âmbito da escrita. Nesse sentido, o código escrito, focalizado neste trabalho, associa-se a outros códigos de que os escreventes fazem uso no dia a dia, o que refuta qualquer entendimento de pureza da escrita e permite ao

¹⁰ Nos estudos linguísticos, considera-se mais discreto, o que pode ser segmentado em suas partes constituintes e mais discursivo, o que relaciona o texto com a história e a cultura, numa perspectiva mais ampla.

investigador vê-la a partir dos usos sociais, numa sociedade permeada por múltiplos códigos.

Nessa mesma direção, há, segundo Véron (1980), a partir de Corrêa (1997), um discurso pré-semiótico que investe a matéria escrita ou falada de significados. Para Corrêa, interessa saber qual o investimento semiótico da escrita, que, segundo Véron, estabelece-se por similaridades e descontinuidades.

Chacon (1996 *apud* CORRÊA, 1997), falando sobre o ritmo da escrita, sugere também um jogo entre continuidade e descontinuidade, pois há momentos em que a escrita é mais icônica e outros em que é mais digital. Corrêa sugere, nessa perspectiva, citando estudos sobre a aquisição da escrita, a afasia, entre outros, que há, na escrita, um aspecto gestual que co-atua em relação ao verbal na produção dos sentidos de um texto.

A exemplo do exposto, Vigotsky (1987, *apud* CORRÊA, 1997), ao analisar a escrita infantil, já havia dito que o gesto visual contém a futura escrita da criança. O gesto é, portanto, fixado no material escrito, integrando a participação do sujeito ao material significativo. Percebe-se aqui um grande passo dado em relação à concepção do *continuum* de Marcuschi (1997), que já havia diminuído o fosso entre língua falada e língua escrita, mas que não chegou à ideia de que o sujeito organiza a sua linguagem sempre em relação a eventos comunicativos específicos, marcando flutuações entre o oral/ letrado na materialidade discursiva.

A concepção de uma escrita heterogênea, nessa direção, baseia-se na ideia de que nem a fala nem a escrita são puras, já que, como modos de enunciação, estão imbricadas na produção do discurso, atualizado na enunciação. Assim, o material linguístico escrito é fruto do interdiscurso, pois, como assevera Corrêa (1997, p. 65), o escrevente constrói dimensões conversacionais e argumentativas que se plasam nas projeções espaciais marcadas na linguagem escrita ou oral devido à sua circulação social dialógica. Desse modo, o fosso entre língua escrita e língua oral não existe, pois não há dicotomia, e o sujeito se marca na linguagem constituída nessa convergência dos dois modos de enunciação.

Corrêa (1997, p. 67-68) afirma, com Chacon (1996) e Abaurre (1991), que o ritmo organiza a linguagem, pois a fragmenta em multidimensões que assim são integradas no fluxo discursivo. Marca-se, portanto, o heterogêneo tanto no produto quanto no processo. O material significativo da escrita está, dessa forma, impregnado, em suas variadas facetas, por fatores rítmicos, pois o ritmo e a

entonação podem influir, desde ao nível fonológico ao sintático, ancorando a ação discursiva.

A escrita é, portanto, heterogênea, porque a relação do sujeito com a linguagem se dá através da visão do sujeito sobre a escrita. O sujeito escrevente, na visão de Corrêa (1997, p. 82), apesar de não ter a dimensão total do processo da sua escrita, mostra, através dela, os elementos sintomáticos do oral e do letrado, o que revela a natureza social e histórica da escrita heterogeneamente constituída.

O escrevente, segundo Corrêa (1997, p. 87-88), faz uma representação sobre a gênese da sua escrita, sobre o código escrito institucionalizado e sobre o já falado/ouvido, escrito/lido, que constituem os três eixos de representação da escrita. Assim, ao escolher uma forma linguística, o escrevente marca-se nela no processo, por isso o processo é mais importante para a percepção da natureza heterogênea da linguagem. O autor percebe que o sujeito, em sua relação com a escrita, deixa entrever a preocupação com o interlocutor e com as práticas sociais que historiciza na enunciação.

Desse modo, é possível aprofundar um pouco mais a apresentação dos eixos, estabelecidos pelo autor, para orientar a relação do sujeito escrevente com a língua escrita. No primeiro eixo, o da representação da gênese da sua escrita, o sujeito tende a colocar, termo a termo, o falado e o escrito, como se um representasse o outro, de forma natural. No segundo eixo, o da representação da escrita com relação ao código escrito institucionalizado, o escrevente tende a mostrar certa autonomia da escrita em relação à fala, assim, as marcas deixadas no texto escrito também podem ser, equivocadamente, consideradas desvios em relação ao padrão linguístico. No entanto, é possível, nessa conjuntura, perceber que o linguístico e o social determinam essa linguagem, que não pode ser considerado desvio ou inadequação, mas o resultado da escolarização e da vivência linguístico-discursiva do sujeito nas mais diversas esferas sociais. Já no terceiro eixo, o escrevente põe em evidência a relação entre o já falado/escrito, usando todas as experiências com textos falados e escritos que teve até o momento em que toma a palavra (CORRÊA, 1997, p. 90-91). Nesse sentido, o paradigma das TD serve para identificar a percepção da relação entre as formas de dizer/escrever tradicionais com as quais o escrevente teve contato em razão de suas experiências com a linguagem, culturalmente determinadas. É possível perceber, assim, que as TD, atualizadas na

enunciação, se ligam a outras, sincrônica e diacronicamente, permitindo uma análise dessa constituição heterogênea.

Conforme Corrêa (1997, p. 93-94), a escrita se recusa a ser uma convenção exaustiva, por estar ligada à individuação histórica dos sujeitos que dela fazem uso. O sujeito intervém no processo provocando a individuação. Por exemplo, no primeiro eixo, define-se o aparecimento do modo heterogêneo de constituição da escrita, numa relação dialógica do sujeito com a sua escrita. O segundo eixo orienta o aparecimento do modo heterogêneo, pois o indivíduo tenta alçar aos discursos mais estabilizados, determinando o lugar do letrado/escrito na sociedade, marcados, assim, institucionalmente. O terceiro eixo traz a especificidade de, ao se relacionar ao já falado/escrito, promover uma visão do sujeito sobre os lugares específicos dos seus interlocutores.

A relação entre o sujeito e o discurso que lhe é imanente, segundo Côrrea (1997, p. 127), é posta no aqui-agora do processo de escrever, onde não há, muitas vezes, a reconfiguração do oral/falado que consiste na relação desse sujeito com a sua escrita. O oral/falado está, nesse sentido, plasmado no letrado/escrito e vice-versa.

Portanto, o enfoque da escrita, no trabalho de Corrêa (1997, p. 97), permite relacioná-la à língua falada e aos mecanismos de produção em geral, numa tentativa de apreender os sinais da interação face a face, uma vez que há, por trás da visão do texto escrito, numa abordagem formal, uma abordagem enunciativa que dá conta da circulação do escrevente pelas/nas esferas da sociedade. O trânsito do sujeito entre as práticas orais e letradas que constituem a sua base enunciativa é comprovado também na relação com o enunciado do outro. Há, nesse sentido, segundo Côrrea (1997, p. 100), um ineditismo do ponto de vista da individuação histórica do escrevente em sua produção discursiva, que é peculiar.¹¹

Os vestígios provam que a produção discursiva é heterogênea. O que Corrêa (2007) chama de *ruínas de gêneros discursivos* corresponde, segundo Lopes-

¹¹ Também, nesse ponto, destaca-se o conceito de *ruínas*, como evidência desse ineditismo, visto que os gêneros se inter-relacionam e deixam:

vestígios de relações intergenéricas *in status nascendi*: (a) ora se especificando numa presença ainda marcante de fragmentos de gêneros mais conhecidos no interior de outros menos habituais para o escrevente; (b) ora se especificando numa presença de fragmentos de gêneros ainda pouco comuns para o escrevente no interior de um outro, já bem usual em suas práticas rotineiras (CORRÊA, 2007, p. 271-272).

Damasio (2016, p. 298), à própria *mescla* de TD, ou seja, a intergenericidade é constitutiva da enunciação. Assim, consideram-se os aspectos retrospectivos, de lembrança dos enunciados relativamente estáveis em relação a outros e, em uma visão mais particular, pode-se focalizar as formas de dizer tradicionais dentro da composicionalidade sintagmática e paradigmática das TD, sobre a qual se discorreu no Capítulo 1, Parte I, deste trabalho. Nesse sentido, considera-se o entorno da situação comunicativa, como fator determinante dos efeitos de sentido que ela produz e dos recursos semióticos de que lança mão, já que a heterogeneidade é visível no produto, através das *ruínas*, que é um conceito positivo das relações dos gêneros nos usos históricos que os sujeitos fazem deles. Se um gênero pode existir no outro, – o que é coerente com a composicionalidade das TD – a linguagem ganha com isso um enriquecimento na compreensão de cada texto atrelado à sua constituição heterogênea e à relação com outros textos já falados/escritos. Essa percepção, por sua vez, enriquece a análise contextualizada das produções discursivas.

Na produção do discurso, o exterior ao sujeito escrevente influencia muito no processo de enunciação, tornando, pois, relevante a relação interior e exterior para a construção do produto heterogêneo. Street (1984 *apud* CORREA, 1997) confirma essa proposta de uma constituição heterogênea do falado e do escrito, já que afirma que nas práticas é que se constitui o letramento, não havendo um produto que o especifique, mas processos institucionalizados mediados por tecnologias. Corrobora, portanto, a afirmação de Corrêa (1997, p.107) de que o modo de circulação do escrevente é denunciado pelas marcas linguísticas e pela forma de se relacionar o texto com a história que lhe é inerente. As TD constituem um rico suporte para entender esses nexos históricos e interdiscursivos do processo de produção do discurso, já que nascem da possibilidade de evocação e repetição de formas discursivas pré-existentes, o que permite entender as práticas orais e letradas em seu processo de construção.

Na esteira de Corrêa (1997, p. 117), o sujeito escrevente e seu texto se constituem no processo de textualização, cabendo ao sujeito, além de codificar e decodificar, um movimento mais amplo que é a representação do imaginário sobre a prática daquele evento comunicativo, as expectativas do outro em relação à sua escrita, e a capacidade de tomar a palavra na injunção fática e adequá-la a essas expectativas.

A escrita é uma negociação que denuncia a heterogeneidade constitutiva da linguagem, bem como sua força centrífuga de desagregação, afirma Authier-Revuz (1990, *apud*, CORRÊA, 1997, p. 153). A escrita é entendida, assim, como transcodificação, extensão ou projeção do gesto articulatório. Nessa direção, Véron (1980) postula que o produto de uma tecnologia científica não é um elemento fundante, ou seja, não se reconhece a sua qualidade na imanência, mas atribui-se a ela um valor e um uso também provenientes do incorpóreo do seu entorno. Corrêa (1997, p.186) utiliza essa afirmação em relação à tecnologia da escrita, tendo em vista que deve ser observada do ponto de vista do processo que a constitui, na dialogia do ato, nas relações intersubjetivas, através da indiciação linguístico-discursiva.

Para sintetizar essa abordagem, reafirma-se que a heterogeneidade constitui a escrita, não sendo mero acessório ou marca de interferência. Assim, entende-se que, na relação do sujeito com a linguagem, aparecem as pistas de sua circulação pela/na escrita e, por essa via, também pela/na sociedade. Rompe-se aqui com a dicotomia fala/escrita, propondo-se uma relação de constituição recíproca dos modos de uso da língua.

2.4 Sintetizando a abordagem e suas consequências

A abordagem da heterogeneidade da escrita tem sido de muita valia aos estudos linguísticos, bem como ao ensino de língua materna na educação básica. Corrêa (1997, p. 406) conclui que, naquele momento de seu estudo, o ensino não ia muito além da consideração da variação linguística. Nesse modo de ver a língua, cabia a questão da interferência da fala na escrita, como se a escrita fosse pura. Assim, a comprovação da heterogeneidade constitutiva dá, ao ensino e à pesquisa sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da escrita, uma nova concepção com consequências para o olhar do pesquisador e do professor sobre o texto escrito e sobre o sujeito escrevente.

Esse modo de analisar o texto escrito é muito significativo ao professor de língua materna, pois auxilia na compreensão da forma como os alunos produzem os seus textos, das hipóteses e relações que orientam a utilização que fazem da tecnologia da escrita. Essa tendência permite ver que o aluno tem uma visão sobre a escola, sobre o código escrito e sobre as razões pelas quais ele escreve. O sujeito,

assim inserido numa dimensão pragmático-discursiva, permite uma análise de sua constituição histórica por meio da escrita heterogênea (CORRÊA, 2001, p. 140). Esse posicionamento revela a inerência de qualquer prática discursiva à sua historicidade.

Nessa direção, neste trabalho, compreende-se que as TD da escrita são produzidas na circulação do sujeito pelo imaginário da sua escrita, pela forma como ele vê o código escrito institucionalizado e pela representação com o já falado/ouvido, escrito/lido, que, segundo Côrrea (1997), constituem os três eixos que orientam metodologicamente no trato da escrita heterogeneamente constituída. Portanto, não há que se pensar que a escrita desses sujeitos, que têm contatos diversos com práticas orais e letradas, seja imperfeita, mas que se constitui dialógica e heterogeneamente nessa circulação.

CAPÍTULO 3

MECANISMOS JUNTIVOS: DAS RELAÇÕES INTERORACIONAIS À PERSPECTIVA DISCURSIVA

3.1 Apresentação

Para uma apresentação do modelo funcionalista de tratamento dos mecanismos juntivos, far-se-á, de início, um paralelo entre este e o modelo tradicional de análise de períodos compostos. Nessa direção, destaca-se que existem muitos representantes do Funcionalismo (HALLIDAY, 1985; MATHIESSEN e THOMPSON, 1988; LEHMANN, 1988; GIVÓN, 1990; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; GRYNER, 1995; CASTILHO, 1998; NEVES, 1999; DECAT, 1999, *apud* CARVALHO, 2004) e que, ressalvadas as diferenças de perspectivas, todos apontam para uma insuficiência do modelo tradicional no trato dos usos concretos da língua, bem como na descrição e análise das estruturas linguísticas, especialmente quando o tópico de análise refere-se às relações interoracionais.

O Funcionalismo, como perspectiva teórico-metodológica, entende que a língua não pode ser analisada fora de seus usos efetivos e que as estruturas linguísticas estão a serviço de funções comunicativas específicas (NEVES, 1994). Nesse sentido, o estudo da combinação das orações complexas foge da dicotomia proposta pela tradição gramatical entre coordenação/subordinação e propõe formas de análise que consideram os aspectos fluidos da linguagem, aplicáveis ao modo escrito e ao modo falado de enunciar.

Neves (1994, p. 109) assume que em todas as abordagens funcionalistas de línguas naturais, há o interesse em verificar como os usuários se comunicam eficientemente, pois o tratamento funcionalista do uso se embasa na competência comunicativa, entende que certas funções comunicativas têm condicionantes e especificidades que remetem à significação dos enunciados produzidos em diferentes contextos.

Assim, serão apresentadas, neste Capítulo, resumidamente, algumas propostas funcionalistas no âmbito das relações interoracionais, em seguida, aproximando mais o foco do trabalho sobre o uso dos mecanismos de junção (doravante, MJ), serão feitas importantes considerações, para sua descrição e análise, acerca das relações entre os eixos sintático e semântico. Num terceiro

momento, tratar-se-á das relações entre TD e MJ, retomando a tese de Kabatek (2005a/b) de que os MJ são elementos sintomáticos de uma TD. Em seguida, serão resumidos os pontos principais da temática sobre a perspectiva teórica adotada nesta pesquisa.

3.2 Propostas funcionalistas de combinação de orações

Um dos principais representantes do modelo funcionalista de análise de sentenças complexas e textos, segundo Longhin-Thomazi (2004), foi Charles Bally que, em 1965, propõe um modelo de análise de critérios semânticos dos enunciados que se dá em termos de bipartição entre *tema* e *propósito*, aplicável a qualquer segmento de comunicação. Entende-se por tema o ponto de partida da comunicação e, por propósito, o segmento que contém a maior relevância semântica. O padrão linguístico habitual é tema/propósito, embora seja possível que, numa língua, produzam-se enunciados apenas com o propósito.

Os enunciados são analisados, nessa proposta, pelo viés semântico-pragmático, em que ocupam relevância as noções de pausa e entonação, já que podem explicar os processos pelos quais as combinações de orações são realizadas em relação ao sentido que delas emerge. Na acepção de Bally (1965), a oração é definida como uma ação enunciativa completa com uma dada função comunicativa, depreensível da análise em tema e propósito.

Segundo Longhin-Thomazi (2004), Bally (1965) entende que, de acordo com o grau de entrelaçamento dos enunciados, eles podem se configurar como *coordenação*, *segmentação* ou *soldadura*. Distinguem-se, como segmentos unidos por *coordenação*, os que possuem unificação incipiente; por *segmentação*, os de unificação relativa; e, por *soldadura*, uma unificação completa. Nessa direção, o autor foge à dicotomia da gramática tradicional (doravante, GT), pois sua proposta, além de tripartida, tem foco sobre o semântico-pragmático e permite uma visão mais ampla dos MJ em sua relação com o texto/discurso; dessa forma, não é apenas o acréscimo de uma classificação ao modelo tradicional, mas uma forma nova de análise com critérios que permitem a percepção das ambiguidades e lacunas da dicotomia coordenação/subordinação.

Longhin-Thomazi (2004) pontua que orações unidas por *só que* são tipicamente *coordenadas*, já que a relação semântica A *só que* B é dada por um

processo em que há uma pausa entonacional relativa entre os segmentos A e B. B funciona como propósito de A, que é o tema, e B retoma A, anaforicamente. Um exemplo: “Fiz a atividade, só *que* não obtive êxito”, em que a relação contrastiva emerge desse ato enunciativo que tem dois contornos entonacionais distintos, regulados pela pausa, num processo de retomada do primeiro segmento.

A *segmentação* possui também os elementos tema e propósito distinguíveis, porém, a pausa é mais fraca, mostrando que a relação entre o tema e o propósito se dá em termos de maior dependência. Seriam, na visão de Bally, duas coordenadas que foram condensadas. Portanto, são mais interdependentes, pois há um deslocamento de um segmento – que pode ser um advérbio, um vocativo ou uma oração parentética – para fora da oração. Esse segmento modifica aquele ao qual se vincula. Entram, nesse quadro, as tradicionalmente ditas subordinadas adverbiais como: “Quando chove, não vou à escola”, em que a oração com o juntor *quando* modifica o enunciado *não vou à escola*.

A *soldadura* de Bally, de acordo com Longhin (2004), de forma diferente das outras formas de combinação descritas aqui, não tem as relações entre tema e propósito distinguíveis pela entonação nem por pausa, já que não existe pausa e a relação é de forte entrelaçamento. Um exemplo seria: “João disse *que* não gosta de estudar”, no qual se tem um contorno entonacional único, uma unificação completa, em que as unidades de tema e propósito só podem ser distinguidas pelo contexto. Num paralelo com a GT, observa-se que a soldadura pode ocorrer em orações ditas subordinadas substantivas e nas orações subordinadas adjetivas restritivas, quando aparecerem completamente unificadas com a oração principal.

A proposta de Bally (1965) é bastante significativa nos estudos linguísticos pelo aspecto da não-discretude da linguagem e pela consideração dos aspectos semântico-pragmáticos na combinação de segmentos que vão de unidades como sintagmas até relações do texto/discurso, que, vale destacar, não eram preocupações da Linguística de sua época. Nesse sentido, é um modelo que apresenta uma base para o abandono das classificações estanques da tradição bipartida, pois pode ser utilizado em qualquer enunciado da língua corrente.

No âmbito da combinação de orações, também Halliday (1985) traz uma proposta de investigação das sentenças complexas que passa pelas relações táticas e semânticas, constituindo, assim, uma gramática funcional com forte preocupação com o texto e os usos efetivos da língua. Para Halliday (1985), as funções moldam o

processo comunicacional. O autor elege as funções *ideacional*, *textual* e *interpessoal* como funções presentes em todas as enunciações simultaneamente, mais ou menos explícitas, a depender da focalização semântica do processo interlocutivo. A função *ideacional* refere-se à experiência no mundo sócio-físico, ou seja, inclui as percepções e cognições em relação ao mundo real; a *textual*, à própria mensagem e ao processo de significação — equivale a dizer que, através dessa função, as unidades linguísticas são contextualizadas; já na *interpessoal*, têm-se as trocas interativas entre os sujeitos em que se processam a expressão do mundo interior com o exterior do enunciador. O autor demonstra, por meio das três funções, que pode haver maior ou menor iconicidade¹², na comunicação, devido à focalização de uma função ou outra.

Quanto à relação de sentenças complexas, Halliday (1985) propõe que, no eixo sintático, se distingam a parataxe e a hipotaxe. A taxie diz respeito à interdependência que vai do termo/constituente até as orações. Existem, nesse eixo, as relações de simples continuação (parataxe) e as relações de dominação (hipotaxe). As orações ainda se dividem em primárias e secundárias, sendo as primárias de uma hipotaxe, as dominantes e as secundárias, as dependentes. Já na parataxe, as primárias são as primeiras e as secundárias, as que seguem. O encaixamento de oração, que, segundo o autor, não se dá em termos de relações entre orações, mas de constituição, fica fora das relações táticas, pois não estabelece relações lógico-semânticas variadas, apenas cumpre funções de argumentos.

Assim, esse modelo distingue-se da GT por apresentar uma proposta com base em critérios sintático-semânticos bem determinados e, também, por não focar as relações de constituição no mesmo domínio das hipotáticas. O autor, então, observa que os enunciados cumprem funções comunicativas e que, nesse viés, há possibilidades de construção de estruturas distintas, de acordo com as intenções subjacentes ao processo comunicacional.

No eixo-lógico semântico, encontram-se a *projeção* e a *expansão*, que são processos semântico-funcionais advindos da combinação entre os enunciados. A *expansão* de uma oração acontece por: (a) *elaboração* (quando se parafraseia,

¹² Segundo os estudos de Longhin-Thomazi (2011a/b) e Lopes-Damasio (2016), a relação temporal estabelecida em enunciados de uma TD como o *modo de fazer* de uma *receita culinária*, tem relação com o mundo sócio-físico, por isso, são icônicos, no sentido de que representam a ordenação do mundo concreto e não podem ser invertidos.

comenta ou justifica um enunciado anterior); (b) *extensão* (quando se tem a relação de adição ou alternativa a outro enunciado); ou (c) *realce* (quando a oração secundária exprime uma circunstância de lugar, tempo, causa, condição, finalidade etc.). A *projeção* de uma sentença primária pela secundária pode ocasionar a construção de significados também no âmbito dos sintagmas. No Quadro 8, observam-se os contextos da *expansão*, função que tem mais ligação com a abordagem desta pesquisa:

Expansão	Elaboração: uma oração elabora, especifica, clarifica, detalha, explica, refina o significado da outra oração ou de parte dela. (<i>isto é, ou seja, dito melhor etc.</i>) Extensão: uma oração amplia o significado da outra, acrescentando novas informações, indicando uma exceção ou oferta de uma alternativa. (<i>e</i>) Realce: uma oração realça o significado da outra, qualificando-a quanto a tempo, causa, lugar, modo, condição. (<i>assim, porém, contudo, então etc.</i>)
------------------------	--

Quadro 8: Combinação de orações (LONGHIN; LOPES-DAMASIO, 2014, p. 139)

Essa proposta é bastante eficiente no trato da combinação de orações, dispensando-se a recorrência a adendos para explicar, por exemplo, a ocorrência de enunciados como: “Não vou à escola, detesto os professores”, que a tradição gramatical explica como coordenada gramatical e subordinada psicológica. Na perspectiva hallidayana, trata-se de uma parataxe em que emerge uma relação semântica causal, na qual a oração secundária elabora a primária. Nessa perspectiva, observa-se a língua em uso e os fenômenos que nascem nas enunciações concretas.

Na mesma direção da proposta de Halliday, as propostas de Lehman (1988) e Hopper e Traugott (1993), de acordo com Carvalho (2004), constituem importantes contribuições à perspectiva da combinação de sentenças, pois partem da negação da dicotomia parataxe/hipotaxe, insuficientes para dar conta da vinculação de orações nas línguas humanas. Estabelecem a noção de *continuum*¹³ para

¹³ A noção de *continuum*, de acordo com Longhin-Thomazi (2011), revela a continuidade de determinados elementos dentro dos estágios de mudança a que são submetidos, é, portanto, a consideração de que existem fases e transições intermediárias entre os polos extremos de um eixo de mudança.

demonstrar os graus de vinculação, do mínimo ao máximo, das sentenças complexas. Esse *continuum* segue uma ordem de gramaticalidade/gramaticalização: parataxe >hipotaxe >subordinação.

Sentenças vinculadas por parataxe são menos integradas e não-dependentes, já na hipotaxe, encontra-se um grau maior de dependência, embora não haja integração. Por sua vez, a subordinação representa o maior grau de dependência e de integração, como demonstrado no Quadro 9. Nas paratáticas, estão, por exemplo, as orações coordenadas e as justapostas; nas hipotáticas, as adverbiais e adjetivas explicativas e, na subordinação, as adjetivas restritivas e as subordinadas substantivas, com exceção das apositivas. É preciso considerar, no entanto, toda a fluidez que pode ocorrer entre estruturas de um ou outro desses tipos de construções, no uso efetivo da língua (ver, por exemplo, o caso das relativas circunstanciais descritas em LONGHIN; LOPES-DAMASIO, 2014, que apresentam traços de coordenação, de adjetivas e/ou adverbiais):

	Parataxe	Hipotaxe	Subordinação
Dependência	-	+	+
Integração	-	-	+

Quadro 9: Graus de dependência e integração (LOPES-DAMASIO, 2011, p.92)

Nesse sentido, Hopper e Traugott (1993) discutem essa vinculação pelo viés da gramaticalização,¹⁴ a partir das ideias de parataxe, hipotaxe e subordinação. Os autores entendem que as sentenças podem ser mais ou menos gramaticalizadas a depender dos graus de vinculação entre seus elementos. Assim, Carvalho (2004, p. 21) aponta os graus distintos de vinculação propostos pelos autores, fortemente associados às noções hallidayanas:

(a) parataxe ou relativa independência;

¹⁴ De acordo com Lopes-Damasio (2011, p.46), a gramaticalização é entendida como o estudo dos processos pelos quais surgem construções ou elementos linguísticos gramaticais ou mais gramaticais. Adota-se, nessa perspectiva, a relação entre o que é fixo e o que é menos fixo para a compreensão dos princípios de mudança linguística e formação de novas estruturas. Compreende-se que a gramaticalização é a passagem de um item/construção lexical a gramatical, quando perde propriedades lexicais e ganha propriedades que o habilitam a funcionar como uma forma mais dependente.

- (b) hipotaxe ou interdependência em que há uma oração núcleo e uma ou mais orações margens que são relativamente dependentes e não se configuram como constituintes da oração núcleo;
- (c) subordinação/encaixamento ou completa dependência em que a oração margem é um constituinte da oração núcleo.

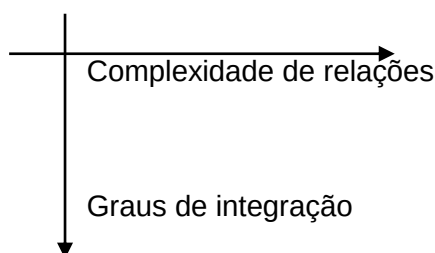
Não se trata de mera substituição da tradição bipartida pela tripartição, mas da consideração de que as categorias não são discretas nem estanques, elas são fluidas e relacionadas ao processo comunicacional. Essas categorias são produzidas a partir da maior ou menor integração e da maior ou menor dependência entre sentenças, numa escala de gradualidade, essencialmente ligada ao conceito de língua viva e concreta.

Lehmann (1988, *apud* Carvalho, 2004) demonstra que as orações complexas nos *continua* podem ter maior ou menor autonomia sentencial. O autor estabelece um *continuum* de rebaixamento do estatuto da sentença que se estende do grau mínimo (sentença) até o grau máximo (dessentencialização), dado por seis parâmetros: (a) rebaixamento hierárquico da oração subordinada; (b) nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se vincula; (c) dessentencialização da subordinada; (d) gramaticalização do verbo principal; (e) entrelaçamento das duas orações; (f) explicitude da articulação.

De maneira diferente da GT, esse modelo pauta-se em critérios que surgem através dos estágios, o que faz perceber que a língua não é estanque e os parâmetros para análise da ligação entre orações devem ser retirados dos usos efetivos em que se percebe essa dinâmica. Assim, entre esses polos das sentenças plenas até a relação de constituinte da sentença dominante, há, por exemplo, as orações *hipotáticas de realce* que ocupam um estatuto intermediário. Nessa perspectiva, pode-se perceber o processo de gramaticalização e de mudança linguística na língua em uso.

De maneira semelhante, Raible (2001) reconhece a agregação e integração como pontos extremos de um *continuum* que tem posições intermediárias, numa hierarquia sintática. Assim, haverá momentos decisivos de mudança, como a perda de propriedades e a nominalização de verbos. Tanto agregação e integração, de natureza sintática, quanto as relações semânticas estão interligadas e podem ser recuperadas na ontogênese (aquisição da linguagem) e na filogênese (mudança da língua), através dos graus de complexidade crescente e da fluidez das relações estabelecidas nos usos efetivos.

Assim, Raible (2001) afirma que é do ponto de vista do cruzamento entre o eixo sintático e o eixo semântico que devem ser analisadas as relações interoracionais, que se dão, no eixo vertical (sintático), em termos de maior ou menor integração, ou seja, da mera justaposição à subordinação, e, no eixo horizontal (semântico), em termos de maior complexidade cognitiva, da adição até as relações concessivas, conforme ilustra o Esquema 5:



Esquema 5: Modelo bidimensional de análise de Junção (RAIBLE, 2001)

O eixo vertical apresenta os níveis de dependência, no qual se intercepta o eixo horizontal, representativo do gradiente de complexidade semântico-cognitiva. Dessa forma, os MJ perpassam os dois eixos e precisam ser entendidos nessa perspectiva bidimensional como aspectos não-discretos da língua em uso, ou seja, precisa-se compreendê-los dentro da configuração tático-semântica e do contexto discursivo.

Nessa perspectiva, Raible (2001) afirma que as categorias gramaticais (perifrásticas ou não-perifrásticas) estão mescladas às combinações do eixo tático. Nesse sentido, o autor trata igualmente as combinações paratáticas, hipotáticas e subordinadas, considerando-as como possibilidades de junção, como se vê no Quadro 10, em que se percebe o aspecto tático de maneira processual:

I.	Justaposição sem juntor (<i>João está doente. Não come nada</i>)
II.	Relação dêitica com frase anterior ([...] <i>Por isso, não come nada.</i>)
III.	Orações explicitamente unidas ([...] <i>pois não come nada.</i>)
IV.	Subordinação ([...] <i>João está doente porque não come nada</i>)
V.	Construções gerundiais ou participais ([...] <i>não comendo nada</i>)
VI.	Grupos preposicionais (<i>Por causa de jejum, João está doente</i>)
VII.	Preposições (<i>Por fome, João está doente</i>)

Quadro 10: Esquema simplificado do eixo tático – graus de integração (RAIBLE, 2001)

Nessa direção, Raible difere de Halliday, já que o primeiro considera inclusive as orações subordinadas. Já se pode adiantar que Halliday descarta o encaixamento por entender que nele não há relação entre orações, mas uma relação de constituição, em que uma oração passa a constituir outra. Assim, pode-se dizer que a amplitude do modelo raibleano abarca a proposta de Halliday, ao conceber que as relações entre os elementos se dão sempre em termos de (in)dependência dentro de um *continuum* que vai da justaposição (menor dependência) à nominalização (máxima dependência), precedida pela subordinação.

Kortmann (1997, *apud* LOPES-DAMASIO, 2011) demonstra que, no eixo horizontal, as relações cognitivas, na perspectiva direcional em que se apresentam, revelam que as mais complexas são mais tardias tanto na filogênese quanto na ontogênese da língua.

Na subseção 3.3, explicar-se-ão, mais detidamente, a definição e o entendimento que será dado à funcionalidade semântico-formal dos MJ neste trabalho.

3.3 Mecanismos de junção

Os juntores são, ao ver de Kabatek (2005a), elementos sintomáticos na identificação de uma TD, por isso, neste trabalho, a partir da possibilidade de se relacionarem os MJ às TD, torna-se relevante o conceito de língua concreta e viva de Coseriu (1979) para os resultados que se busca alcançar na descrição dos juntores em contextos determinados. Assim, a perspectiva funcional possibilitará a descrição dos usos de MJ que configuram as TD, corroborando a tese de Kabatek de que é possível vincular TD e MJ a partir da relação sintomática entre eles. Também, nessa direção, a junção de orações é entendida como o cruzamento do eixo tático com o eixo semântico, tal como foi apontado na seção anterior (cf. RAIBLE, 2001).¹⁵

Esse critério de análise da união de orações permite uma compreensão mais ampla do processo de junção do que aquela proposta pela GT. Segundo Longhin-

¹⁵ Zago (2014) observa que o processo de junção decorre da intersecção entre a interdependência tática e as relações lógico-semânticas. Zago (2014), Tuão-Brito (2014), Longhin-Thomazi (2013) e Lopes-Damasio (2011) adotam essa perspectiva do cruzamento dos eixos tático e semântico para, com objetivos distintos, falar sobre a junção de orações.

Thomazi (2011), a subordinação e a coordenação da GT não apresentam a fluidez necessária para a compreensão, por exemplo, de que as relações semânticas como a adição podem dar-se tanto no período subordinado quanto no coordenado.

O critério bidimensional de análise permite, portanto, uma análise não-discreta das relações interoracionais, relacionando os MJ aos diferentes modos de enunciação e às diferentes situações comunicativas. Enquanto na GT a coordenação, segundo Zago (2014), é vista como relações de independência e a subordinação como dependência sintático-semântica, a base funcionalista permite observar os graus de integração e de independência, ressaltando sua não-discretude, já que se dão no *continuum* de usos, conforme vem sendo expondo até aqui, neste Capítulo.

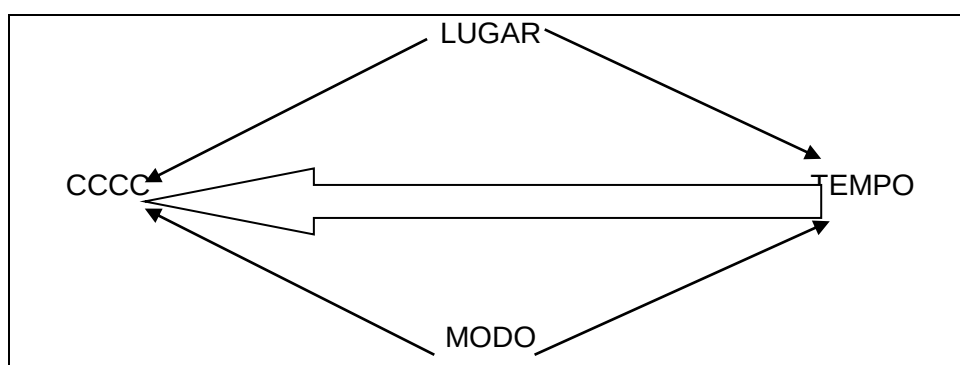
Assim, acrescenta-se que, de acordo com Kabatek (2005a), uma TD pode ser determinada através dos MJ nela utilizados, no sentido de que a frequência e os tipos de juntores podem ajudar a identificar diferentes TD e podem, conseqüentemente, ser tomados como sintomáticos de TD. Nesse sentido, Longhin-Thomazi (2011) salienta que os níveis de complexidade, bem como os graus de dependência/integração dos juntores, também auxiliam nesse processo de análise, de acordo com níveis de complexidade semântico-cognitiva que expressam.

Para Raible (2001), a junção é um importante elemento das atividades da linguagem. Essa noção se sustenta em cinco pilares: (a) hierarquia sintática; (b) dinamismo comunicativo; (c) relações semânticas; (d) manutenção de referência e (e) gênero textual. A junção seria, portanto, uma dimensão universal da linguagem, pois todas as línguas possuem mecanismos juntivos. Esses mecanismos demonstram as diferentes formas de combinar elementos e diferentes técnicas linguísticas usadas para juntar ou combinar as proposições.

Nessa mesma direção, para Zago (2014), se há união entre dois elementos, sem dependência, tem-se a parataxe, mas, se um dos elementos serve para modificar o outro, estabelecendo uma relação desigual, tem-se a hipotaxe. De modo interessante, também Lopes-Damasio (2011) alerta que, nas relações paratáticas, a ordem das orações desempenha uma função importante, pois a sequência pode estar ligada à ordenação natural das coisas no mundo e, devido a essa iconicidade, não pode ser invertida. Essa consideração sobre a parataxe relativiza o aspecto da independência, que não é vista dessa forma pela GT. No entanto, nas relações

hipotáticas, a ordem desempenha um papel secundário e a oração que altera o sentido é sempre secundária.

As relações lógico-semântico-cognitivas dos MJs no *continuum* da gramaticalização recebem especial atenção de Kortmann (1997, *apud* LOPES-DAMASIO, 2011), quando o autor faz um estudo comparativo das orações nas línguas europeias e desenvolve um trajeto semântico-cognitivo, dividido em quatro sistemas: *tempo*, *modo lugar* e *CCCC* (*causa, condição, contraste e concessão*), conforme o Esquema 6. Esse estudo comprova que as mudanças semânticas são direcionais e seguem o caminho da menor para a maior complexidade cognitiva:



Esquema 6: Mapa cognitivo (KORTMAMN, 1997, *apud* LOPES-DAMASIO, 2011, p.103)

Nesse sentido, observa-se que as relações semânticas podem ter mais ou menos afinidades entre si no percurso da mudança linguística. Por exemplo, todas as relações podem dar origem a *CCCC*; no entanto, *lugar* e *modo* não têm afinidades entre si, mas alimentam os outros sistemas. O *tempo* é o sistema de maior relevância na derivação de outras relações semântico-cognitivas mais complexas (*CCCC*). Assim, pode-se afirmar que as relações de *lugar* e *modo* podem derivar de *tempo* e que das relações *temporais* derivam as relações *CCCC*, como ilustrado no Esquema 6, pelas direções das setas.

Quanto à cognição, Longhin-Thomazi (2011b, p. 225) afirma que a complexidade pode ser avaliada por meio da ambiguidade decorrente da presença dos MJs em diversos contextos interpretativos. A autora cita Sweetser (1991) para esclarecer que há evidências de que um mesmo juntor estabelece relações semânticas ligadas à sequência de atos no mundo sociofísico, marcações de processos de raciocínio e etapas de uma argumentação. Essas afirmações

decorrem da unidirecionalidade dos MJ, tal como proposta por Kortmann (1997), e do aparecimento mais tardio de relações semântico-cognitivas mais complexas e abstratas.

Nessa direção, de acordo com Longhin-Thomazi (2011b, p. 153), “nas línguas européias as trajetórias que tipicamente levam à emergência de subordinadas adverbiais causais e condicionais são”:

CAUSA < Simultaneidade, Anterioridade, Término, Modo, Similaridade;

CONDIÇÃO < Contingência, Simultaneidade

Desse modo, a partir do mapa cognitivo de Kortmann (1997), pode-se sintetizar, com Longhin-Thomazi (2011, p. 152), que: (i) todas as relações semânticas podem dar origem a relações de CCCC, mas que o inverso não acontece; (ii) os sistemas de *lugar* e *modo* não têm afinidades entre si, (iii) o sistema de *tempo* é o canal mais importante para a derivação de outras relações semânticas, tais como as CCCC (como está evidente pela maior espessura da seta).

Nessa direção, Kortmann divide os processos de mudança linguística unidirecionais em *fonte* e *alvo*, ressaltando que algumas relações interoracionais são mais passíveis de serem *fonte* ou origem de mudanças, enquanto outras servem como *alvo*. Para exemplificar, o autor elege a categoria *tempo* (por exemplo, *when* em inglês) que serve como *fonte* para codificar *condição*. Também entre os domínios *fonte* está a categoria *modo* que origina as relações de *similaridade*, *comparação* e *causa*. Entre os *alvos*, segundo Kortmann (1997, *apud* LOPES-DAMASIO, 2011, p. 100) estão a *concessão* e o *contraste*. Afirmar-se com o autor que essas relações são observáveis nas línguas naturais, em que se percebe uma ordem, no *continuum* de complexidade semântico-cognitiva, de acordo com a qual, o autor ressalta que:

- (a) Alguns juntores são polifuncionais, sendo utilizados em diversos contextos de acordo com a circunstância em que se apresentam, enquanto outros são monofuncionais, o que pode demonstrar o caminho da mudança linguística e o enriquecimento das possibilidades de interpretação das relações interoracionais.
- (b) Em inúmeras línguas os juntores *locativos* e *temporais* desenvolvem-se primeiro em relação aos *concessivos*.
- (c) Os juntores com aparecimento mais tardio também são mais instáveis, porque itens novos são adicionados às categorias já existentes.
- (d) Na aquisição de juntores, os estudos apontam a seguinte ordem:

- (i) uso de *quando*, por exemplo, para indicar *tempo*;
- (ii) uso de *quando* para codificar *condição* e aquisição de outros subordinadores adverbiais para designar outras relações de *tempo*;
- (iii) aparecimento das relações *causais*, seguidas das de *propósito*;
- (iv) no inglês, o *if*, por exemplo, é usado para expressar *tempo contingente*, seguido por *condição*, só depois aparecem a *condição hipotética* e *contrafactual*; e
- (v) o término do processo de aquisição da língua (ontogênese) dá-se com aparecimento *do contraste* e das relações *concessivas*.

Os fatos apontados exemplificam que, nas trajetórias da mudança e aquisição linguística, segue-se um gradiente de complexidade cognitiva crescente para a codificação das relações estabelecidas por meios dos MJ. Essa trajetória, neste trabalho, indicará os principais espaços de repetibilidade e de ambiguidade/polissemia nos usos experimentados pelos escreventes.

Ainda, seguindo esse raciocínio, de acordo com Lopes-Damasio (2011, p. 104), a vantagem da adoção dessa perspectiva é a compreensão macroestrutural do espaço semântico ocupado pelos juntores nas relações interoracionais, assim como o fornecimento de subsídios para compreender as regras e limitações da polissemia na trajetória da mudança semântica. No caso deste trabalho, em especial, a vantagem está no fato de se apreender as ambiguidades e polissemias nos usos efetivos realizados pelos escreventes, em seus textos, sob o viés das relações entre ontogênese e filogênese.

Esses resultados são válidos, dessa forma, tanto na filogênese quanto na ontogênese das línguas, pois Kortmann (1997), ao estudar as línguas europeias em sua diacronia, bem como o processo de aquisição da língua pela criança, conclui que as relações semântico-cognitivas são direcionais, indo das mais simples às mais complexas. Assim, fundamentados nas propostas aqui descritas, do cruzamento dos eixos táticos e semântico, em que se codificam, respectivamente, a parataxe (P) e a hipotaxe (H), excluindo o encaixamento, como faz Halliday, e as relações semântico-cognitivas, em um crescente de complexidade, obtém-se o Esquema das relações interoracionais, elaborado por Lopes-Damasio (2013), a partir dos estudos de Kortmann (1997):

	Adição	Alternância	Modo	Comparação	Tempo Simultâneo	Tempo Contingente	Tempo Anterior	Tempo Posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
P													
H													

Esquema 7: Critério bidimensional de análise dos mecanismos de junção (LOPES-DAMASIO, 2013, p. 1376)

A partir do Esquema 7, passa-se a tecer considerações a respeito das relações lógico-semânticas mais importantes e, em seguida, dedica-se uma seção ao tratamento das relações entre os MJ e as TD. Para aprofundar um pouco mais essa perspectiva, citam-se os estudos de Tuão-Brito (2014) e Lopes-Damasio (2014) sobre a aquisição da escrita, em que a frequência da P, por meio da junção com e e da *justaposição*, é muito produtiva na codificação da junção de sentenças nos textos desses sujeitos.¹⁶

Nesse sentido, pontua-se que as relações semânticas são concretizadas pelos juntores num processo dialógico e que os sujeitos, no processo de aquisição da escrita, oscilam entre as TD da oralidade e as do letramento, com as quais entram em contato no ambiente familiar, na escola, e em outros contextos de produção discursiva, tal como atestado em trabalhos de Longhin-Thomazi (2011) e Zago (2014). Sendo assim, é natural que a escrita desses sujeitos demonstre uma heterogeneidade constitutiva sobre a qual se discorreu no Capítulo 2 da Parte I.

Segundo Lopes-Damasio (2016, p. 299), a escrita infantil tende a demonstrar o aspecto direcional da complexidade crescente de aquisição das relações lógico-semânticas que são codificadas, apontando para uma instabilidade do uso e para pressões pragmático-discursivas na escolha dos MJ acordados a intenções comunicativas determinadas. Assim, relações de *causa*, *condição*, *contraste* e *concessão*, por exemplo, são mais raras nos dados de aquisição da escrita, o que

¹⁶ Longhin-Thomazi (2011) e Lopes-Damasio (2016) advertem que a P é, tipicamente, considerada como mais simples e primitiva; no entanto, as autoras, citando o trabalho de La Fauci (2007), demonstram que há uma grande complexidade de relações semânticas codificadas como paratáticas e, nessa direção, acrescentam que essa relação táctica está relacionada à dialogia do processo, necessitando de mais recursos colaborativos para se inferir o sentido emergente. Dessa forma, negam tal “simplicidade” de P.

evidencia a importância da TD, sob as regras das quais os sujeitos se comunicam. Nessa direção, dedica-se a próxima seção à reflexão sobre as imbricações entre os usos dos MJ e as TD.

3.4 Mecanismos de Junção e Tradição Discursiva

De acordo com Lopes-Damasio (2011, p. 230) e com o que vem sendo apresentando até aqui, o modelo proposto por Biber (1988), na análise multidimensional de gêneros textuais, consistia na conjugação de traços linguísticos e situacionais, bem como na comparação dos gêneros. Seguindo esse raciocínio, Kabatek (2005 a/b), reduzindo os aspectos a serem considerados, elege a junção como lugar privilegiado para a apreensão das TD nos textos em análise. Isso deve ser feito de acordo com a perspectiva de Raible (2001), ou seja, considerando a arquitetura sintática, os aspectos de agregação, integração e dependência, bem como a configuração semântica, na observação da complexidade cognitiva inerente ao uso de determinados juntores, no contexto discursivo, para estabelecer relações semânticas variadas. Há que se considerar, como já foi dito, nos ângulos de análise desse autor, a frequência de determinados juntores e a complexidade semântica envolvida nesse processo para entender a gradiência dos aspectos cognitivos atrelados a contextos discursivos, bem como às múltiplas possibilidades de uso no paradigma de cada TD.

Kabatek (2005a/b) fala sobre a composicionalidade paradigmática e sintagmática das TD, sobre as quais se dissertou no Capítulo 1, desta Parte I. Retoma-se aqui esses conceitos para aprofundar a relação entre junção e TD, no sentido de que a apreensão da arquitetura sintático-semântica de uma TD e a possibilidade de escolha de juntores são provas de que as TD possuem uma face fixa e uma face lacunar. Nesse sentido, Lopes-Damasio (2011, p. 230) sustenta que a criança escolhe juntores de acordo com as possibilidades das TD em uso, mas que também variam com usos diferentes dos esperados, justamente porque as TD faladas são constitutivas das TD escritas, o que corrobora a tese da heterogeneidade constitutiva, implicando que o uso de juntores se faça nessa possibilidade de conjugação entre o fixo e o lacunar da tradição textual, no processo de aquisição da escrita.

Assim, os aspectos morfossintáticos e semântico-cognitivos ajudam a entender a TD por meio dos usos dos MJ, na filogênese e na ontogênese da língua. Corrobora-se, nessa direção, o entendimento de Longhin-Thomazi (2011, p. 236-237) a partir da análise dos MJ com base em dados de escrita infantil num *corpus* de TD variadas, de que é possível estabelecer relações entre os juntores, sua significação nos textos e sua funcionalidade nos contextos discursivos específicos. Infere-se também que a gramática da língua, que fornece ao usuário os juntores dentro das regras idiomáticas, é perpassada pelas regras discursivas de cada TD, reafirmando assim o duplo filtro de cada ato enunciativo.

Por isso, conclui-se que o mapeamento qualitativo-quantitativo dos MJ permite que se possa entender a circulação do sujeito entre o modo oral e o letrado, bem como apreender as regras do que é fixo e do que é lacunar no processo de escrita, associado a uma determinada tradição de dizer/escrever. E, nesse sentido, entende-se que o papel da escola, na transição entre o oral e o letrado, pode ser facilitado pela compreensão da constituição híbrida da escrita. Assim, não se pode dizer que a aquisição da escrita¹⁷ é natural, mas que os textos dos escreventes estarão permeados pela instabilidade entre o oral e o letrado.

3.5 Sintetizando a abordagem e suas consequências

A partir do exposto, pode-se refletir que os MJ, aqui focalizados, podem ser entendidos dentro dos esquemas da arquitetura sintático-semântica, atrelados às TD, e que podem ser “lidos” como evidências da heterogeneidade constitutiva da escrita. Sendo assim, essa apresentação objetivou mostrar que os MJ podem ser, por excelência, um lugar privilegiado da conjugação entre o oral e o letrado nos textos produzidos por diferentes sujeitos em diferentes situações comunicativas. A base da junção está pautada, nesse sentido, numa perspectiva dialógica, tanto do ponto de vista do sujeito em relação aos outros, quanto em relação à compreensão de aspectos tradicionais da linguagem de que faz uso.

Dessa maneira, dentro de uma abordagem funcionalista, entende-se melhor que as dicotomias da GT entre certo/errado, coordenação/subordinação, limitam o

¹⁷ Conforme é possível apreender, até este ponto, explicita-se que a “aquisição da escrita”, neste trabalho, não está associada, simplesmente, à alfabetização – atrelada aos anos iniciais do ensino formal –, mas a todo o processo, mais amplo, no tempo, durante o qual o sujeito se relaciona com a escrita para constituir-se como tal.

campo de visão sobre as questões semântico-pragmáticos e sócio-discursivas, que precisam ser consideradas para a descrição de fenômenos de junção, analisados *ad hoc*, dentro da especificidade da TD em foco. Entende-se, nesse sentido, que as categorias estanques não permitem um olhar atento à sintaxe e à semântica dentro do projeto discursivo envolvido em cada situação comunicativa.

Conclui-se que a análise dos MJ, numa perspectiva funcionalista, pautada em aspectos da configuração dos eixos sintático e semântico, permite uma visão mais ampla dos juntores interoracionais, no que tange à parataxe (incluindo a justaposição) à hipotaxe, e à gradiência da complexidade semântico-cognitiva que podem ser “vistas de perto”, mediadas pelos juntores em construções mais ou menos integradas e/ou mais ou menos agregadas. Essa forma de ver o fenômeno juntivo dá vazão a uma abordagem analítico-funcional, livre das dicotomias da GT e, nesse sentido, mais fluida, portanto, capaz de descrever e propor uma interpretação aos usos correntes e concretos da língua.

PARTE II

UNIVERSO DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1 Apresentação

Nesta Parte do trabalho, tratar-se-á da descrição dos procedimentos didático-metodológicos adotados no trabalho. Assim, será definido o modelo de pesquisa e serão apresentados o universo e as amostras selecionados, de acordo com os sujeitos que forneceram os dados utilizados. Será também descrita a forma pela qual o *corpus* foi coletado e os dados serão tratados, cientificamente, bem como o alcance da metodologia adotada.

1.2 A sequência didática: a metodologia do professor

O *corpus* deste trabalho é composto de 40 produções textuais, 20 do 6º e 20 do 9º anos do EF. Esses textos foram escritos após a aplicação de uma proposta de produção aos alunos regularmente matriculados na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prof. José Alves Martins, durante as aulas ministradas pelo professor-pesquisador. Essa escola pública está situada em Ourinhos, estado de São Paulo, no Jardim Itamaraty, numa localidade periférica, e atende à clientela de três bairros circunvizinhos. A demanda é de aproximadamente 700 alunos.

A unidade escolar, com 12 salas de aula, está em funcionamento desde 2014 e nasceu a partir do desmembramento de uma instituição maior, que ficou responsável pelo segmento inicial do EF (1º ao 5º anos), passando a dar conta apenas do segmento final (6º a 9º anos). A instituição conta com uma sala de leitura, um laboratório de informática com 20 computadores, bem como com uma quadra poliesportiva coberta. O município oferece aos alunos matriculados aulas de recuperação paralela de língua portuguesa e matemática em período contrário. A escola conta também com o apoio de psicopedagogos e sala de recursos multifuncionais para alunos com deficiência. Esses direcionamentos constam no Projeto Político Pedagógico das escolas municipais e são suportes da ação docente.

Fez-se, neste trabalho, a opção pela sequência didática (doravante, SD)¹⁸, como método de aplicação, pois acredita-se que, se o objetivo é desenvolver uma

¹⁸ A SD, da forma como é apresentada nesta Parte do trabalho, não é prototípica, já que para o mapeamento dos MJ não foi necessário seguir as etapas que constam de produção inicial, três

competência escritora proficiente nos alunos, há que se conceber uma intervenção pedagógica intencional e planejada, entendendo “escrever textos, não ‘em geral’, mas em função das situações particulares de comunicação.(...) E, para isso, terá de inspirar-se em ou ter como *referência* outros textos sociais em uso” (PASQUIER e DOLZ , 1996, p. 3).

Num paralelo direto com os pressupostos teóricos adotados neste trabalho e apresentados, mais especificamente, no Capítulo I de sua PARTE I, a referência é realizada a partir de textos tradicionais, de acordo com os critérios de evocação e repetição, preestabelecidos no paradigma das TD.

A SD para apresentação da proposta textual foi organizada com o objetivo de que os alunos argumentassem a respeito de uma questão bastante problemática: os motivos pelos quais os brasileiros, não conseguem erradicar o mosquito *Aedes Aegypti*, transmissor de doenças e causador de epidemias recorrentes. A atividade foi dividida em várias etapas, das quais se destacam:

- (i) Atividade oral: para essa atividade, foi projetada, no *data-show*, e disponibilizada, em folha impressa para cada aluno, a reportagem do *site UOL*: “Cientistas americanos pedem o cancelamento de Olimpíada por vírus zika”, a partir da qual, instigou-se o debate sobre o tema. Para isso, o professor questionou os alunos sobre sua opinião acerca da pertinência do cancelamento pedido pelos cientistas americanos. Essa atividade teve tempo estimado de 1 (uma) hora e (50) cinquenta minutos ou duas aulas de 55 (cinquenta e cinco) minutos;
- (ii) Atividade de leitura: nesse momento, foi fornecida, em folha impressa, uma entrevista com um professor especialista, intitulada: “Por que o Brasil não consegue vencer o *Aedes Aegypti*”, retirada *site UOL Educação*, fortemente atrelada à TD argumentativa.¹⁹ Esse texto foi lido e discutido com vistas ao reconhecimento de diferentes opiniões sobre o tema e das vozes presentes no texto da esfera jornalística, assim como de características da TD argumentativa. Essa atividade teve a duração aproximada de 2 (duas) horas e quarenta e cinco minutos ou 3 (três) aulas de 55 (cinquenta e cinco minutos); e

módulos e produção final, apenas foi utilizada a produção inicial. Porém, ela será retomada, integralmente e finalizada nas Considerações Finais, como proposta de aplicação a partir dos resultados obtidos. Ressalta-se que, mesmo aqui, consideração dos conhecimentos prévios, o trabalho com os aspectos linguísticos e discursivos da TD argumentação, a fim de proporcionar repertório, foram seguidos da forma como preconizam Pasquier e Dolz (1996).

¹⁹ As características da TD argumentativa, da mesma forma que outras questões pertinentes à sua descrição, são apresentadas na Parte III deste trabalho.

(iii) Atividade de produção: a partir das leituras feitas, foi entregue a folha de produção textual para que os alunos opinassem sobre o tema: “ Por que o Brasil não consegue vencer o *Aedes Aegypti*?”.

Os textos de apoio utilizados foram, respectivamente:

Texto1

Mais de 100 cientistas pedem que Olimpíada seja adiada ou transferida

Em carta aberta enviada à OMS (Organização Mundial da Saúde), um grupo formado por mais de 100 cientistas internacionais afirma que os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro deveriam ser transferidos ou adiados em decorrência do surto de vírus Zika. ...

Os especialistas dizem que descobertas recentes sobre o zika tornam "antiética" a manutenção dos Jogos no Rio. Na carta, os cientistas também pedem que a OMS reveja com urgência suas recomendações sobre o Zika, um vírus relacionado a uma série de problemas no nascimento, incluindo microcefalia.

A carta ainda diz que o adiamento ou a transferência dos Jogos também "diminui outros riscos trazidos por uma turbulência história na economia, governança e na sociedade do Brasil - que não são problemas isolados, mas que fazem parte de um contexto que tornam o problema do Zika impossível de resolver com a aproximação dos Jogos".

Em maio, o Comitê Olímpico Internacional disse que não vê razões para atrasar ou transferir os Jogos por causa da doença. No Brasil, a explosão da enfermidade transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* aconteceu há um ano - hoje mais de 60 países e territórios são afetados pela doença.

A carta afirma que o Zika está relacionado à microcefalia (crescimento do crânio abaixo da média) em recém-nascidos e que pode trazer síndromes neurológicas raras e às vezes fatais a adultos. O documento é assinado por 125 cientistas, médicos e especialistas em ética médica de instituições como as universidades de Oxford, no Reino Unido, Harvard e Yale, ambas nos Estados Unidos.

Fracasso

Na carta, eles citam o "fracasso" no programa de erradicação do mosquito no Brasil e o sistema de saúde "fragilizado" do país como razões para o adiamento ou transferência da Olimpíada, marcada para o próximo mês de agosto.

"Um risco desnecessário é colocado quando 500 mil turistas estrangeiros de todos os países acompanham os Jogos, potencialmente adquirem o vírus e voltam para a casa, podendo torná-lo endêmico", diz o texto. O principal risco seria que atletas contraíssem a doença e voltassem para suas casas em países pobres que ainda não foram afetados pelo surto da doença.

A OMS, que recentemente classificou o vírus Zika como uma emergência global de saúde pública, ainda não comentou a carta. Na última quinta-feira, o cientista Tom Frieden, chefe do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, disse que "não há motivos de saúde pública para o cancelamento ou atraso dos Jogos".

Ele também pressionou autoridades norte-americanas a agirem mais rapidamente para evitar que gestantes contraíssem o Zika, em meio a um impasse no congresso sobre a liberação de quase 2 bilhões de dólares para financiamento de políticas de saúde.

Fonte: www.uoleducacao.com.br

Texto2

Por que o Brasil não consegue vencer o *Aedes aegypti*?

Os brasileiros convivem há algumas décadas com um terrível

inimigo: o mosquito *Aedes aegypti*, que transmite doenças graves: a dengue, a chikungunya e a febre do Zika (cujo vírus, por sua vez, também tem provocado um grande número de casos de microcefalia). A epidemia parece aumentar ano a ano, apesar das inúmeras campanhas de conscientização e mutirões de combate aos criadouros dos mosquitos. Aliás, há ações que podem mesmo se mostrar contraproducentes: por exemplo, a técnica conhecida como "fumacê", que acaba gerando insetos mais resistentes aos inseticidas e larvicidas. Na coletânea de textos que informa esta proposta de redação, fica claro que o problema não se deve exclusivamente ao mosquito. Leia os textos, reflita sobre eles, some a isso os conhecimentos que você mesmo tem sobre o tema e escreva uma dissertação argumentativa, apresentando quais fatores, na sua opinião, são os principais responsáveis pela proliferação do *Aedes aegypti* no Brasil. Diga também como você acha que eles devem ser combatidos.

O Ministério da Saúde adverte

O ministro da Saúde, Marcelo Castro, admitiu nesta segunda-feira (30/11/15) que o Brasil não combateu o mosquito *Aedes aegypti*, "para vencer" -o que teria levado o país enfrentar uma epidemia de Zika, febre chikungunya e dengue em 2015, com mais de 1,5 milhão de casos. Castro participou de uma reunião com prefeitos de Pernambuco em Gravatá (a 80 km do Recife), Estado com maior número de casos de microcefalia.

[...]

O ministro ainda deu um puxão de orelha nos gestores pernambucanos por cobrarem mais recursos. "Não é só falta de dinheiro, é também má gestão, desvio de recursos, gente inescrupulosa fazendo miséria com dinheiro público. Nós temos que ser o máximo eficiente possível para ter moral, para ir à opinião pública de maneira enfática pedir mais recurso. Mas para isso a sociedade precisa saber que o seu dinheiro será bem aplicado", afirmou.

[UOL Ciência e Saúde]

Derrota por 7 X 1

Como podemos destacar o papel do poder público no combate ao mosquito, já que essa epidemia não é uma coisa nova? Onde está o erro?

O erro está no modelo de desenvolvimento econômico que o Brasil adotou há 500 anos. Não é um erro do gestor atual, mas deste processo de desenvolvimento econômico, que privilegia o crescimento urbano acelerado e desorganizado sem o devido suporte dos instrumentos necessários para atender a população, como, por exemplo, coleta regular de resíduos sólidos, fornecimento de água de modo regular para consumo doméstico e a própria distribuição geográfica de vários espaços.

*No combate ao *Aedes aegypti*, a educação da população também é um fator a ser explorado?*

Sim, mas não a educação de ensino regular. Veja só, se você andar pela rua, vai cansar de ver gente jogando latinha fora do lixo. Enquanto persistir isso, não tem solução. A gente tem que se conscientizar. O brasileiro tem isso de se apegar a ilusões, só que a realidade nos confronta. Sabe o jogo do Brasil com a seleção alemã, o 7 a 1? Então. Nós estamos brincando de controlar o *Aedes aegypti* nesses trinta anos que tem dengue no Brasil. Em todo esse tempo e nós estamos perdendo de 7 a 1 na luta

contra esse mosquito. Nós estamos usando uma estratégia que não está dando certo. É claro que uma coisa ou outra, prefeito A ou prefeito B, uma greve na coleta do lixo, enfim, podem contribuir para a situação. Mas, para além disso, temos que refletir o que está no cerne da questão, se é que queremos resolver o problema.

[Entrevista do Dr. Rivaldo V. Cunha, diretor da Fiocruz em MS]

Dificuldades do combate

O que é feito para eliminar o mosquito?

A maior parte dos criadouros são encontrados em residências. Por isso, campanhas de conscientização da população costumam ser feitas em períodos de chuva. Além disso, agentes sanitários visitam imóveis para encontrar focos de larvas do inseto e exterminá-las com larvicidas e inseticidas mais potentes do que os vendidos no mercado. Entrar em imóveis particulares é um complicador, segundo o infectologista Kleber Luz, professor do Instituto de Medicina Tropical do Rio Grande do Norte. Muitos moradores não permitem a entrada dos funcionários públicos com medo de serem falsos agentes prontos para um assalto.

*É possível erradicar o *Aedes aegypti* do país?*

"Hoje consideramos impossível erradicar o *Aedes aegypti*. O programa de erradicação se tornou inviável. A ideia agora é manter a quantidade de mosquitos a níveis seguros para impedir a transmissão de doenças", afirma Valle. A bióloga diz que a adoção de fumacês, por exemplo, gera mosquitos mais resistentes. "Hoje, levamos de 20 a 30 anos para desenvolver um inseticida e, em dois anos, ele perde sua eficácia por causa do uso abusivo."

O que pode ser feito para reduzir o número de mosquitos?

O país vem buscando usar as novas tecnologias para combater o mosquito. A maior aposta é o uso de mosquitos *Aedes aegypti* transgênicos, ou seja, cujo genoma é modificado em laboratório e "pode promover uma população de mosquitos estéreis", ressalta Arruda, da Sociedade Brasileira de Infectologia.

[UOL Ciência e Saúde]

Fonte: www.uolnoticias.com.br

A proposta foi aplicada em quatro salas, dois 6º anos e dois 9º anos, respectivamente, no período vespertino e matutino e, a partir da coleta, escolheram-se²⁰, com base em critérios como legibilidade da letra e ausência de outras formas de comunicação que não fosse a escrita, 40 das 59 produções coletadas para compor o *corpus* de análise.

²⁰ A redução do número de textos foi necessária devido ao próprio balanceamento do *corpus*, com vista à análise qualitativa e quantitativa de processos junctivos em textos de alunos 6º e 9º anos do EF, conforme os objetivos apresentados na Introdução, bem como ao tempo destinado a esta pesquisa (um total de 2 (dois) anos).

Destaca-se também que o Projeto de pesquisa foi submetido ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), no dia 26 de setembro de 2016, e obteve parecer favorável em 17 de novembro de 2016.

1.3 A sequência investigativa: a metodologia do pesquisador

Para a reprodução dos textos desta pesquisa foi feita a opção pela edição diplomática²¹, a fim de conservar todas as características estruturais, gráficas e linguísticas dos textos, tal como foram produzidos por seus escreventes. Dessa forma, respeitaram-se as fronteiras entre palavras e entre as linhas, a pontuação, a acentuação e o emprego das maiúsculas e minúsculas (cf. SANTIAGO-ALMEIDA, 2009). Para marcar as fronteiras entre linhas dos textos utiliza-se o sinal barra: | e entre os parágrafos uma barra dupla: ||.

Na sequência, apresentam-se duas produções originais, uma do 6º outra do 9º; e, em seguida, suas transcrições, com os recursos de edição diplomática citados, para exemplificar:

²¹ Metodologia emprestada da Filologia que consiste na preservação dos traços originais do texto reproduzido.

1. Por que estamos perdendo a guerra contra o *Aedes Aegypti*?
 2. Antes no Brasil havia apenas 11 mil casos por ano [rasurado], e apenas 1%
 3. de casos graves resultavam a morte, também apenas 1% dos imóveis
 4. possuíam larvas do mosquito. E hoje em um ano dão cerca de 1,6
 5. milhão de casos da doença ou Dos casos de morte não são | mais 1%, e
 6. sim quatro vezes maior.
 7. O *Aedes Aegypti*, é um adversário pequeno, mais temível. Ele
 8. transmite por enquanto três vírus: o dengue, que causa uma
 9. intensa dor de cabeça, e outros. O chikungunya que febre alta,
 10. dor intensa, e outros graves sintomas. E por último o mais grave
 11. para as gestantes e bebês, o zika vírus, que causa micro-
 12. cefalia (má formação do cérebro do bebê). Afinal com esses
 13. três sintomas, ou até doenças, quase foram canceladas e transferidas
 14. as olimpíadas no Brasil. Mas a preocupação do povo brasileiro
 15. é que o mosquito evolua cada vez mais.
 16. Em nosso governo há vários meios contra o mosquito, mas
 17. a maioria deles não são eficazes, um deles que foi executado
 18. foram os agentes epidemiológicos, que foram em muitos
 19. casos usando a arma chamada "arvicolas". Entre muitos
 20. do notável 30 (1930), foi a conhecida DDT, que conseguiu acabar
 21. com o *Aedes Aegypti*, mas por causa do mal fazer para
 22. o meio ambiente, ele foi proibido. Mas também o zika não é da
 23. guerra, quer dizer, não é toda de guerra, as populações têm
 24. um papel, porque foram feitas um *terreno* *laible* e tem
 25. um natural, e então claro, e isso faz com que de água, ac-
 26. dando *visando* *crianças* *do mosquito*, aumentando que me-
 27. mos.
 28.
 29.
 30.

Por que estamos perdendo a guerra contra o *Aedes Aegypti*

Antes no Brasil havia apenas 11 mil casos por ano [rasurado], e apenas 1% de casos graves resultavam a morte, também apenas 1% dos imóveis possuíam larvas do mosquito. E hoje em um ano dão cerca de 1,6 milhão de casos da doença ou Dos casos de morte não são | mais 1%, e sim quatro vezes maior. ||

O *Aedes aegypti*, é um adversário pequeno, mais temível. Ele | transmite por enquanto três vírus: a dengue, que causa uma | intensa dor de cabeça, e outros. O chikungunya que febre alta, | dor intensa, e outros graves sintomas. E por último o mais grave | para as gestantes e bebês, o zika vírus, que causa microcefalia | (má formação do cérebro do bebê). Afinal com esses | três sintomas, ou até doenças, quase foram canceladas e transferidas | as olimpíadas no Brasil. Mas a preocupação do povo brasileiro | é que o mosquito evolua cada vez mais. ||

Em nosso governo há vários meios contra o mosquito, mas | a maioria deles

não são executados, um deles que foi executado foram os agentes epidemiológicos, que passam em nossas casas espalhando o veneno chamado larvicidas. Outro meio usado nos anos 50 (1950) foi inseticida [rasurado] DDT, ele conseguia acabar bem com o *Aedes Aegypti*, mas por causa do mal fazer para o meio ambiente, ele foi proibido. Mas também a culpa não é do governo, quer dizer não é toda do governo, a população também tem culpa, por que jogam lixo em terrenos baldios e também bem nas ruas, e então chove, esses lixos ficam cheios de água, acabando virando criadouros dos mosquito, aumentando o seu número.

Fonte: Banco de dados do pesquisador

Brazil x Cedes Egypti

O Brasil é um país guerreiro, unido, vencedor; mas essa fama vem caindo, um vilão se indigna e muito conhecido, o Cedes Egypti, um mosquito transmissor de muitas doenças, um alguns casos, acaba sendo mortal.

Um inseto tão pequeno, frágil; mas que cause grande perturbação. Por falta de conscientização, o país todo está caindo em desgraça. O mais temido inseto, contra todo um país, aproximadamente 170 milhões de pessoas contra alguns insetos, é uma vergonha admitir que a nossa fecundidade não consegue vencer algo tão bomal.

Temeríamos a guerra com simples água, mas grande parte do país não está preocupado. Atualmente é comum encontrar lotes onde é notável conter grama alta e grande quantidade de lixo, sacos plásticos, pneus, pedras quebradas, garrafas, objetos que acumulam água com uma leve e passageira chuva e que futuramente tornam um "brejo" e infestado com milhares de larvas do Cedes Egypti. De modo algum procederemos desta forma, com descarte de lixo incorreto, e de forma alguma isso mudará, se não fizermos algo num futuro muito próximo, estaremos perdidos, o mosquito aumentará cada vez mais e a população ficará cada vez mais doente.

É muito importante que comecemos a agir, fazer sua parte, fazer um correto descarte de lixo, evitar o acúmulo de água nos quintais de casa, fazer furos com mercuriais uma limpeza e coleta de lixo um terreno rochosos, desabitados e abandonados. Como vencer esse guerra no Brasil e mundialmente.

Brasil x Aedes Aegypti

O Brasil é um país guerreiro, unido, vencedor; mas essa fama vem caindo, em relação ao indesejado e muito conhecido, o Aedes Aegypti, um mosquito transmissor de muitas doenças, em alguns casos acaba sendo letal.¶

Um inseto tão pequeno, frágil; mas que causa grande perturbação. Por falta de conscientização, o país todo está caindo em desgraça. O mais temido inseto, contra um país, aproximadamente 180 milhões de pessoas contra alguns insetos, é uma grande vergonha admitir que a nossa sociedade não consegue vencer algo tão banal.¶

Venceríamos a guerra com simples ações, mas grande parte do país não está preocupado. Atualmente é comum encontrar lotes vazios onde é notável conter grama alta e grande quantidade de lixo, sacos plásticos, pneus, porcelanas quebradas, garrafas; objetos que acumulam água com uma leve e passageira chuva e que futuramente tornaria um “belo” e infestado criadouro de larvas do Aedes Aegypti. De modo algum progrediremos desta forma, com descarte de lixo incorreto, e de forma alguma isso mudará, se não fizermos algo num futuro muito próximo, estaremos perdidos, o mosquito aumentará cada vez mais e a população ficará cada vez mais doente.¶

É muito importante que comecemos a agir, fazer a sua parte, fazer um correto descarte do lixo, evitar o acúmulo de água nos quintais de casa, fazer junto com moradores uma limpeza e coleta de lixo em terrenos vazios, descobertos e abandonados. Vamos vencer essa guerra no Brasil e mundialmente.

Fonte: Banco de dados do pesquisador

No que tange ao sistema de identificação das ocorrências dos MJ, utiliza-se, primeiramente, o ano do EF em que o escrevente se encontra, seguido pelo número da produção, sempre separados por hífen, como, por exemplo: [6-10].

De acordo com o que foi discutido na Parte I, voltada à fundamentação teórica, uma das questões que norteiam nosso trabalho é o estudo das TD, na perspectiva de caracterizá-las e delimitá-las. Acredita-se que essa abordagem pode fornecer várias respostas metodológicas (cf. KABATEK, 2005a, p. 164) para a relação entre MJ e TD, da mesma forma que sua adequada apropriação pode fornecer caminhos para um trabalho adequado voltado para práticas de ensino da escrita. Para tanto, enfoca-se aqui uma solução metodológica utilizada pelo autor, na esteira dos princípios de “exaustividade” e “economia”, relativa ao modo de tratamento dessas tradições, em que se dá o enfoque privilegiado aos elementos considerados sintomáticos de uma TD: os MJ.

Segue-se, nesse sentido, a direção dada nos trabalhos desenvolvidos através do projeto B14 “Tradições discursivas das línguas românicas e análises quantitativas e pluridimensionais de *corpus* históricos”, que faz parte do macroprojeto da Universidade de Tübingen SFB441 “Estruturas de dados linguísticos” e focalizam-se os MJ, com todos os desdobramentos na TD argumentativa.

Ao focalizar a TD argumentativa, por meio de uma proposta de produção que leva o aluno a opinar sobre um tema, não se exclui o aspecto da *mescla* de TD, bem como das composicionalidades sintagmática e paradigmática das TD, discutidas nos Capítulos 1 e 2, Parte I. Assim, entende-se que é possível e esperado que as produções não sejam, exclusivamente, argumentativas, mas que mostrem a argumentação sendo composta por outras tradições de dizer/escrever com as quais o sujeito escrevente tenha entrado em contato e das quais tenha lançado mão, com finalidades discursivas diversas, mas diretamente ligadas ao seu objetivo comunicativo maior de argumentar.

As análises foram efetuadas – na continuidade deste estudo, conforme será apresentado nos Capítulos que compõem a sua PARTE III – a partir da conjugação de uma abordagem quantitativa à qualitativa dos MJ utilizados nas produções textuais. Esta pesquisa prevê uma descrição dos aspectos sintático-semânticos a partir dos critérios da frequência *token* e *type*, nos termos de Bybee (2003 *apud* LOPES-DAMASIO, 2011).

As abordagens qualitativa e quantitativa percorreram, basicamente, as seguintes etapas principais:

- (i) levantamento de todas as ocorrências de MJ com diferentes acepções nos textos produzidos por sujeitos regularmente matriculados nos 6º e 9º anos do EF;
- (ii) descrição e análise das técnicas de junção, nas TD argumentativas produzidas pelos alunos do 6º e 9º anos do EF, observando as relações lógico-semânticas e a interdependência existente entre as porções componentes da oração complexa, na perspectiva de Halliday (1985) e Raible (2001 *apud* KABATEK, 2005 *a/b*), com o controle de suas frequências *token* e *type*;
- (iii) investigação das possíveis correlações entre o funcionamento dos MJ e as características da TD argumentação, nos textos de cada um dos anos investigados;
e
- (iv) investigação acerca das evidências do papel da escrita no contexto da TD investigada, em cada ano. Para isso, será realizada uma observação do comportamento da junção a partir do viés da relação oral/falado e letrado/escrito no âmbito da heterogeneidade da escrita.

PARTE III-UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

CAPÍTULO 1

DESCRIÇÃO E ANÁLISE SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS MJ EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS

Neste capítulo, para atender aos objetivos propostos, faz-se a descrição e a análise dos MJ que unem as porções componentes das orações complexas em textos pertencentes à TD argumentativa. Descreve-se e, a partir dessa descrição, analisam-se as relações de interdependência oracionais, conjugando as perspectivas sintáticas e semânticas, conforme Halliday (1985) e Raible (2001), em textos em que os sujeitos fazem uso do modo escrito de enunciação. Nessa direção, mostram-se os resultados deste trabalho, nas quantificações e nas análises qualitativas a elas associadas, no que tange aos eixos sintático e semântico de cada ano, separadamente, com exemplos colhidos nesta pesquisa.

Na primeira subseção deste Capítulo, descrevem-se e analisam-se os MJ em textos argumentativos do 6º ano, em seguida, realiza-se o mesmo percurso nos textos do 9º ano e, por último, faz-se uma comparação a partir dos resultados obtidos na análise das produções nos dois anos do EF.

1.1 Descrição e análise dos MJ nos textos argumentativos do 6ºano

Com foco nas relações tático-semânticas, segundo Halliday (1985) e Raible (2001, 1992, *apud* KABATEK, 2005b), investigam-se as ocorrências de MJ interoracionais em 20 produções do 6º ano. No âmbito tático, consideram-se as relações de maior dependência (hipotaxe) e as de menor dependência (parataxe). No que se refere às sentenças complexas, a parataxe abarca coordenação, citação (discursos diretos e indiretos livres) e aposição; já a hipotaxe, cláusulas relativas não-restritivas, cláusulas de fala reportada (o chamado discurso indireto) e cláusulas interligadas por relações circunstanciais, conforme Capítulo 3 da Parte I. Desconsideram-se, de acordo com a exposição teórica realizada, nesta pesquisa, as orações encaixadas que, grosso modo, seriam as orações subordinadas substantivas e as adjetivas restritivas que exercem uma função gramatical em relação à principal, estabelecendo uma relação de constituição.

Obteve-se aqui uma maior quantidade de relações paratáticas, o que corrobora os resultados de outras pesquisas com textos de diversos segmentos do EF, tais como Longhin-Thomazi (2011b), Zago (2014), Tuão-Brito (2016) e Silva (2016). Nesta pesquisa, alcançou-se o seguinte resultado:

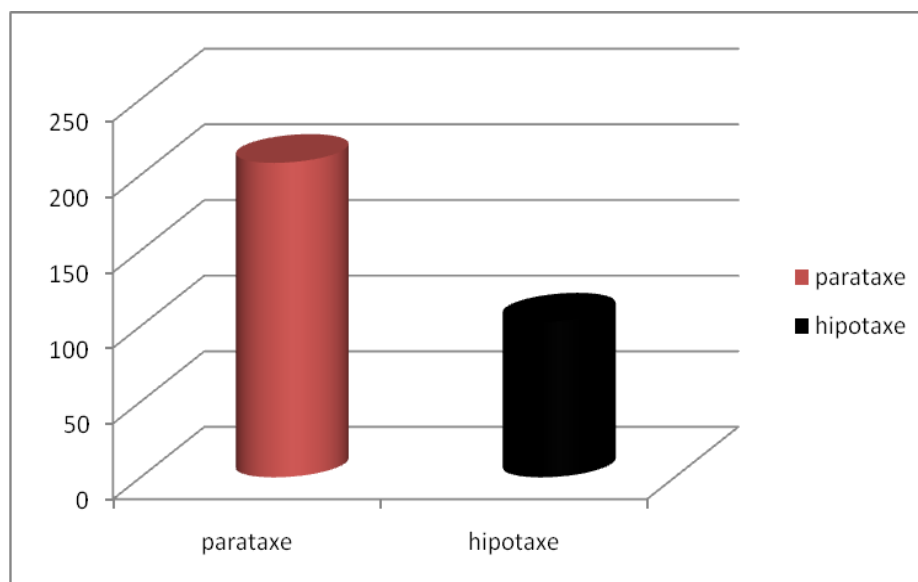


Gráfico 2: Relações táticas nos textos do 6º ano

Com base nos dados, a parataxe é a relação mais produtiva na conexão entre as porções das orações nos textos do 6º ano, correspondendo a 208 ocorrências e a 66,88% das relações sintáticas. Mas a hipotaxe também apresenta uma quantidade bastante expressiva, num total de 103 ocorrências, que correspondem a 33,12% do resultado. É preciso analisar esses dados cuidadosamente, no sentido de explicitar a relação que apresentam com a TD e com o modo escrito da linguagem, usado por adolescentes em processo de letramento, ou seja, vê-se esse resultado como um indício que caracteriza o processo argumentativo na escrita, em contexto escolar. Dessa forma, a oscilação entre a parataxe e a hipotaxe está atrelada a fatores linguísticos, discursivos e pragmáticos.

Nessa direção, Longhin (2014) apresenta as características da parataxe como próprias de algumas TD, o que pode auxiliar no entendimento da quantificação apresentada. A pesquisadora assevera que muitas das características da parataxe estão presentes em tradições orais, mas não lhes são exclusivas, tais como: (i) a ordenação fixa como reflexo do sequenciamento temporal icônico dos acontecimentos; (ii) a recursividade recorrente; (iii) a possibilidade de relações

múltiplas e hierárquicas, em uma mesma construção (iv) a maior frequência da justaposição e do juntor polissêmico E, revelando a *implicitude* presente nas construções paratáticas e exigindo um olhar mais atento para a identificação da relação de sentido estabelecida pelo escrevente, o que resulta em uma maior fixação dos fatos na memória do indivíduo.²²

Na esteira de Longhin-Thomazi (2011, p. 235-238), rejeita-se aqui a noção de que a parataxe é menos complexa sintaticamente do que a hipotaxe. A autora esclarece que essa visão deriva-se da desconsideração das diferentes TD e, pode-se complementar, da própria heterogeneidade constitutiva da escrita.

Desse modo, para uma análise bidimensional dos MJ, atrelados ao ambiente tático, enfoca-se o ambiente semântico em que se encontram as diversas relações dispostas no Esquema 7, constante no Capítulo 3 da Parte I, recuperado aqui, no Esquema 8:

	Adição	Alternância	Modo	Comparaça	Tempo Simultâneo	Tempo Contingente	Tempo Anterior	Tempo Posterior	Causa	Condição	Finalidade	Contraste	Concessão
P													
H													

Esquema 8: Critério bidimensional de análise dos mecanismos de junção (LOPES-DAMASIO, 2013, p. 1376)

Apresenta-se, na sequência, a Tabela 1, com os *types* semânticos e sua frequência na parataxe e na hipotaxe, bem como o Gráfico 3, para enfatizar e dar clareza aos resultados no âmbito semântico. Os dados das relações semânticas estão ordenados por critérios de menor complexidade (adição) para maior complexidade (concessão), de acordo com a sequência de aumento de complexidade semântico-cognitiva, desenvolvida em Lopes-Damasio (2011) a partir de Kortmann (1997):

²²E essas características aparecem nos textos que constituem o *corpus* desta pesquisa e são analisadas na sequência deste trabalho.

<i>Types</i> semânticos	Parataxe	Hipotaxe	Porcentagem
Adição	88/90(97,70%)	2/90(2,30%)	28,93%
Alternativa	2/ 2 (100%)	0/2 (0%)	0,64%
Modo	0/11(0%)	11/11(100%)	3,85%
Comparação	2/6(33,33%)	4/ 6(66,64%)	1,92%
Tempo simultâneo	2/ 4(50%)	2/4(50%)	1,28%
Tempo Contigente	0/2(0%)	2/2(100%)	0,64%
Tempo Anterior	1/3(33,33%)	2/3(66,64%)	0,96%
Tempo Posterior	0/0(0%)	0/0 (0%)	0,00%
Causa	64/99(65,65%)	35/99 (34,35%)	32,47%
Condição	3/21(14,28%)	18/21 (85,71%)	6,75%
Finalidade	1/24 (4,17%)	23/24 (95,83%)	7,71%
Contraste	45/46 (97,83%)	1/46 (2,17%)	14,79%
Concessão	0/3 (0%)	3/3 (100%)	0,96
TOTAL	208/311(66,88%)	103/311(33,11%)	100%

Tabela 1: Relações tático-semânticas no 6ºano

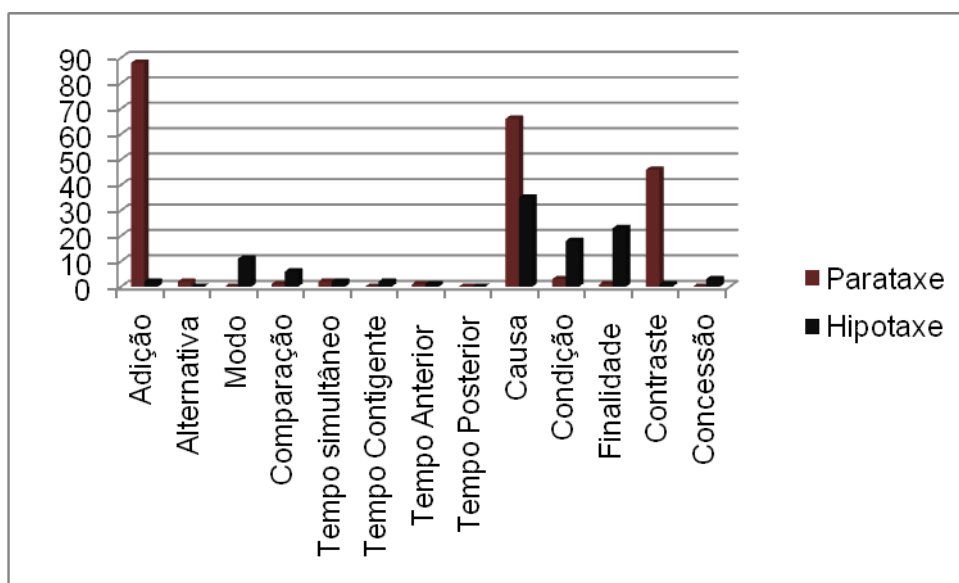


Gráfico 3: Relações semânticas por arquitetura sintática

A partir da Tabela 1 e do Gráfico 3, pode-se perceber uma grande quantidade de MJ aditivos, correspondendo a 90 ocorrências ou 28, 93%. Em sua maioria concentrada na parataxe, a **adição** serve ao propósito de dar sequenciamento ao texto e contribui na manutenção do fio discursivo ao acrescentar informações novas no texto, como pode ser visto em (1):

(1) Mais para melhorar isto. Fazendo as coisas certas| como cuidar do meio ambiente, sempre olhar os| vasos de flor da sua casa **e** colocar areia para| não acumular **e também** evitar que as calhas| fiquem acumulando, mais o pior problema de|todos são as indústrias que juntam muito| lixo **e também** muita água [6-20]

Os MJ E e E TAMBÉM, em destaque no fragmento, são aditivos e servem ao propósito de acrescentar informações novas, contribuindo para a intenção persuasiva da TD argumentativa. O MJ E, bastante produtivo nos textos, como se verá adiante nas quantificações, é muito significativo no sequenciamento das informações. As duas ocorrências da perífrase conjuncional E TAMBÉM também estão em contexto paratático-aditivo, propiciando o desenvolvimento das ideias apresentadas.

A relação **aditiva** aparece, nos dados, como caminho para inferência de outras relações, diferentes da adição, mais abstratas, do ponto de vista semântico, e mais complexas, do ponto de vista cognitivo. Um exemplo pode ser visto em (2):

(2) Os casos não são 11 mil, **e sim** 1,6| milhão. Aquela realidade paralela, que parece hoje| de sonho, foi imaginativa em 2002[...] [6-3]

O MJ E, em co-ocorrência do advérbio SIM, prototipicamente **aditivo**, codifica uma relação mais abstrata, a de **contraste**. Nesse sentido, estabelece aqui uma quebra de expectativa, pois o número esperado (“11 mil” casos de dengue), na verdade, é bem superior (“1,6 milhão”). Trata-se de um recurso argumentativo que permite ao escrevente mostrar ao leitor uma realidade bem mais preocupante do que a imaginada nas pesquisas estatísticas.

Em ambiente hipotático, foram encontradas duas ocorrências, das quais analisa-se uma, em (3):

(3) no Proj| grama Nacional de Controle da Dengue — que,| hoje, nos protege contra o Zika e a microcefal| lia em bebês **associada** a esse vírus. O| que deu ta terrivelmente errado?! [6-15]

A ocorrência não-prototípica caracteriza-se pelo participio ASSOCIADA, funcionando como MJ aditivo, na hipotaxe, e servindo ao propósito de acrescentar informações. A hipotaxe está caracterizada na própria nominalização do verbo e, portanto, na maior dependência entre os segmentos. A ocorrência, em (3), está muito ligada às especificidades dos dados com que se trabalha aqui, ou seja, com

sujeitos em processo de aprendizagem e letramento, visto que esse se dá na oscilação entre os modos oral e letrado, ou seja, tem-se, nesse caso, um indício da oralidade constituindo a escrita.

As relações de **alternância** não foram muito produtivas, correspondem a 2 ocorrências (0,64%), apenas em ambiente paratático, como exemplifica (4):

(4) O pais vem buscando tecnologias para| combater o mosquito e uso de mosquitos |aedes aegypti transgeninincos, ou seja,| cujo genoma é modificado em laboratório| **ou** pode promover uma população| de mosquito estéreis [6-7]

O MJ OU, ao apresentar novas informações sobre as formas alternativas de combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, auxilia assim na intenção do escrevente de apresentar os procedimentos necessários para minimizar o problema, bem como propicia o desenvolvimento da argumentação por meio da apresentação de novas informações.

Observa-se que, nos dados analisados, a relação de **modo** também aparece em número reduzido, equivalente a 11 ocorrência na hipotaxe, correspondendo a 3,85% do total. Apesar de sua baixa frequência, essa relação semântica é muito importante na construção do processo argumentativo, enquanto estratégia discursiva, no processo de persuasão, que visa, quase sempre, exemplificar e demonstrar. Nesse sentido, atribui-se a quantidade reduzida ao próprio processo de letramento que se dá de maneira gradual e à utilização de outras estratégias de persuasão, como exemplifica (5):

(5) Mais para melhorar isto. **Fazendo** as coisas certas| **como** cuidar do meio ambiente” [6-20]

Destaca-se, nessa ocorrência, o gerúndio FAZENDO como MJ na acepção de modo. O MJ COMO dá continuidade à ideia de demonstração e exemplificação. Esses MJ, em ambiente hipotático, servem ao propósito de trazer exemplos do que vinha sendo exposto pelo escrevente. Observa-se também:

(6) [...] Nós podemos combater a| Dengue a chikungunya zika vírus e Aedes aegypti Aedes aegypti **fazendo** não deixar| água parada, tampar as caixas de água, deixar as garrafas de boca| para baixo, colocar areia nos vasos de flor, tampar as piscina, tirar| água dos pneus etc. [6-6]

Também em (6), o gerúndio FAZENDO, como MJ, expressa a ideia de modo na hipotaxe, ou seja, o escrevente usa-o para demonstrar, na sequência, através da listagem, as medidas a serem tomadas para combater o *Aedes Aegypti*. Ou seja, a TD argumentação ancora-se na exemplificação como estratégia discursiva e essa, por sua vez, caracteriza-se, sintagmaticamente, por essa técnica conjunta.

A **comparação**, pelos motivos aventados na relação de modo, também aparece em número reduzido em relação à causa, contraste ou adição, por exemplo, presente em 6 ocorrências nos textos do 6º ano, 4 delas em ambiente hipotático e 2 na parataxe, correspondendo a 1,92% do total. É também uma relação semântica relevante no processo de construção da TD argumentativa, já que permite ao sujeito estabelecer analogias, marcar semelhanças e diferenças e, com isso, persuadir o interlocutor:

(7) [...] As doenças microcefalia que vem do Zica vírus| chikunguya e a dengue que são uma **mais** pior| **que** a outra, vamos combater a dengue não deixar| água parada[...] [6-16]

A perífrase conjuncional MAIS...QUE estabelece uma relação de comparação entre as doenças, destacando sua periculosidade semelhante. Nesse caso, a combinação ocorre na hipotaxe, pois há a interdependência entre os pares oracionais do complexo. Houve ocorrências menos prototípicas, como a em (7):

(8) O pais vem buscando tecnologias para| combater o mosquito e uso de mosquitos| aedes aegypti transgeninincos, ou seja,|cujo genoma é modificado em laboratório[...] [6-7]

O MJ E, nesse contexto, funciona como uma forma de comparação para a inserção de exemplo: “O pais vem buscando tecnologias para combater o mosquito *como* uso de mosquitos *Aedes Aegypti* transgênicos”. É possível perceber, claramente, as fronteiras entre as orações, e, além disso, a sua independência, por isso, encontra-se no âmbito da parataxe.

A relação de **tempo simultâneo** apresenta-se também em pequena quantidade; obtiveram-se 4 ocorrências, 2 na parataxe e 2 na hipotaxe, correspondendo a 1,28%. Essas construções são importantes para marcar a relação da TD argumentativa com o momento presente, mostrando, desse modo, a relevância de tal discussão. Dessas ocorrências destaca-se (9):

(9) Ele| transmite **por enquanto** três vírus: a dengue, que causa uma| intensa dor de cabeça, e outros. O chikungunya que febre alta,| dor intensa, e outros graves sintomas. [6-11]

O MJ POR ENQUANTO, em ambiente hipotático, devido à forte vinculação entre os segmentos, estabelece a relação de tempo simultâneo e serve ao propósito de dar atualidade aos eventos discutidos no texto, o que confere maior relevância ao que é dito na construção da TD argumentativa:

(10) Bom por que temos que ter muito higiene, sa| bemos que temos que almentar os cui| dados com a dengue como passar repe| lente e etc.||
E hoje no Brasil a dengue| ataca muita gente no Brasil então a situação está | bem complequixa, mais todos nós podemos| combater a dengue. [6-12]

O MJ E, acompanhado do advérbio de tempo, acrescenta uma informação, é aditivo, numa interpretação mais concreta, porém expressa uma relação temporal mais abstrata, de tempo simultâneo, ao ligar orações em contexto paratático. Assim, serve para marcar a ideia de tempo imediato ou simultâneo à enunciação.

A relação de **tempo contingente** não apresentou quantidade muito expressiva, revelando-se em apenas 2 ocorrências na hipotaxe, num total de 0,64%, apesar de ser uma relação semântica importante na marcação de eventos (i) que dependem, temporalmente, um do outro, e (ii) que se repetem no tempo. Dito de outro modo, a característica, em (i), contribui para a argumentação ao mostrar a conexão entre distintos eventos, como exemplifica (11), e a característica, em (ii), contribui para a argumentação ao servir como base para a inferência da acepção mais abstrata de condição, como exemplifica (12):

(11)**Sempre** o medico deve ser consultado| e dise jeito nunca vai a cabar a dengue.|| [6-10]

(12) [...] **quando** | chove esse copinho vai se encher de água e quanto| mais copinho-~~com~~ cheio de água mais aedes [rasurado] egypti | evite não jogar coisas na rua. [6-13]²³

Em (11), a oração de tempo contingente não tem uma principal, ou seja, trata-se de uma hipotática sem a sua matriz, que está subentendida no contexto. Nesse exemplo, pode-se inferir que, em caso de dengue, sempre o médico deve ser

²³ Essa ocorrência foi quantificada junto aos casos de condição, sempre de acordo com a relação de sentido mais abstrata. Trata-se de uma escolha metodológica realizada na esteira de trabalhos, como Longhin (2011b) e Lopes-Damasio (2014).

consultado. Esse dado mostra que a hipotática pode ser “*desgarrada*”.²⁴ Neste trabalho, as orações *desgarradas* serão tratadas como hipotáticas, mas são, entretanto, mais próximas das paratáticas se comparadas às hipotáticas prototípicas. Caracterizam, dessa forma, uma construção que exemplifica a fluidez funcional e estrutural das construções em uso na língua.

Em (12), o MJ QUANDO expressa tempo contingente, ou seja, “*sempre* que chove, o copinho enche de água”, em uma leitura mais concreta, que permite a inferência da relação mais abstrata de condição, ou seja, “se chove, o copinho enche de água”.

A habitualidade temporal também pode ser observada em (13):

(13) Mais para melhorar isto. Fazendo as coisas certas| como cuidar do meio ambiente, **sempre** olhar os| vasos de flor da sua casa e colocar areia para| não acumular [...] [6-20]

O MJ SEMPRE aparece aqui, em ambiente hipotático, devido à maior dependência entre as orações, depreendida da nominalização do verbo, e também estabelece a relação de tempo contingente, já que há uma dependência temporal entre “olhar os vasos” e, por exemplo, a necessidade de combater a dengue, e uma repetição desse evento que se traduz em termos de sua habitualidade.

A relação de **tempo anterior** aparece 3 vezes, uma na parataxe e 2 na hipotaxe, nos textos do 6º ano, e equivale a 0,96% das ocorrências. O tempo anterior possibilita que o escrevente relacione eventos do passado a eventos do presente, contribuindo para enfatizar a dimensão argumentativa do texto:

(14) **Ja** tentaram uma técnica conhecida com| “fumace” que acaba deixando mais| resistentes ao inseticidas.|| [6-7]

O MJ JÁ expressa a ideia de tempo anterior em ambiente paratático, devido à baixa dependência entre os enunciados. Nesse caso, o escrevente utiliza um fato do passado para dar maior credibilidade ao que vinha sendo discutido, contribuindo assim para a construção da TD argumentativa. Também se analisou:

(15) Causa recorrentes epidemias de dengue **desde** | os anos 1980. [6-4]

²⁴Decat (1999) chama estruturas como essas de “desgarradas”, por ocorrerem formalmente independentes do enunciado que as antecede ou as segue. Esse tipo de estrutura é constituído por uma “unidade de informação”. Dito de outra forma, trata-se da materialização de orações que, tidas como subordinadas, ocorrem sem a oração matriz (ou sem o núcleo da relação núcleo-satélite), ou seja, como um enunciado independente.

O MJ DESDE indica tempo anterior em uma configuração hipotática, em que as orações são mais dependentes. Ele funciona dentro de uma construção com o Sintagma Nominal (SN) “os anos 1980”, formando um Sintagma Preposicional (SP), que indica movimento ou extensão a partir de um momento determinado no tempo. Trata-se da mesma configuração formal da preposição “por” em “por causa de”, dentro de SP. Nessa direção, esse MJ objetiva trazer elementos do passado para comprovar o que vinha sendo argumentado, fortalecendo a intenção persuasiva.

A relação de **tempo posterior** não obteve ocorrências nos textos do 6º ano, não sendo, nesse sentido, produtiva para a configuração tático-semântica dos textos argumentativos analisados. Já a relação de **causa** tem expressiva quantidade, correspondendo a 99 ocorrências ou 28,93%. Segundo Silva (2016), essa relação semântica pode ser vista em dois sentidos: um estrito, se relacionado a outras noções, por exemplo, as de condição, tempo, agentividade; e um mais amplo, quando se liga a noções como de razão, explicação, justificação e argumento. Nessa direção, contribui sobremaneira para enriquecer o processo argumentativo:

(16) **Por que** Varias pessoas deicha água| parada **iniso** Junta a dengue para muitas| pessoas pensão que Febre Chikungunya e a | zika viruz e uma gripe como as outras.|| [6-19]

O MJ PORQUE é causal e permite uma resposta ou justificativa direta à pergunta-tema: “Por que o Brasil não consegue vencer o mosquito *Aedes Aegypti*”. Dá-se numa combinação paratática já que as orações têm igual estatuto, ou seja, entende-se o segmento como uma explicação ou justificativa.

O uso não-prototípico do MJ “iniso”(E NISSO), também em (16), permite inferir uma relação de causa (mais abstrata) a partir da relação mais concreta de modo. Reforçam-se aqui os motivos da não-obtenção de êxito através da exposição do modo como a dengue prolifera, ou seja, a oração funciona como efeito da ação anterior. O ambiente é hipotático devido à segunda oração desempenhar o papel de modificadora da matriz. Analisou-se também:

(17) [...] população tam| bém tem culpa, por que jogam lixos em terrenos baldios e tam| bem nas ruas, e então chove, esses lixos ficam cheios de água, **aca| bando virando** criadouros dos mosquito, **umentando** o seu nu| mero[...] [6-11]

Os gerúndios ACABANDO VIRANDO, ao funcionar como MJ, dão ideia de causa na hipotaxe. Pode-se ler: “*por isso* viram criadouros do mosquito”. O gerúndio

AUMENTANDO também é causal consecutivo, na hipotaxe, e pode significar: “*portanto* o número de mosquitos aumenta.”

A relação **condicional**, não tão expressiva quanto a de causa, mas com um número significativo, aparece em 21 ocorrências, três na parataxe e 18 na hipotaxe, correspondentes a 6,75%, e é bastante significativa na construção da argumentação, já que permite ao escrevente estabelecer critérios, fazer restrições e balizar o fio discursivo de seu texto:

(18) O que e feito para eliminar o mosquito | a maior parte dos criadouros em resistencia |por isso, canpanhas de consentização da população | costumam ser feitas **em periudo de chuval**[6-7]

Em (18), o MJ EM PERÍODO DE CHUVA, ou seja, “quando chove”, expressa uma relação contingente, devido à noção de habitualidade presente nas ações interdependentes, que permite inferir a noção mais abstrata de condição, pois, somente se chover, serão feitas as campanhas de conscientização. A arquitetura é hipotática, já que as orações estão mais vinculadas, diferentemente do que se pode constatar, em (19), que veicula condição via justaposição, na parataxe.

(19) 11 mil casos grande resultam em| Dengue por ano, apenas 1% dos casos grandes resutam | em mortes, ø Apenas 1% dos imóveis tem larvas [...] [6-14]

Inferre-se, na justaposição, a relação de condição, pois, somente se 1% dos imóveis tivesse larvas, é que resultaria na situação anteriormente posta. Nesse sentido, tem-se uma relação condicional em uma configuração paratática.

A relação de **finalidade** também foi expressiva nos textos analisados, obteve um total 24 ocorrências ou 7,71% do resultado, 23 na hipotaxe e 1 na parataxe. Essa relação semântica está ligada ao propósito de convencimento, por meio da apresentação da funcionalidade de determinados eventos e situações:

(20) [...] por isso existem campanhas **para** conscientizar a população sobre| epidemias, a dengue pode causar efeitos com dor de cabeça, dor no corpo [...] olhar os| vasos de flor da sua casa e colocar areia **para**| não acumular [...] [6-20]

O MJ PARA expressa finalidade nas duas ocorrências desse excerto, ambas em contexto hipotático, devido ao estatuto desigual dos segmentos. O escrevente aqui visa a convencer o leitor, ao demonstrar finalidades empíricas dos cuidados que devem ser tomados em relação à dengue. Analisa-se também a ocorrência em (21):

(21) [...] a única maneira de proteger uma geração do| Zika vírus é decretar guerra contra o mosquito **a ponto del** impedir grandes epidemias. [6-5]

O MJ A PONTO DE tem a mesma função do PARA, ou seja, expressa finalidade em ambiente hipotático. O escrevente sinaliza para a necessidade de “decretar guerra contra o mosquito *a fim de* impedir grandes epidemias.”

A relação de **contraste** foi extremamente relevante na configuração semântica dos textos do 6º ano. Foram quantificadas 46 ocorrências, 45 na parataxe e apenas 1 na hipotaxe, num total de 14,79% do resultado do 6º ano. O contraste é uma relação que marca, entre outras situações, a contra-argumentação, a necessidade de refutar e a quebra de expectativa. É importante para a construção do fio discursivo, de cunho argumentativo, de uma forma que se pretende mais crítica, propiciando o convencimento do interlocutor:

(22) [...] nossos governos tem o vício de produzir planos,| agendas, normas e leis em serie;
 Ø O mosquito Aedes aegypti | e um adversário mais temível do que você imaginava. || [6-16]

A justaposição (parataxe) tem um sentido de contraste fortemente associado ao objetivo argumentativo do texto, ou seja, “os governantes têm um vício de planejar, *mas* isso não é o bastante, é preciso agir, porque o *Aedes* é um adversário mais temível do que se imaginava”. Trata-se de uma inferência possível a partir do contexto e do objetivo do aluno de convencer o outro. Viu-se também:

(23) Mas também a culpa não é do| governo, **quer dizer** não é toda do governo, a população tam| bém tem culpa [6-11]

O uso do MJ contrastivo QUER DIZER, em ambiente paratático, visto que os segmentos têm igual estatuto, tem uma conotação retificadora, pois desfaz ou atenua a culpa dos governantes, deixando claro o posicionamento do escrevente em relação ao que ele está argumentando. Analisou-se ainda:

(24) [...] Joga copinho descartável na rua quando| chove esse copinho vai se encher de água e quanto| mais copinho ~~com~~ cheio de água mais aedes [rasurado] egypti|evite não jogar coisas na rua. **Mais** vencer a dengue| nós [rasurado] não vamos conseguir **mais** sim diminuir o núme| ro de casos. || [6-13]

O MJ MAS, construtivo, na parataxe, na primeira ocorrência, não está relacionado a uma oração específica, mas a todo um parágrafo em que se expõem

as mazelas da população em relação à dengue. A segunda ocorrência de MAS, também contrastiva, na parataxe, serve para, efetivamente, dar um viés contra-argumentativo, mostrando opinião diferente do senso comum.

A **concessão**, não muito expressiva nos textos analisados, tendo sido observada em 3 ocorrências, na hipotaxe (0,96%), é a relação mais abstrata dentre as enfocadas aqui, servindo para mostrar incongruências, disparidades e desigualdades. Nesse sentido, é importante na construção da TD argumentativa, como mostra a ocorrência em (25):

(25) [...] **mesmo que** uma família cuide seus quim [rasurado] e o seus vizinhos| não a fêmea do mosquito tode picar, a família que cuida do| seu quintal facilmente[...] [6-1]

Nesse trecho, o MJ MESMO QUE tem acepção de concessão, pela admissão do fato contraditório de que, se os outros vizinhos não cuidarem dos seus quintais, de nada adianta que só alguns cuidem. A hipotaxe se deve à maior vinculação entre os segmentos e a uma oração ser modificadora da outra. Tem-se ainda:

(26) Sintomas que aparecem em nosso corpo **que nem**| a gente imaginava que pode acontecer, elas existem| por cientistas eu acredito que eles existem por| causa que eu vi na televisão que eles tinham| soubidos do negocio [...] [6-9]

A perífrase conjuncional QUE NEM, como MJ, aparentemente, traz uma relação de comparação numa acepção mais concreta, no entanto, é possível uma leitura mais abstrata, ou seja, a concessão, pois o escrevente afirma que, “*apesar de nós não imaginarmos a crueldade dos sintomas da dengue, eles são reais.*”

A fim de contribuir para uma melhor visualização do que foi apresentado, segue o Gráfico 4, em suas partes I e II, com a quantidade de MJ nos textos do 6º ano:

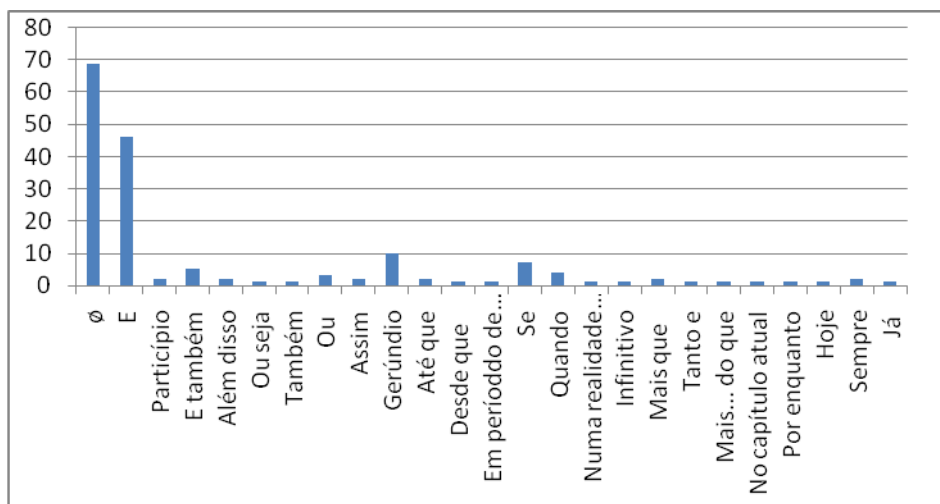


Gráfico 4 – Parte I: Frequência dos MJ nos textos do 6º ano

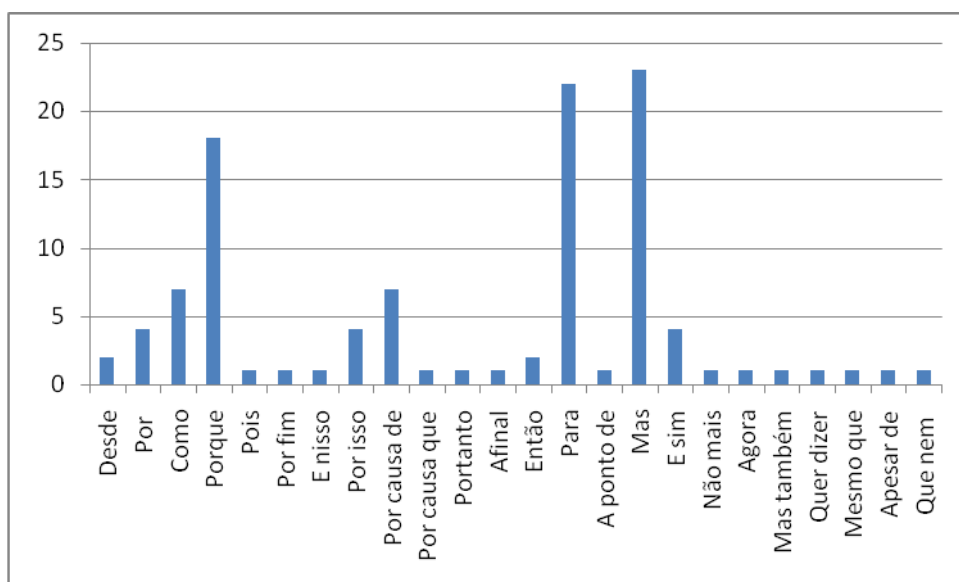


Gráfico 4 – Parte II: Frequência de MJ nos textos 6º ano

Por meio do Gráfico 4, nota-se que a quantidade de justaposições (69/22,18%) é superior a de todos os outros MJ, seguida pelo MJ E (46/14,79%) e pelo MAS (23/7,39%). Essa frequência sinaliza um forte condicionamento da TD e a condição de letramento em que se encontram os sujeitos escreventes, conforme mostram as ocorrências (27), (28) e (29):

(27) “Muitos é muitos e muita crianças nacendo com| microsefalia e um pecado.| Ø da do Ø a gente todos nós temos que mudar [...]”[6-9]

(28) A minha solução é que as pessoas passem a usar| repelente, veneno elétrico que não é prejudicial e é| claro, não deixar agua parada[...] [6-2]

(29) Os nossos governos tem o vício de produzir, normas, leis] e entre outros, **mas** não as executam, não as realizam [...] [6-5]

Em (27), há uma justaposição, na parataxe, inserindo a oração “dá dó”. O fato apresentado anteriormente é a causa “da dó”, portanto, apresenta a noção de consequência dentro do par causa-efeito/consequência, ou seja, é um pecado, “*por isso/portanto* dá dó”. A segunda justaposição é aditiva, na parataxe, e acrescenta uma informação nova. A escolha da justaposição está associada ao nível de letramento do sujeito, pois estabelece, não só um vínculo mais forte com a oralidade, com também com o interlocutor, já que necessita de uma cooperação maior na atribuição dos sentidos, que podem experimentar diferentes níveis de complexidade.

Na ocorrência em (28), o E aditivo tem o mesmo funcionamento da listagem argumentativa, em que o argumento mais forte é acrescentado por último. Nesse caso, o escrevente acrescenta um reforço linguístico desse aspecto discursivo, que é o “é claro”. Nos dados de aquisição da escrita, o MJ E é bastante saliente em pesquisas como as de Longhin-Thomazi (2011b), fato que pode ser atribuído à possibilidade de inferir, a partir de seu uso prototípico, que é aditivo, diversas outras noções, atreladas ao desenvolvimento das ideias, o que está ligado ao grau de letramento dos sujeitos, refletido na escolha do MJ que transita por tradições da oralidade caracterizadas por determinadas arquiteturas sintáticas.

Em (29), o MJ MAS, na parataxe, estabelece uma relação de contraste com o que foi dito anteriormente. Esse MJ serve a um propósito de contra-argumentar e refutar a declaração anterior. Essa escolha também se associa diretamente à TD argumentação e ao processo de letramento do sujeito, já que o MJ permite estabelecer um diálogo com outras vozes sociais na defesa de seu ponto de vista, por meio da escolha de uma técnica juntiva da mesma forma considerada característica das tradições de dizer, quando a noção pretendida é o contraste.

Para complementar, a Tabela 2 mostra a quantidade de MJ por tipo semântico, evidenciando a relação *token/type* nos textos do 6º ano.

<i>Type</i> Semântico	MJ	Quantidade	<i>Token</i>
Adição	Ø	46	x
	E	32	x
	Associada (PART.), Além disso	2	x

	E também	5	x
	Ou seja, Ou, Também	1	90/311
Alternativa	Ou	2	2/311
Modo	Limpando, Olhando, Fazendo, Espalhando, Andando (GER.)	1	x
	Assim, Como	3	11/311
Comparação	Mais que	2	x
	Tanto E, Como, E, Mais...do que	1	6/311
Tempo Simultâneo	No capítulo Atual, Por Enquanto, Hoje, E	1	4/311
Tempo contingente	Sempre	2	2/311
Tempo Anterior	Já	1	x
	Desde	2	3/311
Tempo Posterior	–	0	0/311
Causa	∅	43	x
	Assim, Como, Então	2	x
	Por, Por isso	4	x
	Porque	18	x
	Pois, Por isso, Por fim, Por causa que, Afinal, E nisso, Portanto, Por causa que, Afinal	1	x
	Por causa de	7	x
	E	4	x
	Acabando, Virando, Aumentando, Causando (GER.)	1	99/311
Condição	Até que, ∅	2	X
	Desde que, E, Em período de chuva, Numa realidade paralela	1	x
	Se	7	x
	Quando	4	x
	Ao picar (INF.)	1	x
	Fazendo (GER.)	1	x
Finalidade	Para	21	21/311
	∅	1	x
	A ponto de que	1	24/311
Contraste	∅	9	x
	Mas	23	x
	E	6	x
	E sim	4	x
	Não mais, Agora, Mas também, Quer dizer	1	46/311
Concessão	Mesmo que, Apesar de, Que nem	1	3/311

Tabela 2: Frequência *token/type* dos MJ no 6ºano²⁵

²⁵ Os MJ que aparecem na relação semântica especificada na primeira coluna, com a mesma quantidade foram contabilizados juntos, ou seja, deve-se multiplicá-los pela quantidade da terceira coluna. Será usado o mesmo critério na Tabela 5 da subseção 1.2.

A partir da Tabela 2, é possível notar a produtividade de alguns MJ, como o E, em diferentes contextos, e a justaposição, em diferentes relações semânticas. Nessa direção, pode-se afirmar que esses MJ, produtivos nos dados, são reflexo da TD e do trânsito do sujeito pelas tradições oral e escrita. O MJ E, como demonstrado, é bastante polissêmico, assim como as justaposições que permitem inferir uma gama de sentidos. Desse modo, os resultados expostos na Tabela 2 demonstram uma relação com as tradições orais, já que requerem um maior grau de cooperação entre os sujeitos para a compreensão. Por outro lado, pondera-se que há traços da escrituralidade na coerência da utilização de relações mais abstratas, como as de causa, condição e contraste na composição da TD.

Apresenta-se, em seguida, o Gráfico 5 com a quantificação das relações semânticas nos textos do 6º ano, de acordo com a escala de complexidade cognitiva crescente:

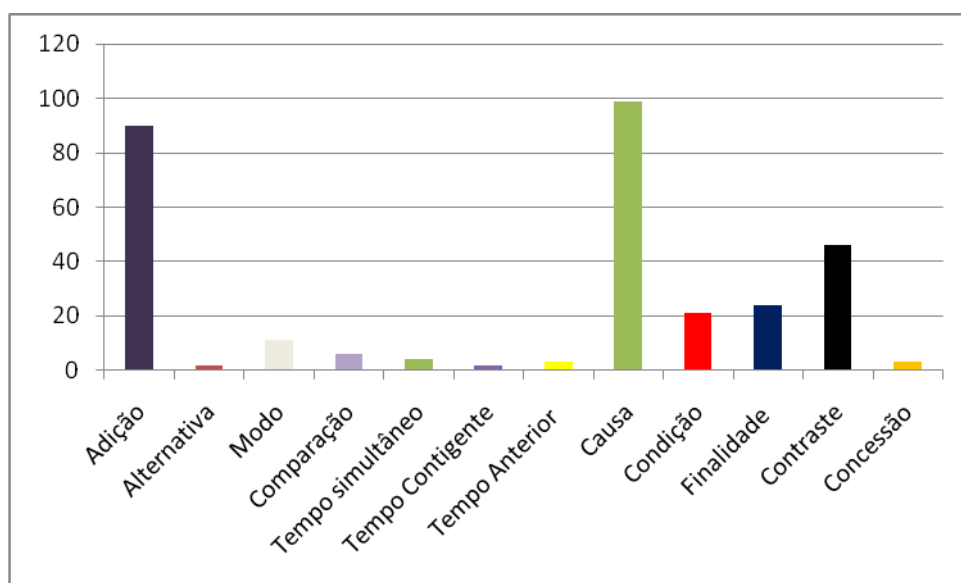


Gráfico 5: Relações semânticas nos textos do 6º ano

Observa-se que a causa é a relação mais usual (99/ 28,93%) nos textos do 6º ano, corroborando o propósito de construção do texto argumentativo, visto que explicar, justificar, apresentar causas, efeitos, consequências, dentre outros, são parte integrante do processo de construção dessa tradição argumentativa. Em seguida, tem-se a adição (90/28,94%) que está ligada à própria necessidade de acrescentar informações novas no andamento do texto e, posteriormente, o

contraste (46/14,79%), associado às diferentes vozes sociais com as quais o sujeito tem que lidar no processo de construção da TD argumentativa.

Nos dados analisados, também se observam as relações de parentescos semânticos, tal como mostra a Tabela 3. Entende-se, com Kortmann (1997), que existem quatro macrosistemas semântico-cognitivos, conforme o Esquema 6 (seção 3.3 do Capítulo 3 da Parte I), dentro dos quais se desdobram conjuntos de relações com elos de parentescos, que ajudam a explicar padrões de polissemia. São elas: *tempo*, *modo*, *lugar* e CCCC (*causa*, *condição*, *contraste*, *concessão*). Nos textos analisados, por exemplo, encontraram-se, dentre outras, *adição* e *modo* que permitem inferir *causa*, e *tempo contingente* que permite inferir *condição*:

MJ	+ Concreta	+ Abstrata	Quantidade
Assim	Modo	Causa	2/0,64%
E	Adição	Causa	5/1,60%
Quando	Tempo contingente	Condição	4/1,28%
E	Adição	Contraste	6/1,92%
E	Adição	Comparação	1/0,64%
Agora	Tempo Simultâneo	Contraste	1/0,64%

Tabela 3: Parentescos semânticos nos textos do 6º ano

Os parentescos semânticos podem ser observados, por exemplo, de (30) a (35):

(30)[...]não deixar| água parada, tampar as caixas de água, deixar as garrafas de boca| para baixo, colocar areia nos vasos de flor, tampar as piscina, tirar| água dos pneus etc, **assim** nós podemos acabar com| a dengue.[6-6]

31) O Aedes aegypti causa a Febre chikungunya |a microcefalia →zika vírus essa doenças| são muito perigosas **e** podem até matar.¶ [6-17]

(32) No nosso Brasil a 11 mil casos de Dengue **e**| por ano, apenas 1% dos casos graves resultam em morte [...] [6-15]

(33) já botam seus| ovos e já se forma uma família de mosquito| **quando** nos nem ligua ela so vai dexando pe| ssoas doente. [6-8]

(34) [...] podemos acabar com o mosquito, sem| fazer esforço, **agora** prevenir é necessário[...] [6-4]

(35) O pais vem buscando tecnologias para| combater o mosquito **e** uso de mosquitos |aedes aegypti transgeninincos, ou seja,| cujo genoma é modificado em laboratório[...]"

Em (30), ASSIM, no final do texto, marca uma acepção de modo, mais concreta, mas também permite uma inferência de conclusão, no âmbito da causalidade, parafraseável por “*desse modo/portanto* podemos acabar com a dengue.”

O MJ E, em (31), além da leitura mais concreta, aditiva, permite uma leitura causal, mais abstrata, associada à noção de consequência: “essas doenças são perigosas, *por isso/portanto* podem matar.”

Em (32), E estabelece uma relação mais concreta de adição que permite inferir uma relação contrastiva mais abstrata, ou seja, acontecem 11 mil casos, mas somente 1% resulta em morte.

Em (33), QUANDO estabelece uma relação mais concreta de tempo contingente e outra, mais abstrata, de condição, a partir da inferência de que “se nós não nos importamos, os mosquitos deixam as pessoas doentes”.

O MJ AGORA, em (34), expressa a relação mais concreta de tempo simultâneo, mas permite inferir uma mais abstrata de contraste, entendida como “*mas para prevenir é necessário*”.

Em (35), o MJ E, além da relação aditiva mais concreta, nesse contexto, funciona como uma forma de a inserção de exemplo: “O país vem buscando tecnologias para combater o mosquito *como* uso de mosquitos *Aedes Aegypti* transgênicos”.

Em relação ao que foi apresentado, em termos de parentescos semânticos, o MJ E apresenta grande produtividade, nas relações semânticas estabelecidas, sendo, nesse sentido, um juntor polissêmico por excelência. A partir dele, inferem-se relações semânticas mais abstratas e mais complexas cognitivamente. O MJ QUANDO também é produtivo ao expressar a ideia de tempo contingente e permitir a inferência de condição. Esses parentescos, associados a mudanças semânticas subjacentes a mudanças linguísticas, são observados de forma sistemática nas línguas, de acordo com Kortmann (1997), corroborando o Esquema 6 e, no caso deste trabalho, corroborando também a relação entre filogênese e ontogênese.

Seguindo os mesmos critérios de análise, na próxima seção, serão apresentadas a descrição e a análise dos MJ nos textos argumentativos do 9º ano.

1.2 Descrição e análise dos MJ nos textos argumentativos do 9º ano

A partir da análise das relações táticas, obteve-se o seguinte resultado nas produções do 9º ano do EF:

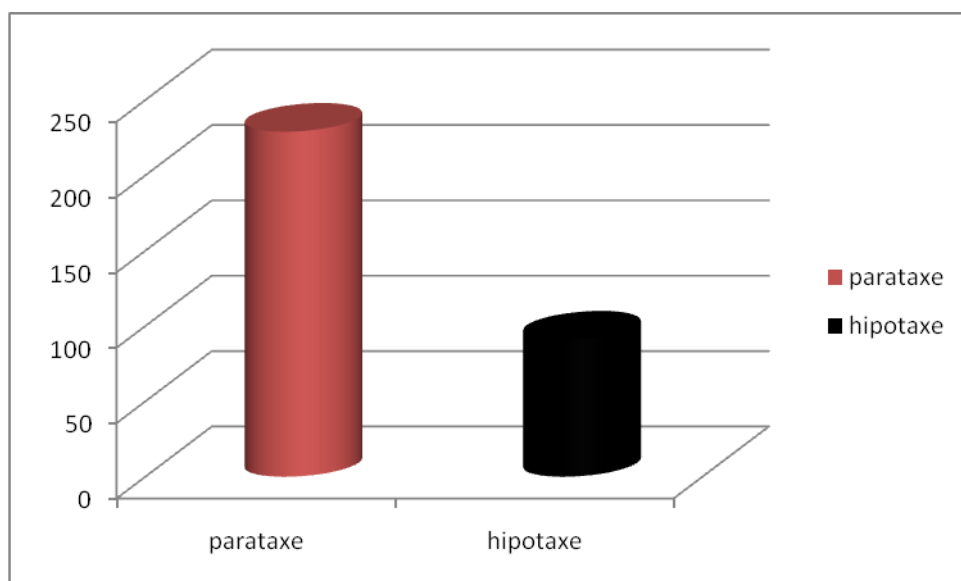


Gráfico 6: Relações táticas nos textos do 9º ano

Observa-se aqui um grande número de relações paratáticas, num total 228 (71,26%) das ocorrências. A hipotaxe apresenta 92 ocorrências (28,75%). Esse resultado aponta para uma preponderância da codificação paratática, embora a hipotaxe também seja importante na construção de textos da TD argumentativa, nos dados analisados aqui, em consonância com a heterogeneidade da escrita. Entende-se que a escolha da parataxe está vinculada ao aspecto dialógico dos textos por meio do qual se busca uma maior interlocução para o alcance do objetivo do texto.

O resultado da análise das relações táticas, em correlação com as semânticas, pode ser observado na Tabela 5:

<i>Types</i> semânticos	Parataxe	Hipotaxe	Porcentagem
Adição	88/91(96,70%)	3/91(3,30%)	28,43%
Alternativa	6/6(100%)	0/0(0%)	1,87%

Modo	15/41(36,58%)	26/41(63,42%)	12,81%
Comparação	0/1(0%)	1/1(100%)	0,31%
Tempo Simultâneo	0/1(0%)	1/1(100%)	0,31%
Tempo Contigente	0/2(0%)	2/2 (100%)	0,62%
Tempo Anterior	1/2(50%)	1/2(50%)	0,62%
Tempo Posterior	0/0(0%)	0/0(0%)	0,00%
Causa	70/99(70,70%)	29/99(30%)	30,93%
Condição	1/25(4%)	24/25(96%)	7,81%
Contraste	46/46(100%)	0/49(0%)	14,37%
Concessão	1/6(16,60%)	5/6(83,40%)	1,87%

Tabela 4: Relações tático-semânticas nos textos do 9º ano

A partir da Tabela 4, pode-se perceber uma grande quantidade de relações **aditivas** nos textos argumentativos do 9º ano (91/ 28,43%), conforme exemplifica a ocorrência em (36):

(36) [...] Ele é transmitido pelo Aedes| aegypti **e**, causa febre, dores de cabeça, dores musculares, dores nos olhos e| entre outras coisas, **e** o mosquito transmite a dengue [...] [9-19]

Nesse uso, o MJ E é paratático e aditivo, visto que os segmentos têm igual estatuto. A partir desse junção, acrescentam-se informações novas. Na sequência, a justaposição paratática também tem aceção aditiva e também acrescenta uma proposição ao que já foi enunciado. Esses usos ligam-se ao propósito de informatividade do texto argumentativo e demonstram a intenção persuasiva, já que, ao trazer informações novas, os argumentos ganham credibilidade.

No âmbito da hipotaxe aditiva tem-se:

(37) _Passa um comercial na televisão |**falando** [rasura] sobre o Aedes aegypti, **e** tem | ate uma música falando |também, **e** dando instruções sobre o | Aedes aegypti.[9-8]

O gerúndio FALANDO funciona como MJ na hipotaxe, acrescentando uma informação, ou seja, “passa um comercial na TV e esse comercial traz informações sobre o Aedes Aegypti”. A justaposição também indica adição de argumentos na parataxe. O MJ E, aditivo, encabeça o gerúndio DANDO, e na parataxe, permite o acréscimo de informação.

A relação de **alternância** aparece apenas na parataxe em 6 ocorrências, correspondentes a 1,87%, como em (38) e (39):

(38) [...]criança vai demor para aprender| andar, falar, comer sozinho **ou** até morrer |dependendo do caso do bebe[...][9-4]

(39) Então, para que essas consequências não acon| tenham, necessitamos prevenir o aumento da| quantidade desse mosquito ou fazer esse mos| quito ser| extinto, **ou** pelo menos diminuir| seus criadouros[...][9-14]

Nesse caso, o MJ OU serve para introduzir o argumento mais forte, como ápice da argumentação em torno das consequências da microcefalia, sendo um MJ paratático, devido à menor dependência entre os segmentos envolvidos na construção do complexo. No contexto de (39), o MJ OU, também na parataxe, adiciona um argumento, com a função de dar mais diversidade argumentativa e aumentar a possibilidade de ir ao encontro das ideias do interlocutor, a fim convencê-lo.

Na relação de **modo**, foram mapeadas e descritas 41 ocorrências (12,81%), sendo 26 em ambiente hipotático e 15 em contexto paratático, de acordo como os exemplos em (40) e (41):

(40) [...] evitamos ajudar ao max| mo sua proliferação poderíamos diminuir vários casos e evi | tar [rasura] outros pela frente, **tendo** o controle dele em nossas mãos melhoraremos muito a situação | em que estamos[...][9-18]

(41) [...] o Brasil vamos pra| frente com saúde educação e muito q vinter com paz e harmonia com o proximo| a sociedade e o mosquito que se acba| **e** o Brasil ganhar essa guerra. [9-6]

O MJ TENDO, em (40), um verbo no gerúndio, faz emergir a ideia de modo, ou seja, *através* do controle da situação da dengue é que se consegue a diminuição de casos – o modo para se conseguir a diminuição dos casos de dengue é, portanto, o controle da situação. A arquitetura é hipotática, pois há maior dependência tático-semântica entre as orações envolvidas.

O MJ E, em (41), ao conectar orações na parataxe, tem uma acepção mais concreta de adição, a partir da qual se estabelece o trânsito para a acepção mais abstrata de modo, tal como se pode explicitar na paráfrase: “*assim(desse modo)*o Brasil ganha essa guerra”.

Nos dados do 9ºano, analisados aqui, a *comparação* foi mapeada com apenas 1 ocorrência hipotática, que corresponde a 0,31%, exposta em (42):

(42) *Aedes aegypti* é um mosquito que já não é mais desconhecido no Brasil, **não só** no Brasil **como** no mundo todo, é muito raro| no Brasil alguém picado pelo mosquito conseguir vencer o *Aedes aegypti*. [...] [9-3]

O MJ correlativo NÃO SÓ... COMO permite inferir a relação de comparação, na hipotaxe, visto que os segmentos têm estatuto desigual. Nesse uso, o escrevente lança mão de seu conhecimento de mundo para correlacionar situações, com forte intenção persuasiva, o que insere o texto na TD argumentativa.

A relação de *tempo simultâneo* revelou-se em apenas 1 única ocorrência na hipotaxe (0,31%):

(43) [...] zika que causa a| microcefalia e deixa os bebês **quando** nasce com aparência| ruim, vemos que ele não da moleza e nós estamos deixando isso| espalhar mais e mais sem fazermos nada contra. || [9-15]

Nesse caso, o MJ QUANDO estabelece a relação de tempo simultâneo, já que os estados de coisas descritos nas ações ocorrem ao mesmo tempo. Os segmentos estão ligados por hipotaxe, tendo em vista que há uma maior dependência entre eles.

A noção de *tempo contingente* foi constatada em 2 ocorrências (0,62%), conforme (44):

(44) [...] se quisessem mudança, correriam atrás **mas** [rasura corretivo] | como é ne, **nem sempre** tudo é uma beleza [...] [9-7]

O MJ NEM SEMPRE precisa ser analisado junto com o MAS, como uma perífrase que reforça o contraste de MAS, na oração anterior: “*mas* [sabe] como é né”. O MAS marca o contraste sem explicitar o seu conteúdo, ou seja, contando com a concordância do leitor com aquilo que foi apresentado, em sua argumentação, anteriormente no texto, o que vem reforçado pelo uso do marcador discursivo “né”. O MJ NEM SEMPRE marca a noção de tempo contingente, visto que estabelece uma habitualidade (embora de forma negativa), numa relação de dependência temporal com enunciado contrastivo anterior, em contexto hipotático, devido a uma oração ser modificadora da outra. Outro exemplo dessa relação pode ser observado em (45):

(45) [...] não use a garrafinha dela, lenço ou toalhinha, porque po| de-se contaminar. **Sempre** se prevenir. Tome os cuidados necessários| e se sentir os sintomas deverá ir ao médico.

Em (45), o MJ SEMPRE, prototípico dessa acepção, expressa tempo contingente, em ambiente hipotático, devido à nominalização do verbo, apesar de se tratar de uma oração *desgarrada*, nesse caso, associada à noção temporal, distante, portanto, dos contextos condicionais mais reconhecidos na literatura linguística (cf. DECAT, 1999).

A acepção de *tempo anterior* aparece 2 vezes nos dados (0,62%), sendo 1 ocorrência em ambiente hipotático e 1 em paratático, como em (46) e (47), respectivamente:

(46)[...] que as pessoas pensem, **antes de** fazer pelo mor de deus|isso ja ta virando um caso sem solução, um caso [rasura corretivo]] chato[...] [9-7]

(47) [...] abandonados **ai** esses lixos que estão acumulados |la tem recipientes e se chover esses recipientes |vão encher de águas e assim começa a reprodução da |Aedes Aegypti e pode virar uma pandemia ou |uma epidemia.|| [9-1]

O ANTES DE, em (46), é um MJ hipotático, devido a fatores como a redução do verbo da oração modificadora, e expressa tempo anterior, ou seja, marca-se na relação com fatos que antecedem o momento atual e auxiliam na composição da TD argumentativa. O MJ AÍ, no contexto paratático, de (47), também indica tempo anterior. A parataxe se caracteriza pelo igual estatuto das orações unidas e a relação de tempo anterior marca o momento que antecede as ações “chover e acumular” (água).

Não foi contabilizada nenhuma ocorrência de **tempo posterior** nos dados do 9º ano. A relação de **causa**, no entanto, foi a mais produtiva, com 99 ocorrências (30,93%), 70 na parataxe e 29 na hipotaxe, conforme exemplificam (48) e (49):

(48) O governo tambem não faz a sua parte| que e ajudar no combate da Aedes Aegypti| **ø** eles tem que pensar que eles também são brasil| leiros **e** podem pegar a famosa (corretivo) Dengue **e** não| só a a dengue, a Aedes Aegypti ela tras mais virus como, o virus Zika e o virus Chiku|ngunha.||

Então para não aumentar mais essa |pandemia que esta acontecendo no nosso pais e |casos de morte **por causa da** Aegepty,| devemos fazer a nossa parte para melhorar |essa pandemia. |**ø** Vamos fazer a nossa parte” [9-1]

O exemplo, em (48), mostra a produtividade da relação causal nos dados. O MJ ENTÃO, nessa ocorrência, serve ao propósito conclusivo, inferível a partir de sua

acepção mais concreta de tempo, e equivale a *portanto*, em ambiente paratático, devido à menor dependência entre os segmentos. O MJ POR CAUSA DE também serve para indicar causa, agora na hipotaxe, pois uma oração modifica a antecedente, numa relação lógica de efeito-causa, e há uma maior dependência entre elas. A justaposição causal também tem, nesse sentido, um papel conclusivo e pode significar: “*portanto* vamos fazer a nossa parte”, funcionando como uma importante estratégia discursiva de retomada da argumentação ensejada.

(49) [...] O po| blema está naquele potinho jogado no fundo| do quintal, ou até mesmo nas garrafas de bocas cima|, *pois* às vezes você pensa que isto não iria mudar| nada, mais você está muito enganado, *pois* um gesto de| sse pode salvar uma vida!! [9-9]

Em (49), a primeira justaposição estabelece uma relação de causa na parataxe, entendida como uma explicação: “O problema está naquele potinho jogado no fundo| do quintal, ou até mesmo nas garrafas de bocas para cima, *pois* às vezes você pensa que isto não iria mudar nada”. A segunda ocorrência de justaposição paratática também é causal e pode ser codificada como: “[...] mas você está muito enganado, *pois* um gesto pode salvar uma vida!” Essas ocorrências demonstram o forte teor argumentativo dos textos, mesmo quando o escrevente não utiliza um MJ prototípico, deixando que a relação causal, responsável pela construção dessa argumentatividade, fique por conta de uma inferência contextual.

A relação de **condição** também teve uma quantificação expressiva, equivalente a 25 ocorrências (7,81%). Grande parte desses usos ocorreu em ambiente hipotático e apenas um na parataxe:

(50) [...] **se** todos não estiverem dispos| tos a ajudar nisso. com o relachamento e desisteresse do go| verno as doenças pioraram, tendo mais números de mortes.||

O MJ SE prototipicamente estabelece a relação condicional na hipotaxe e é muito importante na construção da argumentação, pois, ao fazer a suposição de que todos estejam dispostos a ajudar, o escrevente tenta convencer que esse é o melhor caminho.

(51) [...]evi| tar [rasura] outros pela frente, **tendo** o controle dele em nossas mãos melhoraremos muito a situação em que estamos.

Em (51), tem-se a ocorrência do gerúndio TENDO, como MJ com acepção de condição, em contexto que habilita a seguinte paráfrase: “Se tivermos o controle dele, melhoraremos muito a situação em que estamos.” É um caso em que a noção de modo, como leitura mais concreta, alimenta o sistema de condição, em CCCC, de acordo com Kortmann (1997).

As 46 ocorrências de **contraste** equivalem a 14,37%, todas em ambiente paratático, conforme exemplificam (52) e (53):

(52) Como você mesmo deve saber o mosquito transmite a den| gue. **Mais** nesse ano recebemos a notícia que ele não transmi| te somente a dengue, o mosquito também transmite somente a dengue, **ø** o mosquito transmite mais| dois outros tipos de doenças a febre chikungunya e o vírus Zika. ||

(53) “[...]se evitarmos pode acabar com ele, sem| ermos esforço, **agora** para prevenir e necessário não usar roupas es| curas e passar repelente são uma das forma de prevenção.” [9-15]

Em (52), usam-se dois MJ de junção contrastivos, o prototípico MAS e a justaposição, ambos na parataxe. O MAS estabelece uma quebra de expectativa em relação ao que se pensava sobre o mosquito da dengue e a recente descoberta de que ele transmite outras doenças. A segunda ocorrência contrastiva fica caracterizada na relação de uma oração que afirma e outra que nega, “o mosquito não transmite só a dengue, transmite também outras doenças”.

O uso do advérbio AGORA, como MJ, em (53), embora não-prototípico, funciona em ambiente paratático e, nesse contexto, permite inferir a relação de contraste, a partir de sua acepção temporal, mais concreta: “podemos acabar com o mosquito sem esforço, *mas* prevenir é necessário”.

A relação semântica mais abstrata de **concessão** aparece em 6 ocorrências (1,87%), nos dados do 9º ano, 5 na hipotaxe e 1 na parataxe, de acordo com os exemplos em (54) e (55), respectivamente:

(54) **Apesar de** terem ouvido parar de falar sobre| o mosquito Aedes Aegypti não devemos relaxar| e deixar de tomar os devidos cuidados. [9-20]

(55) [...]mas o | vírus já é grande, **ø** a população tem que se conscientizar do que fizeram| em deixar o mosquito reproduzir tão rapidamente estão ainda com | medo de ser picado e ter um monte de doença

Na ocorrência (54), o MJ APESAR DE é concessivo em contexto hipotático, visto que há uma maior dependência caracterizada pela nominalização e pela função modificadora da oração hipotática. A concessão está caracterizada pela admissão do contraditório no segmento hipotático. Esse uso é um destaque da argumentatividade, pois se faz com o propósito de contra-argumentar. Nessa perspectiva, observam-se as vozes sociais, ou seja, há pessoas que pensam diferente e é preciso convencê-las.

Em (55), a justaposição tem uma leitura mais concreta, aditiva, na parataxe, que permite a inferência de uma ideia mais abstrata de *concessão*, ou seja: “*Embora a população tenha que se conscientizar [...], está ainda com medo de ser picado [...]*”.

Para melhor organizar o que vem sendo expondo, no que se refere ao âmbito tático, apresenta-se, em seguida, o Gráfico 7, em suas Partes I e II, com os resultados quantitativos da descrição tático-semântica dos MJ presentes nos textos do 9º ano:

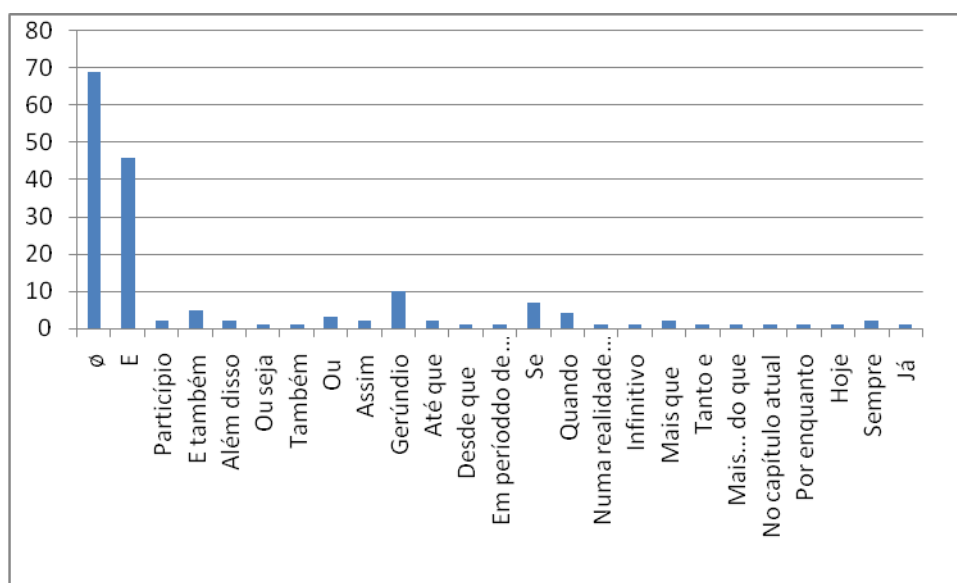


Gráfico 7– Parte I: Frequência dos MJ nos textos do 9º ano

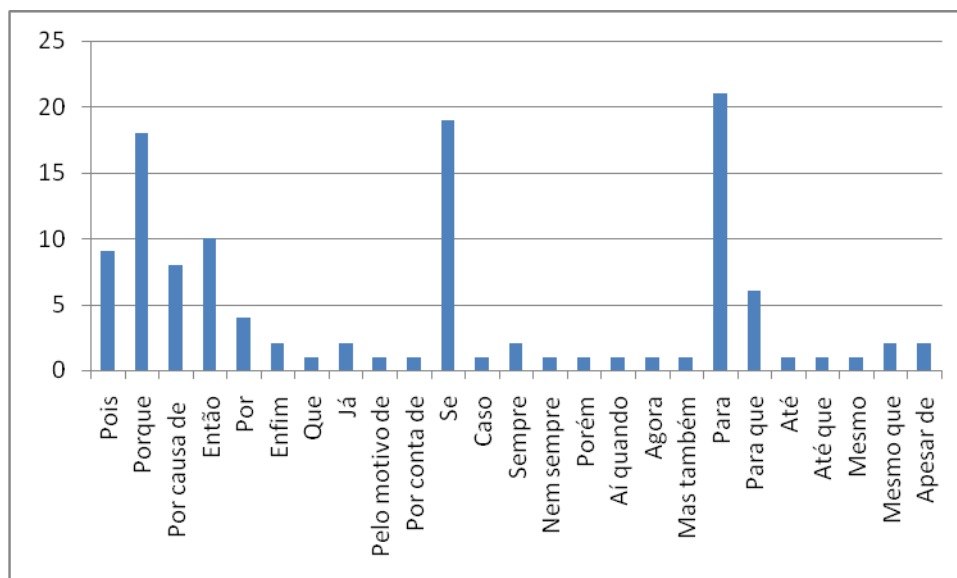


Gráfico 7– Parte II: Frequência dos MJ nos textos do 9º ano

A partir da análise do Gráfico 7, nota-se a frequência expressiva de justaposições, correspondente a 101 ocorrências (31,56%) nas escolhas táticas dos escreventes do 9º ano. Em seguida, tem-se o MJ E, com 64 ocorrências (20%), em variadas acepções. Não menos importante, o MJ MAS aparece 32 vezes (10%). Atribui-se essa produtividade à constituição da TD e à heterogeneidade constitutiva da escrita, como elementos que exercem influência sobre a relação do escrevente com a linguagem, visto que a circulação social deixa indícios das tradições com os quais o sujeito entrou em contato. Desses dados destacam-se dois exemplos dos usos mais frequentes, em (56) e (57):

(56) [...] e jogar na calçada ou rua,| pois mesmo sabendo as causas isso não parou. ØAs vezes| fico pensando quantas vidas não salvaríamos Ø quantas| mortes evitaríamos é uma tarefa tão fácil [...] [9-7]

(57) [...] não conseguimos acabar com ele, **mas**| ele está nos destruindo, Ø o Brasil tenta matar com o inseticida **mas** o| vírus já é grande [...] [9-15]

Em (56), a primeira ocorrência de justaposição tem sentido de causa em relação à oração anterior, pois é devido ao fato de não terem parado as más ações que o sujeito fica pensando na possibilidade de salvar vidas com ações corretas. A segunda ocorrência de justaposição apresenta sentido de adição na parataxe. Discursivamente, essa construção paralela provoca uma reflexão em torno dos vocábulos “vida” e “morte”, numa estratégia argumentativa do escrevente que chama atenção para esses dois extremos.

Em (57), o MJ MAS, na parataxe, expressa a relação de contraste, ou seja, “nós não conseguimos acabar com mosquito, *porém* ele está nos destruindo”. A justaposição precedente marca uma adição, também na parataxe, ou seja, ela adiciona um par de orações que carrega o contraste marcado pelo MAS. O segundo MAS, na parataxe, serve a propósito problematizador e encadeia-se a outros contra-argumentos, evidenciando a intenção persuasiva.

Para melhor organizar os dados analisados até aqui, apresentamos a Tabela 5 com a relação *token/type* dos MJ nos textos do 9º ano:

Types Semânticos	MJ	Quantidade	Token
Adição	E	42	x
	Mas, Além de, Tipo, Ou, Ou seja	1	x
	Ø	40	x
	E nem	2	x
	Falando, Dando (GER.)	1	91/ 320
Alternativa	Ou	6	6/ 320
Modo	Tapando, Cuidando, Fazendo, Deixando, Ajudando, Limpando (GER.)	1	x
	Virando, Jogando(GER.)	2	x
	Através , Quanto mais...mais, Conforme, Assim, De uma vez por todas	1	x
	Ø	18	x
	Em deixar, Ao ajudar (INF.)	1	x
	Como	6	x
	Com	2	43/ 320
Comparação	Não só	1	1/ 320
Tempo simultâneo	Quando	1	x
Tempo Contingente	Sempre	1	x
	Nem sempre	1	2/320
Tempo anterior	Antes de	1	1/ 320
Tempo anterior	Aí	1	1/320
Tempo Posterior	–	0	0/320
Causa	Como, Que Já, Pelo motivo de, Por conta de, Por isso, Assim	1	x
	Pois	9	x
	E	11	x
	Porque	18	x
	Causando (GER.)	1	x

	Por causa de	8	x
	Então	10	x
	Por	4	x
	Enfim, Com	2	x
	Ø	26	x
	Tendo (GER.)	2	99/ 320
Condição	Se	19	x
	Sempre, Caso	1	x
	Ø, Quando	2	x
	Dependendo, Tendo (GER.)	1	25/ 320
Contraste	Mas	27	x
	Ø	4	x
	E	9	x
	Porém, Agora, Aí quando, Já, Mas Também	1	46/ 320
Concessão	Mesmo que, Ø	1	x
	Apesar de, Mesmo	2	6/ 320

Tabela 5: Frequência *token/type* dos MJ do 9º ano

A Tabela 5 permite comprovar a prototipicidade de alguns MJ, em determinadas relações semânticas, também nos textos analisados. É o caso do MJ E e da justaposição, na adição, com 42 ocorrências (10,90%) e 40 ocorrências (10,38%), respectivamente; e na causalidade, com 36 (9,35%), seguida pelo uso do MAS contrastivo, com 31 (8,05%). Esses números, que indicam a maior frequência dessas relações semânticas, comprovam que a TD argumentativa interfere na configuração semântica das produções dos escreventes, possibilitando que as escolhas estejam atreladas a finalidades discursivas, como vimos descrevendo e analisando. Por outro lado, a heterogeneidade da escrita também fica marcada na circulação dos escreventes pelas escolhas que faz quanto às formas de juntar orações, caracterizada pela oscilação entre os usos de MJ prototípicos e não-prototípicos, também visível nos dados da Tabela 5. A esse resultado somamos a preferência pela taxa configurada de forma paratática (228/ 71,25%).

Em seguida, para melhor apresentar os resultados da descrição das relações semânticas, presentes nos textos analisados, o Gráfico 8 expõe a frequência de cada uma delas nos dados do 9º ano:

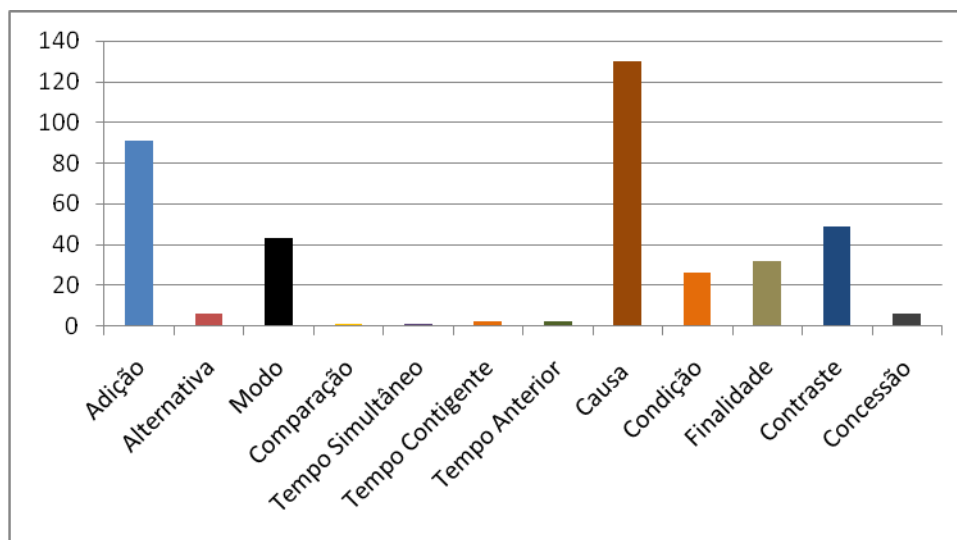


Gráfico 8: Relações semânticas nos textos do 9º ano

No Gráfico 8, pode-se notar que algumas relações semânticas são mais produtivas. Dentre elas, destaca-se a causalidade, com 130 ocorrências (33,76%), a adição, com 91 (23,63%), e o contraste, 46 (11,94%). Conforme se analisou a partir da Tabela 5, a configuração semântica está atrelada às TD, com as quais o escrevente entra em contato em razão de sua circulação social, o que pode ser depreendido da prototipicidade dos usos dos MJ para cada relação semântica analisada. Pode-se dizer, nessa direção, que a finalidade discursiva e o contexto de produção são fatores determinantes das escolhas das relações mais adequadas à situação de comunicação vigente.

A Tabela 6 apresenta, por sua vez, a frequência de parentescos semânticos encontrados, nos dados do 9º ano, em que as relações mais concretas habilitam a inferência de outras, sempre mais abstratas, de acordo com um *continuum* de aumento da complexidade cognitiva e da abstração semântica, conforme Kortmann (1997):

MJ	+ Concreta	+Abstrata	Quantidade
Quando	Tempo Contingente	Condição	4 (1,25%)
Assim	Modo	Causa	2 (0,65%)
	Adição	Causa	5 (1,56%)
E	Adição	Contraste	6 (1,87%)
E sim	Adição	Contraste	4 (1,25%)

Tabela 6: Parentesco semântico nos textos do 9º ano

Os parentescos semânticos podem ser observados, por exemplo, de (58) a (62):

(58) [...] tem que se prevenir mais pode trazer microcefalia só |imagina você mãe que espera seu nenê na barriga por |9 meses **ai quando** nasce, nasce com essa tal doença[...] [9-5]

(59) “[...] ele está sendo apessalhado **e** pessoas [rasurado] morrendo A| cada dia **e** o Brasil está se afundando| com essa guerra [...]” [9-6]

(60)[...] abandonados ai esses lixos que estão acumulados |la tem recipientes e se chover esses recipientes |vão encher de águas e **assim** começa a reprodução da |Aedes Aegypti e pode virar uma pandemia ou |uma epidemia.|| [9-1]

(61) [...] também são Brasil| leiros e podem pegar a famosa (corretivo) Dengue **e** não| só a dengue, a Aedes Aegypti ela tras mais virus como, o virus Zika e o virus Chikungunya [...] [9-9]

(62) Mas a guerra não é de luta **e**| sim de não deixar a caixa| de água aberta [...] [9-9]

Em (58), a conjunção perifrástica **AI QUANDO** expressa uma relação mais concreta de tempo contingente e permite a inferência, no contexto, da relação mais abstrata de contraste, pela quebra de expectativas, pois a mãe espera que o bebê nasça saudável, o que não acontece.

Em suas duas ocorrências, em (59), o MJ **E** estabelece, a partir da relação mais concreta de adição, a relação de causalidade, mais abstrata, visto que equivale a **POR ISSO**, fazendo, dessa forma, um adendo explicativo, na parataxe, tal como deixam explícito as paráfrases: “ele está sendo apessalhado, *por isso* pessoas [estão] morrendo a cada dia, por isso o Brasil está se afundando”.

O MJ **ASSIM** é hipotático, em (60), além de uma relação mais concreta de modo, permite inferir outra mais abstrata de conclusão, ou seja: *portanto* começa a reprodução do *Aedes Aegypti*. Em (61), o **E**, marcado no exemplo, estabelece a relação de adição mais concreta e permite inferir o contraste, na hipotaxe, que se dá no entendimento de que o escrevente faz uma retificação, “podem pegar a dengue, **MAS** não só a dengue.

Por fim, em (62), o MJ **E SIM**, paratático, estabelece uma relação mais concreta de adição e outra mais abstrata de contraste, traz a noção de correção do enunciado anterior, ou seja: “a guerra não é de luta, *mas sim* de não deixar a caixa de água aberta.

Na próxima seção, conforme o que foi exposto e descrito aqui, apresentam-se os principais resultados da comparação da análise tático-semântica dos MJ encontrados nas produções do 6º e do 9º anos do EF.

1.3 Comparação dos resultados da descrição e análise dos MJ nos textos do 6º e do 9º ano

Em relação ao eixo tático, percebemos que tanto os dados do 6º quanto do 9º ano demonstram uma prevalência da parataxe sobre a hipotaxe. Porém, a diferença entre a parataxe e a hipotaxe é bem maior nas produções do 9º ano do que no 6º. No 6º ano, são 208 ocorrências da parataxe (66,88%) contra 103 na hipotaxe (33,11%) e, no 9º ano, 228 na parataxe (71,25%) contra 92 na hipotaxe (29,75%). Esse resultado demonstra que, no segmento analisado, a preferência é pela união de porções com o uso da parataxe, o que aponta para uma escrita com características dialógicas da oralidade, ou seja, uma escrita em que muitos sentidos estão implícitos e serão revelados na interação.

Esperava-se que no 9º ano houvesse um aumento das relações hipotáticas devido à própria complexidade das relações semânticas que se desenvolveriam, naturalmente, nessa arquitetura. No entanto, houve uma diminuição, que pode estar relacionada ao letramento desses sujeitos e, consequentemente, às TD que o escrevente encontra na vida em sociedade. Nesse caso, os resultados apontam para uma sobreposição do modo oral, já que a parataxe se relaciona às tradições da oralidade devido à maior dinâmica e à implicitude das relações semânticas, tal como foi descrito e analisado.

No âmbito das relações semânticas, os textos de ambos os anos apresentam maior produtividade da relação de causa, que, no 6º ano, equivale a 99 (31,83%) ocorrências e, no 9º ano, a 99 (30,93%), fato que comprova que a TD exerce pressões sobre as escolhas dos MJ mais adequados à finalidade discursiva do texto. A relação causal aparece nos textos com mais frequência na parataxe, principalmente por justaposição, mas também pela utilização de MJ prototípicos, e ocupa importante papel na argumentação, na justificativa, explicação, conclusão e nas relações de causa e efeito, tal como descrito e analisado. Todas essas relações e manobras discursivas caracterizam a TD argumentação.

Nesse sentido, observa-se que, em detrimento da expectativa de que houvesse um aumento da hipotaxe nas relações causais do 6º para o 9º ano, devido à maior complexidade semântico-estrutural, há um resultado bastante semelhante. No 6º ano, são 64 de 99 ocorrências de causalidade na parataxe (20, 57%) e, no 9º ano, são 70 de 99 ocorrências na parataxe (24, 06%), ou seja, houve um aumento da arquitetura paratática no uso das relações causais na comparação entre os dois anos. Pode-se dizer, com base nesse resultado, que, independentemente do segmento, a opção com maior relevância é a parataxe.

Outro fato que aproxima o resultado do 9º e do 6º ano é a pequena quantidade de hipotaxe na relação aditiva, 2 ocorrências (0,64%), no 6º, e 3 (0,93%) no 9º ano. A partir dos dados é possível perceber quanto à adição: (i) a baixa frequência de adição prototípica (pura), que sinaliza a produtividade dessa relação como caminho para o trânsito polissêmico; e (ii) a alta frequência da parataxe que também se reflete nessa relação de sentido, bem como em outras, devido a questões de natureza discursivo-pragmáticas.

Nos dados do 6º e do 9º anos, a relação de alternância aparece apenas em ambiente paratático, todas codificadas pelo MJ OU. Embora, o número de ocorrências seja maior no 6º (6/1,87%) do que no 9º ano (2/0,64%), trata-se de resultados parecidos.

Nos dados do 6º ano, não há ocorrências da relação de modo na parataxe, enquanto na hipotaxe, há 11 ocorrências (3,53%). No 9º ano, esse resultado se divide em 15 ocorrências (4,68%) de modo paratáticas e 26 (8,12%) hipotáticas. Há, portanto, uma prevalência de MJ hipotático na TD argumentativa, que rege o uso da noção de modo, codificada da forma mais prototípica possível. Esse resultado confirma o estatuto igualitário, em termos de complexidade, entre parataxe e hipotaxe. O Gráfico 9 explicita o aumento dos usos das construções modais, no 9º ano, e, da mesma forma, a preferência pela hipotaxe na codificação dessa noção, em ambos os anos:

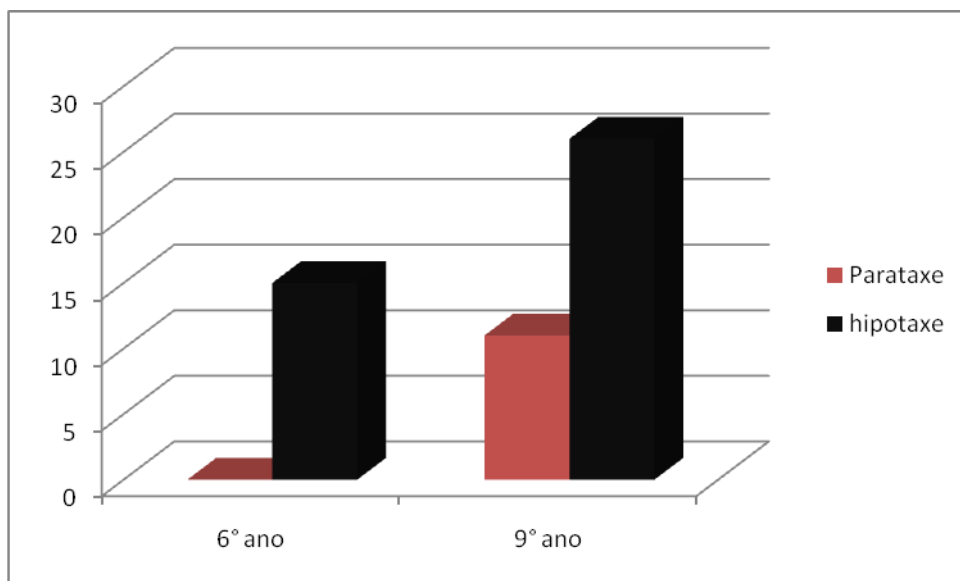


Gráfico 9: Relação de modo na arquitetura sintática

A relação de comparação, no 6º ano, obteve 2 ocorrências na parataxe (0,64%) e 4 ocorrências na hipotaxe (1,28%). De modo distinto, no 9º ano, houve uma 1 ocorrência apenas na parataxe, correspondente a 0,31% e nenhuma na hipotaxe. Esse resultado é importante porque, observa-se, pelo menos, no 6º ano, uma quantidade superior de relações hipotáticas, fato que vai de encontro às expectativas iniciais.

Em ambos os anos, as relações de tempo têm baixa frequência, sobressaindo-se apenas a de tempo contingente com 2 ocorrências hipotáticas prototípicas nos textos dos dois anos (0,64% e 0,62%, respectivamente). Nessa relação semântica, há ocorrências que permitem uma leitura mais abstrata de condição, 4 ocorrências (1,28%) com o MJ QUANDO, no 6º ano, e 4 com o mesmo MJ, no 9º ano (1,25%). Esse resultado permite observar que as relações seguem um padrão de mudança (um gradiente de complexidade crescente) e que é comum que a noção de tempo esteja associada à noção mais complexa de condição, confirmando os resultados alcançados em Kortmann.

O tempo anterior foi mais produtivo no 6º ano, com 3 ocorrências (0,96%), 1 paratática (0,32%) e 2 hipotáticas (0,64%). No 9º ano, ocorre 1 ocorrência na parataxe (0,31%) e 1 na hipotaxe (0,31%). Em ambos os segmentos a relação de tempo posterior não aparece.

A relação causal, prevalente no 6º e 9º anos, ocorre em quantificações distintas na parataxe e na hipotaxe. No 6º ano, são 66 (21,22%) ocorrências, na

parataxe, contra 35 (10,93%) na hipotaxe, e, no 9º ano, são 70 (21,87%), na parataxe, contra 29 (9,06%) na hipotaxe. A diferença entre os eixos táticos é 10,29%, no 6º ano, e de 12,81%, no 9º ano, um dado que mostra a semelhança dos resultados, que pode também ser relacionada à própria constituição da TD argumentativa, em que os complexos causais auxiliam na produção do efeito persuasivo. No Gráfico 10, mostra-se a preponderância da relação causal e a sua prevalência na parataxe, bem como a equiparidade dos resultados nos textos dos dois anos investigados:

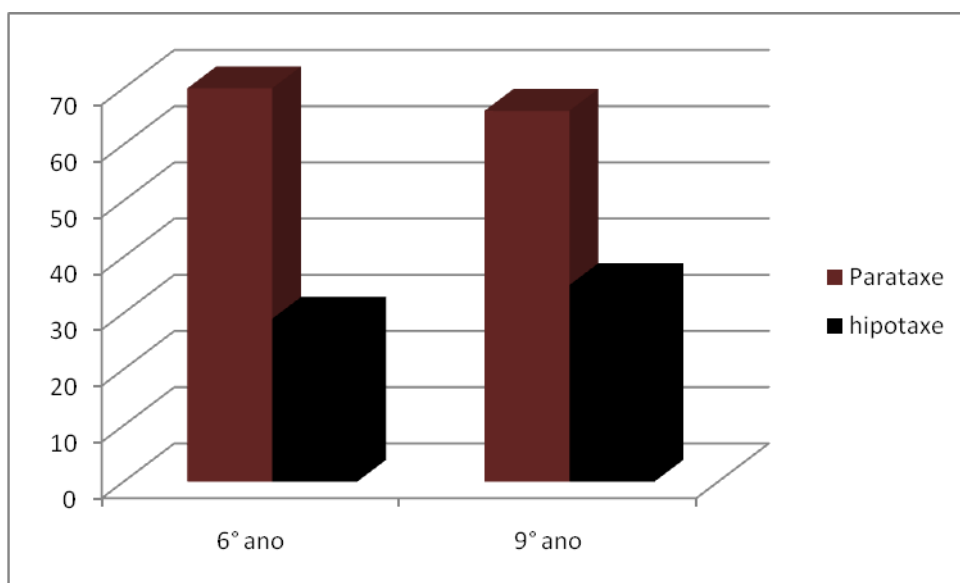


Gráfico 10: Relação de causa na arquitetura sintática

A relação condicional prevaleceu, na hipotaxe, em ambos os anos, com uma frequência semelhante (21/ 6,75% no 6º ano e 25/ 7,81% no 9º ano). O contraste é a terceira relação semântica mais produtiva nos dados de ambos os segmentos, vindo imediatamente após adição e causalidade. A noção de contraste, em ambos os anos, é predominantemente paratática, obtendo apenas 1 ocorrência na hipotaxe, no 6º ano, e nenhuma no 9º ano, contra 46 ocorrências paratáticas nos respectivos segmentos, correspondentes a 14,79% e 14,37%.

A relação mais abstrata de concessão aparece, majoritariamente, em ambiente hipotático, nos textos dos dois anos, ocorrendo apenas uma (0,31%) vez na parataxe no 9º ano. Já na hipotaxe, contam-se 3 (0,96%) ocorrências no 6º ano e 5 (1,56%) no 9º ano. A maior quantidade de relações concessivas nos textos do 9º ano manifesta-se de maneira prototípica quanto aos MJ, o que explica a

ocorrência superior dessa relação na arquitetura hipotática, correlacionada à sua complexidade semântico-cognitiva.

Quanto ao uso dos MJ, há algumas semelhanças nas escolhas das formas de juntar orações constatadas nos dados dos dois anos: a justaposição é prevalente em ambos, obtém 69 (22,18%) das ocorrências no 6º e 101 (31,56%) no 9º; o MJ E é o segundo mais usado nos textos de ambos os anos, com 46 (14,79%) ocorrências no 6º e 64 (20%) no 9º; o terceiro MJ mais frequente é o MAS, com 23 (7,39%) ocorrências no 6º e 32 (10%) no 9º ano; seguido pelo PARA com 22 (7,07%) ocorrências no 6º e 21 (6,56%) no 9º.

Esses dados comprovam que as relações tático-semânticas encontradas nos textos do 6º e do 9º anos do EF são bastante semelhantes, fato que pode salientar a tese de Kabatek (2005a) de que a junção é um aspecto sintomático de uma TD. Nessa perspectiva, a TD argumentativa, preponderante na construção dos textos, funciona como um elemento que pressiona as escolhas linguístico-discursivas feitas pelo escrevente. Essas escolhas estão relacionadas a aspectos históricos dessa tradição de dizer/escrever, mas também estão relacionadas à circulação social do sujeito pelos diferentes modos de enunciar, falado/escrito e oral/letrado. Nesse sentido, nos próximos Capítulos, aprofundam-se as relações entre as TD e a Junção, bem como entre elas e a heterogeneidade constitutiva da escrita, apresentando dados complementares ao que foi discutido até aqui.

CAPÍTULO 2

O FUNCIONAMENTO DOS MJ ASSOCIADOS À TD ARGUMENTATIVA

Neste Capítulo, a fim de atender aos objetivos propostos, descreve-se a relação entre a TD argumentativa e outras TD que a constituem, e o funcionamento dos MJ. Na próxima seção, far-se-á a análise nos textos do 6º ano e, em seguida, do 9º. Por fim, um estudo comparativo dos resultados do 6º e do 9º ano.

2.1A construção da TD argumentativa nos textos do 6ºano

Nesta seção, relacionam-se as TD ao funcionamento dos MJ nos textos do 6º ano, a partir do entendimento de Kabatek (2005) de que existe uma relação sintomática entre TD e MJ, ou seja, de que os MJ são importantes na constituição e caracterização de uma TD. Nessa direção, os MJ se constituem na composicionalidade sintagmática da TD, tal como se tratou no Capítulo 1, Parte I do presente trabalho, e são indícios para a caracterização da TD em que o texto está assentado. Há também o aspecto paradigmático e lacunar das TD, que quase sempre se constituem por meio de outras, depreensíveis na materialidade textual, como será exemplificado adiante.

Nesse sentido, para esta análise, consideram-se os aspectos de *repetição* e *evocação*, conforme Kabatek (2005), que definem e caracterizam as TD e as *mesclas* de TD. Assim, nos textos do 6º ano, viu-se que a TD argumentativa é uma espécie de macroestrutura que comporta outras TD. Por ser a mais produtiva e mais amplamente utilizada para a finalidade discursiva a que se propuseram os escreventes, inicia-se a análise com a descrição dos usos da TD argumentativa, de modo geral, como se observa de (1) a (8):

(1) **Mas** deveríamos nos concentrar no segundo| ponto: nossos governos tem o vício de produzir planos,| agendas, normas e leis em serie; ¶ O mosquito Aedes aegypti| e um adversário mais temível do que você imaginava [...] [6-16]

No exemplo (1), a TD argumentativa é bastante produtiva na elaboração do texto, pois se observa que o escrevente quer convencer o leitor sobre os perigos da dengue e da ineficiência das ações do governo para combatê-la. Dessa maneira, a finalidade discursiva persuasiva ganha evidência na escolha do MJ MAS e na justaposição contrastiva, que são indícios da argumentatividade do texto ou da

necessidade do escrevente de contrapor o seu ponto de vista a outros possíveis argumentos.

(2) E o| bom índice de intestação de apenas 1% dos imóveis ocorre| não no país todo, **e sim** em menos de um quinto das cidades [...]
Muito mais dura,| os casos não é de 1% **e sim** quatro vezes maior [...] [6-15]

Em (2), as duas ocorrências de E SIM, com sentido contrastivo, demonstram, no co-texto da TD argumentativa, seu propósito de refutar outras vozes sociais. Esses usos garantem ao escrevente a possibilidade de contra-argumentar na apresentação de fatos que julga relevantes à intenção persuasiva do texto.

(3) Os culpados somos nós, para nos prevenirmos não deixuar agua parada| **assim** proliferam e tambem e importante uma boa higiene e também| **e por isso** existe campanhas para conscientizar a população sobre| epidemias, **e** a dengue pode causar efeitos com dor de cabeça, dor no corpo,| diarreia umonte de pintas vermelhas [...] [6-20]

A presença da TD argumentativa, em (3), pode ser vista pela escolha de MJ causais como ASSIM, E, POR ISSO e a justaposição. Nesse caso, para fazer alerta sobre a seriedade do problema da dengue, o escrevente acrescenta argumentos com MJ E, que encabeça a explicação contida em POR ISSO, sobre fatos que considera importante elencar para o leitor. Esse alerta se materializa, no co-texto, também através da relação causa-efeito, presente em ASSIM, bem como da necessidade de acréscimo de um adendo explicativo que é visto, por exemplo, após a inserção de afirmações, como “para nos prevenirmos, [não podemos] deixar água parada”, que podem estar associadas à avaliação do sujeito acerca da realidade examinada.

(4)A situação do Brasil contra o Aedes Aegypti [rasura] e muito ruim [rasura]| **por que tanto** a população **e** o poder pudrico não estão fazendo pudo **para** vencer esa| doensa, **pois** a população não vistoria seus próprios quintais e o governo| não esta fazendo o seu maximo **pois** o mosquito esta mais forte que antes **por que** se pensa| va que o mosquito se pensa| va que o mosquito Aeds Aegyp so tonhava seus ovos em águas limpa [...] [6-1]

Observa-se, em (4), também a intenção de persuadir o interlocutor através do uso de MJ comparativos (TANTO E), causais (PORQUE) e finais (PARA) e, desse modo, permite-se ao escrevente direcionar o fio discursivo de seu texto para a apresentação de argumentos relevantes numa cadeia de relações de causa-efeito, como se vê em: “A situação [da luta] contra o Aedes é muito ruim” (efeito), que tem

como causas o fato de a população e poder público não fazerem tudo para vencê-lo e a população não vistoriar seus quintais, essa última pode ser considerada efeito de o mosquito estar mais forte que, por sua vez, tem como causa o fato de que se pensava que o mosquito punha seus ovos apenas em água limpa.

(5) **E por fim** o umicojeito seria comprovar a população do mosquito e que o governos emvestice mais na saúde publica porexem| pro orientação mos tospas de saúde, em carros que esta uma substancia| que é antes larvas do mosquitos Aedes Aegypti, **e** a população cuidando| de seus quintais de suas casas e comsentendo o seus vizinhos. [6-1]

Em (5), do mesmo escrevente de (4), o uso do E POR FIM também é fortemente argumentativo, no sentido de direcionar o fio discursivo do texto e de selecionar os argumentos que aparecem no final da argumentação, como mais importantes para o alcance de seu objetivo.

(6) O mosquito Aedes Aegypti é um adversário| realmente **mais** temível **do que** se imaginava.||

Estamos enfrentando uma minúscula máquina| de guerra biológica, de eficiência e flexibilidade infernais. **Mas** deveríamos nos consentar que| nossos governos têm o vício de produzir pla| nos, agendas, normas e leis em série, **mas**| são péssimos em executá-los.[6-3]

Independentemente da interpretação do verbo “consentar”, no exemplo (6), como “concentrar” ou “contentar” (contando que as duas possibilidades são válidas) – ocorre o encadeamento de duas orações introduzidas pelo uso de MAS. O segundo uso pode ser considerado prototipicamente contrastivo (opondo o fato de os políticos terem o vício de produzir “x, y e z” – para acabar com o mosquito – mas serem péssimos para executar “x, y e z”). O primeiro uso de MAS, no entanto, é muito mais discursivo, pois a noção de contraste depende de um cálculo maior de sentido, indicando, ao mesmo tempo, um mecanismo muito produtivo para os encadeamentos textuais, ainda que esvaziado de seu sentido convencional. Esse traço aponta para o desenvolvimento da TD argumentativa, em que o escrevente lança mão de um MJ típico da contraposição de ideias, que é uma atividade de produção esperada nessa tradição, também de forma esvaziada, no que tange a essa noção, embora enriquecida pelo funcionamento coesivo-discursivo.

(7) Sintomas que aparecem em nosso corpo **que nem**| a gente imaginava que pode acontecer, elas existem| **por** cientistas eu acredito que eles existem **por**| **causa que** eu vi na

televisão que eles tinham| soutados do negocio que eles ficaram a culpo | não é e é da gente por muitos deixarem água| parada vasilhas com água e **assim** vai sacendo. [6-9]

Como pode ser notado, em (7), o escrevente concatena argumentos, por meio do uso de MJ que denotam comparação (QUE NEM), contraste (E) e causa (POR, POR CAUSA QUE e ASSIM), coerentes com a TD em questão, para defender uma ideia. Nesse ponto do texto, chama-se a atenção para o MJ QUE NEM, que anuncia uma divisão entre elementos mais abstratos (sintomas da dengue) e os fatos concretos, inclusive aqueles mais empíricos da vivência do sujeito (como ter visto algo na televisão). Dessa forma, o sujeito constrói sua argumentação a partir de suas experiências, a fim de alcançar uma relação com as questões mais científicas e abstratas.

(8) [...] a dengue e os outros| mosquitos eles nos da varias dores| e **talvez até** doenças, e se não nos| cuidarmos nós podemos até morrer [...] [6-12]

No uso dos MJ, em destaque, em (8), observa-se uma gradação para argumentos mais relevantes, visto que o E acrescenta argumentos, o “TALVEZ”, como marcador discursivo, atenua a expressão; e o “ATÉ”, que o antecede, direciona o interlocutor para o que o escrevente considera mais impactante, as doenças. Essa estratégia discursiva está relacionada à TD argumentativa e ao seu objetivo de persuasão do interlocutor.

Conforme se demonstra aqui, a TD argumentativa é extremamente preponderante na construção dos textos dos alunos, fato que não impediu a ocorrência de *mescla* de TD, pois, como vem sendo descrito, o texto se constitui, sintagmaticamente, por meio de paradigmas que são resultado da conjugação de aspectos tradicionais da língua em uso às pressões da finalidade discursiva. Assim, observa-se, nos textos do 6º ano, por exemplo, as ocorrências com *mescla*, analisadas de (9) a (25). Destaque-se a TD expositiva, constituindo a TD argumentativa nas ocorrências de (9) a (11):

(9) No nosso Brasil os casos de Dengue e de 1,6| milhão. O índice de mortalidade nos casos graves| não é de 1 %,ø e de quatro vezes maior ha| apenas 11 mil casos de Dengue por ano ø apenas| 1% dos casos graves [6-16]

(10) A carta afirma que o zika vírus está relacionando à| microcefalia ø (crescimento do crânio abaixo da média) em recém-| nascidos e que pode trazer síndromes neurológicas

raras|e às vezes fatais a adultos, Nós podemos combater a| Dengue a chikungunyazika vírus eAedes aegypti fazendo não deixar[...][6-6]

(11) Antesno Brasil havia apenas 11 mil casos por ano [rasurado], e apenas 1%|de casos graves resultavam a morte, tambémapenas 1% dos imóveis |possuíam larvas do mosquito. **E hoje** em um ano dão cerca de | 1,6 milhão de casos da doença **ou** Dos casos de morte não são | mais 1%, e sim quatro vezes maior. [6-11]

Observa-se em (9), a TD expositiva, constituindo a TD argumentativa, por meio da apresentação de aspectos factuais que servem de sustentação para os argumentos, tais como as porcentagens e os índices. Mesmo na TD expositiva, a forma como os aspectos são apresentados, permeados pela acepção contrastiva, está a serviço da TD argumentativa e com o seu objetivo de convencimento.

Em (10), também há uma forte presença da TD expositiva, que serve para o convencimento do outro de que, apesar da gravidade do assunto, é possível, com conhecimento e agindo da forma correta, acabar com a dengue. Dessa forma, a exposição está a serviço da construção da argumentação, baseada na informação para a conscientização. Trata-se de mais um caso de *mescla* de TD, com o intuito de argumentar.

A TD argumentativa, em (11), é construída, da mesma forma, a partir da TD expositiva, na qual se observa o uso de termos próprios de textos informativos ou jornalísticos. O exemplo revela a preocupação do escrevente em quantificar os casos e mostrar, através das relações temporais e do contraste entre passado e presente, uma maneira de entender a problemática contemporânea.

Destaque-se também a TD injuntiva na constituição da argumentação em (12) e (13):

(12)[...] **vamos** combater a dengue não deixar| água parada assim proliferam ovinho.[6-16]

(13)[...] sempre **olhar** os| vasos de flor da sua casa e **colocar** areia para| não **acumular** e também **evitar** que as calhas| fiquem acumulando, mais o pior problema de| todos são as indústrias que juntam muito| lixo e também muita agua. [6-20]

No exemplo (12), observa-se a TD injuntiva, utilizada no final do texto, quando o escrevente conclama diretamente o leitor, por meio do uso do imperativo. Essa TD também está associada ao objetivo maior de convencer o outro a fazer algo acerca do assunto problematizado.

Nota-se, em (13), a TD injuntiva, marcada no uso de infinitivos com a acepção imperativa, pois o escrevente recomenda ao leitor procedimentos e precauções para evitar o *Aedes Aegypti*. Essa TD está atrelada ao propósito argumentativo do texto, pois as recomendações também materializam a intenção persuasiva do escrevente. Além dessa TD, também se percebe a presença da TD listagem, através da enumeração de procedimentos, a fim de convencer o interlocutor da importância de realizar tais ações.

A *mescla* com a TD listagem foi bastante produtiva na constituição da TD argumentativa e é analisada de (14) a (20):

(14) Para se previnirsse contra a dengue pass| ar repelente no corpo e usar blusas| de manga conprida e usar inseticida| para matar os mosquitos.|| [6-19]

Ressalte-se, em (14), o uso da TD listagem, que aparece encabeçada pelos usos de E, em que há uma forte ligação entre a motivação de sua inserção no texto e o propósito de convencer o outro, por meio do compartilhamento de informações, ligado, por sua vez, ao que se chama comumente de “conscientização”.

(15) Afirmou Dilma Roussef na quarta-feira.| Para combater esse mosquito terrível você tem que| fazer isso. Não deixe água parada, ø cubra os vazinh| os de flor das plantas ø vire as garrafas de cabeça para| baixo e não desperdice água, ø vamos combater| a dengue. [6-4]

A TD listagem, em (15), novamente, foi utilizada pelo escrevente, para constituir a argumentação, ou seja, como uma ferramenta que está diretamente ligada a um objetivo comunicativo maior, a argumentação. A lista de adição prototípica, por justaposição, é icônica em relação à realidade, sendo, nesse sentido, importante para a exemplificação que o escrevente faz, na tentativa de convencer o outro.

(16) E os sintomas e dor na cabeça, dor nos| olhos dor no corpo intero sabe por que eu sei |disso, **por que** minha mãe **já** teve e minha amiga| **tambem** muitos pessoas eu já vi com dengue| eu já tava com suspeita de dengue **mas** so| era sinusite ainda bem que eu nunca tive.[6-8]

No exemplo (16), é importante enfatizar a construção da TD listagem, em: “E os sintomas e dor na cabeça, dor nos olhos, dor no corpo intero”; “[eu sei disso] por que minha mãe já teve [dengue]. e minha amiga também [já teve dengue], muitos pessoas eu já vi com dengue, [até] eu já tava com suspeita de dengue”. Os fatos narrados, enumerados na TD listagem e que correspondem, portanto, a vivências do

escrevente, transformam-se, no texto, em argumentos dispostos de forma a servirem como ferramentas para o alcance do seu objetivo de convencer. Dessa forma, dentro de uma escala argumentativa²⁶ (cf. DUCROT, 1999), o argumento mais forte é deixado por último ([dor no “corpo inteiro”/ “[até] eu já tava com suspeita de dengue”).

(17) A minha solução é que as pessoas passem a usar| repelente, veneno elétrico que não é prejudicial e é| claro, não deixar agua parada Ex: Colocar areia em | pratinhos de flores, ø fechar bem a caixa de agua, øcolocar cloro em piscinas, etc... ||[6-2]

No exemplo (17), a TD listagem representa uma forte intenção argumentativa. O objetivo de convencer o leitor fica claro nas recomendações feitas por meio das justaposições paratáticas aditivas, bem como na seleção dos argumentos considerados mais fortes. Na escala de argumentos, que inicia o fragmento, o MJ E encabeça o argumento mais forte: “não deixar água parada””, ainda enfatizado por “é claro”.

(18) A situação está muito feia øo país está| sem higiene sem cuidados, sem limpezas e| sem o trabalho do povo, øo povo tem que| lutar se não lutar o mundo nunca mais| vai ter paz.|| [6-17]

O escrevente insere, no exemplo (18), uma listagem de causas para sua afirmação inicial. Observa-se assim, também, a constituição mesclada da TD resposta dentro da argumentação, ou seja, esse trecho funciona como resposta à pergunta-tema “Por que o Brasil não consegue vencer com o mosquito *Aedes Aegypti*?”. Nesse caso, como também no da listagem, há relações fortes entre os MJ – com acepções causais e aditivas, respectivamente – e a construção dessas listas, a serviço da argumentação.

(19) O mosquito *Aedes Aegypti* é um mosquito que| trasmite zika, dengue [ininteligível] microcefalia e chicungunha milhares| de pessoas já morreram **por causa** dessas doenças, e| **por causa** desse mosquito. Os casos são de 1,6 milhão ø| o *Aedes aegypti* é um velho conhecido dos brasileiros. Causa recorrentes epidemias de dengue desde | os anos 1980. O governo federal colocou o Exército llnas ruas para ajudar no combate de urgencia ao| mosquito:|| [6-4]

²⁶ Ducrot (1999) afirma que, se o locutor utiliza p e p' como argumentos a favor de um enunciado r, é porque considera p e p' como pertencentes à classe argumentativa determinada por esse enunciado. Ainda pode-se dizer que p' é mais forte que p quando relacionado a r e se o locutor utiliza apenas p como prova de r implicaria contentar-se também com p', mas não o inverso. Se uma classe argumentativa abarca tal relação de ordem, Ducrot a denomina escala argumentativa.

Em (19), destaca-se a utilização de um mesmo MJ por duas vezes (POR CAUSA DE), fato que reforça o propósito de justificar e explicar o que vinha sendo discutido, mantendo a argumentação por meio de uma TD listagem causal. Ressalte-se que a lista de causa não é tão comum e está vinculada à especificidade dos dados analisados. As relações causais, atreladas ao contraste (“os casos são de 1,6 milhão, *mas* o *Aedes Aegypti* é um velho conhecido dos brasileiros”), têm como efeito de sentido a persuasão, o que demonstra estar fortemente vinculadas à TD argumentativa. E, como se pode notar pela apresentação de fatos e pela objetividade (datação e quantificação de casos), a TD expositiva também instrumentaliza o escrevente.

(20) **Portanto, para** dininuir a dengue podemos| comunicar com os vizinhos para não deixar| agua parada, ~~o~~tanparado a caixa da água| ~~o~~colocar as garrafas de cabeça para baixo.[6-18]

Em (20), a TD listagem aparece com a função de persuadir o leitor a tomar as medidas para sanar o problema da dengue no Brasil. Ressalta-se também o uso do MJ PORTANTO, atuando na construção do fio discursivo que leva a argumentos mais relevantes e conclusivos. A justaposição foi novamente escolhida para fazer a enumeração de ações, marcadas por verbos no infinitivo com a ideia de imperativo (recomendação), fato que nos leva, também, à TD injuntiva.

Destaque-se, no exemplo (21), a TD pergunta, inserida em mais de um ponto do texto, desde o seu título, de modo a direcionar o fio discursivo e argumentativo desenvolvido no texto que, dessa forma, mesclada, mantém suas próprias características – nesse caso, de contorno entoacional ascendente. A TD resposta em: “com a ajuda de todos podemos [...]” também constitui a TD argumentativa e serve para justificar a opinião do escrevente, o que resulta em uma proposta de explicação e esclarecimento que visam ao convencimento:

(21)Como não ter a dengue no Brasil?||

[...]

As doenças que o *Aedes aegypti* Causa?||

[...]

Como não ter a dengue no Brasil?||

[...]

Com a ajuda de todo mundo podemos | não ter mais dengue no Brasil | exemplo para ajudar:|| [6-17]

No exemplo (22), a escolha do MJ SEMPRE reflete o conhecimento do sujeito sobre a TD anúncio de medicamento em meio audiovisual, em que a advertência de

consultar o médico vem ao final, a fim de inibir o problema da automedicação. No entanto, nesse caso, houve uma deturpação de seu conteúdo original, pois o médico deve ser consultado “sempre”, não apenas ao persistirem os sintomas, o que revela uma repetição apenas parcial de um texto tradicional, pois há uma adequação de conteúdo para os efeitos de sentido desejados:

(22) **Sempre** o medico deve ser consultado| e dise jeito nunca vai a cabar a dengue.||[6-10]

Na análise, até aqui, observou-se que algumas TD se mesclam à TD argumentação no intuito de produzir efeitos de sentido próprios à finalidade persuasiva subjacente a esses textos. Ou seja, é da natureza dos textos analisados uma construção híbrida, do ponto de vista da tradição²⁷

Para melhor organizar a questão da *mescla* de TD, nos textos analisados, apresenta-se a Tabela 7 com a quantificação de cada TD constitutiva da argumentação, nos textos do 6º ano:

TD	Quantidade	Porcentagem
TD Expositiva	20	33,36%
TD Injuntiva	10	16,66%
TD Listagem	10	16,66%
TD Pergunta	10	16,66%
TD Resposta	10	16,66%

Tabela 7: Quantificação da *mescla* de TD no 6º ano

Esse resultado demonstra a relevância da TD expositiva na constituição do processo argumentativo tradicional. Além dessa, também atuam, de maneira bastante produtiva na construção dos textos, as TD injuntiva, listagem, pergunta e resposta. Não se descarta, aqui, que outras TD constituam os textos analisados, mas, sem dúvida, para o processo argumentativo, as apresentadas, na Tabela 6, são mais relevantes, já que estão imbricadas na finalidade discursiva dos textos produzidos, ou seja, têm um papel fundamental em sua construção semântico-discursiva e estão atreladas a fatores histórico-culturais que permeiam a atividade

²⁷ Notou-se, também, que os textos falados e escritos ao serem apropriados, muitas vezes, são modificados de acordo com a situação comunicativa vigente. É possível, assim, observar um recorte do letramento desses sujeitos, no uso de tradições da oralidade e da escrita, que será explorado no Capítulo 3 Parte III deste trabalho, que focalizará a heterogeneidade constitutiva da escrita nos textos analisados.

de enunciação, advindos também da circulação social dos sujeitos pelas tradições de dizer/escrever.

Dessa forma e, seguindo os mesmos critérios, apresenta-se, na seção posterior, a relação entre junção e as TD mais relevantes, nos textos do 9º ano.

2.2 A construção da TD argumentativa nos textos do 9º ano

Também nos textos do 9º ano, foram encontradas diversas ocorrências que ilustram o fato de que o funcionamento dos MJ está diretamente vinculado à constituição das TD. Descrevem-se aqui alguns exemplos dessa relação e também da *mescla* de TD como fator importante na constituição dos textos analisados. A TD argumentativa, como macroestrutura preponderante, possibilitou exemplos como os de (23) a (28):

(23) [...] No começo do ano a preocupação aumentou para as grá | vidas, pois ficamos sabemos que o mosquito transmitia | o zika vírus e esse vírus estava causando micro | cefalia aos bebês. ||

E o pior é que a epidemia parece aumentar ano| a ano e isso nos preocupa ainda mais. ||[...] **Apesar** das campanhas de conscientização e os devi|dos cuidados que devemos tomara não está adian| tando, **pois** as pessoas não andam colaborando. ||

Apesar de terem ouvido parar de falar sobre| o mosquito Aedes Aegypti não devemos relaxar| e deixar de tomar os devidos cuidados[...] [9-20]

No exemplo (23), destacam-se os usos do MJ APESAR DE, concessivo, no processo de finalização do texto, fato que demonstra uma preocupação do escrevente em contra-argumentar, a fim de defender sua opinião sobre o assunto e convencer o outro. Esses usos da relação mais abstrata, a concessão, são prototípicos da argumentação, já que o escrevente tem por hipótese que nem todos pensam da mesma forma e, portanto, é necessário convencê-los. O MJ causal POIS auxilia também no propósito argumentativo ao funcionar como uma justificativa ao que escrevente vinha argumentando.

(24) **Mesmo que** os Brasileiros se junte e tente ao| máximo destruir, e de uma vez por| todas acabar com o mosquito, não vão conseguir| 100%. [9-2]

Ressalta-se, em (24), como visto também em (23), a importância da concessão, como relação semântica mais abstrata, na construção do processo

argumentativo. Nesse caso, ela realça um grave obstáculo e deixa evidente a opinião do escrevente de que já não é possível destruir o mosquito *Aedes*. Essa opinião, por sua vez, se contrapõe a outras vozes sociais (imaginadas) que acreditam na erradicação da dengue.

(25) O Brasil não consegue vencer o *Aedes Aegypti*, porque ninguém faz| sua parte, limpando calhas, tapando as caixas d'água,| virando garrafas de bico para baixo e não jogando| lixos que podem juntar água e servir de criadouro| para o mosquito botar seus ovos e se reproduzir.||

Temos que nos unir para que o mosquito não | consiga se reproduzir e ser cada vez em maior| número e cada mais forte, causando doenças| como a microcefalia (condição neurológica de má| formação craniana), zika vírus e a febre chikun| gunya, que podem levar à morte, ou mães que| rendo abortar seus filhos por causa da má forma| ção craniana.[...]

Então, para que essas consequências não acon| teçam, necessitamos prevenir o aumento da| quantidade desse mosquito ou fazer esse mos| quito ser| extinto, ou pelo menos diminuir| seus criadouros. **Atrávez** do trabalho coletivo| contra o mosquito. **Para que** ele não cause mais| sofrimento nas famílias **por causa de** suas perdas [...] [9-14]

Em (25), nota-se o uso do MJ ENTÃO que visa à conclusão das ideias ensejadas no texto. Em seguida, um MJ final (PARA QUE), que serve ao propósito persuasivo e introduz soluções que requerem ações por parte do interlocutor. Na sequência, usa-se um MJ modal (ATRAVÉS), cuja finalidade é a demonstração/exemplificação e, por último, o POR CAUSA DE, que representa uma explicação indicativa do ponto alto da escala argumentativa.

Do ponto de vista semântico-discursivo, em (26), o processo de argumentação ocorre por meio da junção de orações com a utilização de MJ, em seus usos prototípicos e que indiciam a TD argumentação. A prototipicidade da junção pode estar ligada a uma maior familiaridade com textos argumentativos orais e/ou escritos, o que possibilita uma argumentação mais incisiva, focada na persuasão, por meio do exemplo e da apresentação de argumentos construídos via relações semânticas complexas, como foi descrito anteriormente.

(26) Um absurdo isso ver as pessoas querendo mudança no Brasil| da cidade onde vive **mas** não fazer um esforço para que| isso melhore de alguma forma. Acho que cada um deveria| pensar muito **mas** muito bem antes de pegar um| papelzinho de Bala **ou** Chiclete **e** jogar na calçada ou rua,| **pois mesmo** sabendo as causas isso não parou.[9-7]

Observa-se, em (26), a construção da TD argumentativa pelo uso de MJ contrastivo (MAS), concessivo (MESMO) e explicativo (POIS), todos prototípicos. É interessante notar, no entanto, a oscilação de uso da 3ª e da 1ª pessoa do discurso, na construção dessa TD. Quando o escrevente fala sobre os fatos, usa uma TD

mais expositiva, marcada pela predominância da 3ª pessoa (“Um absurdo isso ver as pessoas querendo mudança no Brasil| da cidade onde vive **mas** não fazer um esforço para que| isso melhore de alguma forma”). No entanto, o texto também ganha pessoalidade, com a 1ª pessoa, que se vincula a um aspecto mais emotivo do texto (“Acho que cada um deveria| pensar muito **mas** muito bem antes de pegar um| papelzinho de Bala[...]).

O exemplo (26) demonstra uma influência das mídias jornalísticas audiovisuais, principalmente, as de caráter sensacionalista, já que usa, por exemplo, a expressão “um absurdo”, no início do parágrafo, e faz uma avaliação da situação de forma hiperbólica (“ [...] cada um deveria| pensar muito mas muito bem antes de pegar um| papelzinho de Bala ou Chiclete e jogar na calçada ou rua”), ou seja, o convencimento está vinculado a aspectos emotivos do texto analisado.

(27)Eu só gostaria de lamentar a essas pessoas essas atitudes| infantis **pois** se quisessem mudança, correriam atrás **mas** [rasura corretivo]| como é ne, **nem sempre** tudo é uma beleza.... | que as pessoas pensem, **ø** antes de fazer pelo mor de deus| **ø** isso ja ta virando um caso sem solução, um caso [rasura corretivo]| chato. **Enfim** vamos ver como irá ser daqui para| frente.[9-7]

Importante notar, no exemplo (27), pertencente ao mesmo escrevente do (26), além da predominância da TD argumentativa, uma maior pessoalidade no uso da 1ª pessoa. Vê-se aqui, novamente, a influência das mídias jornalísticas (“Eu só gostaria de lamentar a essas pessoas essas atitudes| infantis”), na forma com que sujeito apresenta os fatos (“[...]que as pessoas pensem, **ø** antes de fazer pelo mor de deus| **ø** isso ja ta virando um caso sem solução, [...]”) e no uso de expressões valorativas para argumentar, tais como: “pessoas sem escupolos,**ø** essas pessoas sem dignidade,**ø** sem a mínima vergonha na cara”. Essas junções paratáticas aditivas acontecem num crescente semântico-argumentativo, com verbos elípticos, mostrando vínculos com as TD da oralidade.

(28) O mosquito *Aedes aegypti* está conseguindo acabar com nós **já** e uma| pandemia grande demais, **ø**grandes casos de contaminação que acaba mata| ndo pacientes é bem alto, **ø** não conseguimos acabar com ele, **mas**| ele está nos destruindo, **ø** o Brasil tenta matar com o inseticida **mas** o| vírus já é grande [...] [9-15]

Em (28), é constatado um processo de contra-argumentação que torna bastante evidente o propósito persuasivo do texto. Os usos que servem a esse propósito são os MJ **JÁ** e **MAS** e as justaposições contrastivas que direcionam as

vozes sociais a um visível embate entre os perigos da dengue e as ações das pessoas em relação ao problema. O escrevente, nessa direção, dialoga com possíveis interlocutores a fim de convencê-los e mobilizá-los a tomarem as medidas preventivas para que a dengue não cause ainda mais destruição. Desse modo, o contraste evidencia também que se trata de um problema sério e cheio de percalços.

Também foi notória, na construção da TD argumentativa, a *mescla* de TD nos textos do 9º ano, como pode ser conferido de (29) a (45). Destaque-se a TD expositiva na construção da argumentação em (29):

(29) Você sabe o que é o vírus zika? Ele é transmitido pelo Aedes| aegypti e, causa febre, dores de cabeça, dores musculares, dores nos olhos e| entre outras coisas, o mosquito transmite a dengue e o| Chikungunya. O zika viros virou uma pantomia, ø o Brasil está em crise| **por causa** do mosquito.[...] [9-19]

Nota-se, em (29), o uso da TD expositiva, da TD listagem e da TD pergunta que inicia o parágrafo. A argumentação aqui acontece mesclada com a exposição, tanto pelo uso de MJ mais concretos (E), que caracterizam-na, em alguns pontos do texto, quanto por outras escolhas linguístico-discursivas feitas pelo sujeito, como a impessoalidade (“Ele é transmitido pelo Aedes| aegypti e, causa febre, dores de cabeça, dores musculares, dores nos olhos e| entre outras coisas [...]”) e a escolha de léxico mais científico (“pandemia”). O MJ E marca uma listagem de argumentos, em uma escala argumentativa, que contribui para o efeito persuasivo à medida que auxilia na defesa do ponto de vista.

Pode-se destacar, ainda em (29), um exemplo da TD propagandística, quando o escrevente inicia o texto com um questionamento (“Você sabe o que é o vírus zika”), endereçado a um “você”, ou seja, a TD pergunta está inserida nas campanhas publicitárias, nas quais se busca uma relação direta e empática com o interlocutor, a fim de convencê-lo. Nesse sentido, a *mescla* de TD contribui para o processo argumentativo instaurado e é importante para o desenvolvimento das ideias. Através dela, acontece a interpelação do interlocutor (TD pergunta), a apresentação de fatos que o escrevente julga importantes (TD expositiva), bem como a enumeração de fatos codificada pelo MJ E e pelo uso das vírgulas (TD listagem).

A *mescla* com TD pergunta constituindo a argumentação pode ser vista nos exemplos (30) e (31):

(30) **Mas por que** temos que nos prevenir| contar o mosquito da dengue **porque| cando** eles nos contamina com a |picada do mosquito ele nos causa dor| de cabeça muito forte, dor atrás dos olhos [...]

Mas oque fazer para combater isso| **Como** nos prevenir|ø Só não deixar água parada.[9-4]

Em contexto fortemente argumentativo, em (31), tem-se a TD pergunta (“[...] **por que** temos que nos prevenir| contra o mosquito da dengue [?] [...]”) e a TD resposta (“**porque| quando** eles nos contamina com a |picada do mosquito, ele nos causa dor [...]”), que constituem, mutuamente, a TD argumentativa, servindo como justificativa e explicação à tese defendida pelo escrevente. Nesse sentido, as TD mescladas servem ao propósito de convencimento através da interlocução direta. Esse uso pode ser visto também como a TD conversação, o que indicia uma escrita heterogeneamente constituída.

(31) Porque será que o Brsail não consegue acabar com| essa PRAGA doa Aedes aegypti. **Se** uma pessoa fazer| o certo oque vai adiantar, ø ali ta certo **mais** em outra campo,| lugar está com essa água parada, entulho de lixo [...] [9-13]

É válido destacar, em (31), a construção singular que o escrevente faz entre os pares de orações com acepções distintas, juntando predicções e atos de fala, de uma forma que garante a força argumentativa em seu texto: “**Se** uma pessoa fizer| o certo, o que vai adiantar, ø ali ta certo **mas** em outro campo, lugar está [...]”. Nesse trecho, as predicções “se uma pessoa fazer o certo” e “mais em outro campo, lugar está com essa água parada [...]” juntam-se aos atos de fala “o que vai adiantar”, que tem função preditiva e “ali ta certo”, declarativa. Os atos de fala indiciam a oralidade, e a contra-argumentação do MJ MAS permite que se mostrem duas realidades, a das pessoas que colaboram e a das que não colaboram no combate à dengue. Trata-se de uma relação singular entre junção e a TD argumentativa. Nota-se também que a TD pergunta, que inicia o excerto (“Porque será que o Brsail não consegue acabar com| essa PRAGA [?]”), garante que o fluxo argumentativo se dê de forma ascendente.

(32) Eu acho que **se** cada Brasileiro fizesse sua parte isso teria mudado, que tal colocar areia no vazinho|de flor?**e** que tal também pegar sacolinhas e lixos| podem que segurar (prender) água pela rua? [9-9]

A TD pergunta é observada, em (32), novamente, constituindo a TD argumentativa. A pergunta inicial direciona o fio discursivo da argumentação, em

entonação ascendente, e leva à TD resposta, que é resultado da necessidade de propor soluções ao problema tratado. A TD resposta aparece configurada, de forma indireta, como uma pergunta encabeçada pelo MJ E, e tem por função sugerir ou recomendar ao leitor algumas medidas, respondendo ao questionamento anterior. Nesse sentido, observam-se também traços da TD injuntiva nessa proposta de solução.

Os textos são também, nessa direção, perpassados por TD da oralidade que ancoram o processo argumentativo, como se vê em (33), (34) e (35):

(33) **Mas** o que acontece, o mosquito não foi destruído **o** as doenças| são varias,o chikungunya, a dengue e o zika são sintomas de terror, **o** o| mosquito é tão grande **que** está tendo varias casos sendo descobertas| do simples mosquitinho que faz um estrago em nós, **tipo** o zika que causa a| microcefalia **e** deixa os bebes **quando** nasce com aparência| ruim, **o** vemos que ele não da moleza **e** nós estamos deixando isso| espalhar mais e mais **o** sem fazermos nada contra.|ativa [9-15]

Em (33), há um conjunto de ações contrastivas, marcadas pelo uso de MAS (“**Mas** o que acontece, o mosquito não foi destruído as doenças| são varias,o chikungunya”) e do E, com essa acepção (“[...] vemos que ele não da moleza **e** nós estamos deixando isso| espalhar mais e mais”). Também é evidente o encadeamento de fatos em série, que dá forma à TD listagem (“o mosquito não foi destruído **o** as doenças| são varias, **o** o chikungunya, a dengue e o zika são sintomas de terror, **o** o| mosquito é tão grande [...]”), na qual está respaldada a estratégia argumentativa de convencimento, uma vez que serve para justificar afirmações anteriores. Ainda na *mescla* de TD, destaca-se o uso do MJ TIPO, típico da oralidade, que remonta a TD conversação e, nesse sentido, estabelece maior proximidade entre o escrevente e seu interlocutor.

(34) Passa um comercial na televisão| falando [rasura] sobre o Aedes aegypti, **o** tem| ate uma música falando| também, e dando instruções sobre o| Aedes aegypti. [9-8]

Frisa-se, em (34), a forma direta com que o escrevente faz referência à TD comercial de televisão e, nesse caso, o fato de passar na televisão serve de argumento de autoridade para sustentar a defesa de ideias em construção. Há também uma TD listagem não-prototípica, quando o sujeito lança mão de MJ de modo não-prototípico, já que são formas gramaticais que geralmente não funcionam

como MJ, como FALANDO e DANDO, que servem para explicar como esse comercial é veiculado.

(35) O povo Brasileiro não tem consciência o que| estão fazendo, Exemplo: Jogando lixo nas ruas, em| terrenos abandonados **ai** esses lixos que estão acumulados| la tem recipientes e se chover esses recipientes| vão encher de águas e assim começa a reprodução da| Aedes Aegypti e pode virar uma pandemia ou| uma epidemia.|| [9-8]

O uso de AÍ, como MJ, em (35), vincula-se à especificidade do escrevente em processo de letramento, visto que esse MJ é próprio das TD da oralidade e é usado, com frequência, na conversação, a fim de desenvolver algum tema. Esse MJ pode também indiciar, nesse caso, a *mescla* de TD, pois é também para avançar na contagem de histórias ficcionais de tradição oral (TD narrativa) que se utiliza tal MJ. No exemplo, ele serve a um propósito persuasivo de acréscimo de argumentos mais relevantes, em ordem cronológica, bem como tem a finalidade de frisar a marcação da gravidade da ação que resulta em acúmulo de recipientes que possam reter água.²⁸

A TD listagem, associada a outras TD, como recurso à argumentação é analisada nos exemplos de (36) a (42):

(36) [...] nasce com essa tal doença| **entre** [então]vamos todos contra esse mosquito ele e pequeno **mais**|causa uma grande doença em qualquer um **então** vamos| limpar terrenosø não deixar água paradaø mulheres |gravidas ø passar repelentes [rasura] ø meu texto se | acaba por aqui. [...] [9-5]

Em (36), destacam-se os MJ com acepção causal, na construção do processo argumentativo, bem como a oscilação na codificação desses MJ, ora como justaposição (“[...] passar repelentes [rasura] ø meu texto se| acaba por aqui [...]”), ora com MJ prototípicos (“[...] nasce com essa tal doença| **entre** [então]vamos todos contra esse mosquito ele e pequeno [...]”). Também destaca-se a presença da TD listagem na apresentação enumerada dos modos de prevenção à dengue (“[...] limpar terrenos ø não deixar água paradaø mulheres|gravidas ø passar repelentes [...]”).

²⁸ A circulação por essa TD híbrida, os comerciais de TV, em que há uma mescla de fala e escrita, também influencia a identificação da escrita heterogênea, que será melhor analisada no próximo Capítulo.

(37) **Para** combater o mosquito é só você fazer a sua parte, a população ajudar; **o** Não deixar água parada, **o** lavar sempre a vasilha do animal de estimação, **pois se** o mosquito criar na vasilha de água do animal, **e** a pessoa só lavar **e** não passar pelo menos um álcool o mosquito não morrerá, **o** não deixar água em peneus velhos, **o** sempre jogar a água das plantações em casa, **o** tentar evitar o mosquito [...] [9-3]

A TD listagem constitui a TD argumentativa, de forma bastante produtiva, em (37), na indicação de meios para combater a dengue: “[...] **o** não deixar água em peneus velhos, **o** sempre jogar a água das plantações em casa, **o** tentar evitar o mosquito”. Destaque-se, no exemplo, compondo a TD argumentativa, o MJ PARA que serve também a um propósito conclusivo, na argumentação ensejada, bem como a utilização do MJ causal POIS que propõe uma justificativa à solução proposta, encabeçada pelo MJ SE, alinhado ao propósito de criar uma hipótese cuja finalidade persuasiva é evidente.

(38) O povo Brasileiro não tem consciência o que estão fazendo, Exemplo: **Jogando** lixo nas ruas, em terrenos abandonados **ai** esses lixos que estão acumulados **la** tem recipientes **e se** chover esses recipientes **vão** encher de águas **e assim** começa a reprodução da Aedes Aegypti **e** pode virar uma pandemia ou uma epidemia. || [9-1]

A TD listagem, em (38), assim como em panfletos sobre a prevenção da dengue, aparece estruturalmente separada do restante do texto, a partir da expressão “exemplo”, sucedida por dois pontos. Essa listagem não é comum, pois é uma mistura de modo (MJ JOGANDO) e de uma lista de relações causais codificadas por ASSIM, pelas justaposições e pelo MJ E, que introduz o argumento que funciona como ápice na escala argumentativa.

(39) Tem também uma grande parte da população que não estão colaborando em ajudar **por que** alguns dos motivos desses mosquitos estarem só aumentando é **por causa** lixo, muito lixo acumulado é muita água acumulada **então** esses mosquitos são atraídos por tudo isso. || [9-11]

O uso de MJ causais (POR CAUSA DE, PORQUE, ENTÃO), em (39), é bastante produtivo, nesse parágrafo, como em outros pontos do texto e serve para salientar a argumentação ensejada por meio da justificativa, numa espécie de listagem de causas. A troca de MJ com valor parecido mostra uma maior liberdade de escolha de juntores interoracionais para a codificação de causa, fato que demonstra maior contato com textos de tradição argumentativa, de um modo específico, e maior grau de letramento, de um modo geral.

(40) É muito importante que comecemos a agir, ~~o~~ fazer a sua parte, ~~o~~fazer| um correto descarte do lixo, ~~o~~evitar o acúmulo de água nos quintais de casa, ~~o~~ | fazer junto com moradores uma limpeza e coleta de lixo em terrenos | vazios, descobertos e abandonados [...] [9-16]

A TD listagem, no exemplo (40), ao constituir a TD argumentativa, permite uma apresentação enumerada de procedimentos, em orações justapostas, que servem para convencer o leitor sobre as ações que devem ser tomadas no combate ao mosquito, isso ocorre de maneira bastante semelhante ao que é visto em campanhas publicitárias de combate a doenças.

(41) O Brasil não consegue combater o mosquito Aedes| Aegypti **por que** não tem um grande desenvolvimento teco|nológico e precariedade econômica o suficiente **para** um| avanço melhor. E **por causa dos** acontecimentos gover| namentais, **porque** esses assuntos distroem as pessoas| o suficiente **para** esquecerem-se desse assunto do Aedes | Aegypti que transmitem doenças perigosas para os huma|nos e animais **e** acabam por contrai la por estar desaten| to. **E** um dos outros motivos é**por que** alas| tra-se nos rios, bueiros,etc [...] que causa poças com| água parada e suja que são o lugar favoravel| para ele.¶ [9-17]

Observa-se, em (41), como em alguns exemplos anteriores, a produtividade da causalidade na configuração da TD argumentativa, mesclada à TD listagem, novamente produtiva na enumeração de causas que dão sustentação à argumentação. A afirmação inicial de que o Brasil não consegue vencer o *Aedes Aegypti* é justificada e explicada, com vistas a convencer o leitor de que essa tese é verdadeira.

Um exemplo ímpar no *corpus* é o uso da TD verbete auxiliando na construção do efeito persuasivo, como em (42):

(42) Microcefalia: aumenta o cérebro dos bebês que dó das| mães que tem que abordar **porque** não há solução, **mas| também** tem aquelas mães que abordam **porque** não aceita| o jeito do bebe [...] [9-13]

A *mescla* da TD verbete à TD argumentativa, em (42), deve-se à tentativa de tornar claro o sentido da palavra *microcefalia*, posta em destaque por meio de dois pontos. Trata-se de um direcionamento discursivo que permite, ao escrevente, ser compreendido com mais clareza pelo interlocutor. Além disso, destaca-se o uso do MJ MAS TAMBÉM, fortemente argumentativo, deixando evidente a opinião do escrevente que não concorda com as mães que abortam devido à situação psicofísica de seus bebês.

A predição na configuração da TD argumentativa pode ser vista nos exemplos (43) e (44):

(43) **Quando** ela está grávida gestante de um|2 meses a mãe é contaminada oque |pode acontecer, a criança pode nascer| com o cérebro deformado **ou seja**| com o cérebro menor com deformação **ø**| a criança vai demor **para** aprender| andar, **ø** falar, **ø** comer sozinho **ou** até morrer |dependendo do caso do bebe **se** ele| nacer muito fraco no caso.[9-4]

Em (43), o uso da TD preditiva, serve para alertar sobre os perigos da dengue, já que a predição é uma previsão sobre o futuro, funcionando como um suporte ao propósito argumentativo. Fazer suposições é uma importante atividade humana e, a depender de sua objetividade e cientificidade, pode convencer alguém a mudar de opinião sobre determinado assunto. Auxilia bastante nesse propósito, o fato de iniciar o trecho com o MJ QUANDO que, numa leitura mais concreta, expressa tempo contingente e encabeça a sequência de eventos futuros hipotéticos também ligados, cognitivamente, à relação condicional, mais abstrata.

Ainda em (43), observa-se a TD listagem, cuja escala argumentativa permite ao escrevente persuadir o interlocutor sobre os problemas causados pelo mosquito: “[...] para aprender| andar, **ø** falar, **ø** comer sozinho **ou** até morrer |dependendo do caso do bebe[...].” A sequência de eventos aqui ganha seu ápice no segmento introduzido pelo MJ OU, que tem mais força argumentativa ou maior relevância ao propósito do texto.

A TD injuntiva também pode ser observada na constituição da argumentação em (44) :

(44)[...] **ø** Vamos fazer a nossa parte. [9-1]

Em (44), destaca-se a frase no final do texto, como uma espécie de *slogan* de campanha publicitária. Ela aparece em vários textos analisados, e é denominada, neste trabalho, genericamente, de TD injuntiva. É nítida a *mescla* de TD com o propósito de convencimento do interlocutor, que é contatado diretamente. Esse trecho tem força conclusiva, o que reforça seu papel discursivo de argumentação.

Nesse processo de análise, pôde-se observar um grande número de TD que se repetem na constituição da TD argumentativa. Através da análise dos MJ, tem-se uma descrição sintomática das TD com as quais, possivelmente, os sujeitos escreventes entraram em contato devido a suas práticas sociais, que estão

vinculadas à oralidade e ao letramento, que serão enfocados também, na perspectiva da heterogeneidade da escrita, no próximo Capítulo.

Com base na descrição e análise realizada e, a fim de organizar o que foi exposto, apresenta-se a Tabela 8 com a quantificação das TD mais frequentes nos dados do 9º ano:

TD	Quantidade	Porcentagem
TD Expositiva	20	42,55%
TD Pergunta	5	10,64%
TD Resposta	5	10,64%
TD Injuntiva	8	17,02%
TD Verbetes	1	2,13%
TD Listagem	8	17,02%

Tabela 8: Quantificação da *mescla* de TD no 9º ano

Os resultados apresentados na Tabela 8 demonstram que a TD expositiva é preponderante na constituição da argumentação. Além delas, também se destacam as TD injuntiva, pergunta, resposta e listagem. Pode-se afirmar, com base nas análises que foram feitas, que elas são ferramentas a serviço do processo de argumentativo, que, por sua vez, configura outra TD, complexa. As *mesclas* são resultados de escolhas do sujeito, diretamente vinculadas às práticas orais e letradas com as quais entra em contato em razão de sua circulação.

A TD pergunta, por exemplo, associada à TD resposta, que aparece em 8 textos analisados, é importante no direcionamento do fio discursivo e, muitas vezes, está vinculada à própria pergunta-tema da SD: “Por que o Brasil não consegue vencer o mosquito *Aedes Aegypti*?”, revelando uma tentativa de atender às expectativas da situação comunicativa. A TD injuntiva, aparece, na maior parte das vezes, vinculada à TD listagem, enquanto esta organiza os argumentos, num crescente, a injunção propõe, diretamente, a tomada de medidas por parte do interlocutor. O verbete apareceu apenas uma vez, mas essa ocorrência é significativa, à medida que se vincula a um processo metalinguístico que dá mais credibilidade às afirmações feitas.

A partir da análise e descrição dos textos do 6º e do 9º anos do EF, em relação às TD, expõe-se, em seguida, uma comparação dos resultados apresentados.

2.3 Comparação dos resultados da descrição e análise da relação entre TD e MJ nos textos do 6º e 9º ano

Há muita similaridade entre os processos de construção de textos do 6º e do 9º anos no que tange à *mescla* de TD e à sua relação com os MJ. Em ambos os resultados, percebe-se que a *mescla* está a serviço da constituição da TD argumentativa, visto que o objetivo maior é argumentar e defender um ponto vista de forma convincente. A TD expositiva aparece com maior ou menor importância em todos os textos, tanto do 9º quanto do 6º ano, o que se relaciona à objetividade requerida na TD argumentativa, bem como à apresentação de fatos que deem sustentação à argumentação, conforme descrito e analisado nas seções anteriores.

A TD pergunta aparece com mais frequência nos textos do 6º ano (10/16,66%) do que no 9º ano (5/10,64%), e é extremamente relevante no direcionamento da argumentação e na manutenção da relação entre o escrevente e os possíveis interlocutores. A TD resposta, relacionada à TD pergunta, consequentemente, também aparece com maior frequência nos textos do 6º ano (10/16,66%) do que no 9º (5/10,64%), embora seja muito significativa na construção da argumentação. A TD listagem aparece com muita frequência nos textos de ambos os anos, (10/16,66%, no 6º ano, e 8/ 17,02%, no 9º ano), o que se deve ao fato de que ela organiza os argumentos de forma bastante eficiente e garante o efeito persuasivo de uma forma interessante para o sujeito-escrevente. A TD injuntiva, relacionada à TD listagem, em muitos casos, permite uma relação mais direta entre o escrevente e o interlocutor por meio de recomendações e sugestões e está presente em menor quantidade nos textos do 9º ano (8/17,02%%) em comparação com os do 6º (16,66%).

O fato de a TD verbete ter aparecido uma única vez (2,13%) e num texto do 9º ano se deve à sua exigência de um grau maior de letramento e vinculação a uma maior consciência do processo de escrita. No entanto, o dado mais importante são as semelhanças entre os resultados do 6º e 9º ano, já que as diferenças não foram significativas. Atribui-se isso à pressão das TD na utilização dos MJ mais adequados à situação discursiva nela configurada, bem como ao fato de que os aspectos lacunares das TD são preenchidos com base na história cultural de cada sujeito em relação dialógica com o outro e com a linguagem.

A fim de que se possa observar o que foi descrito em relação à comparação das ocorrências de *mescla* de TD nos textos do 6º a e do 9ºano, elaborou-se o Gráfico 11:

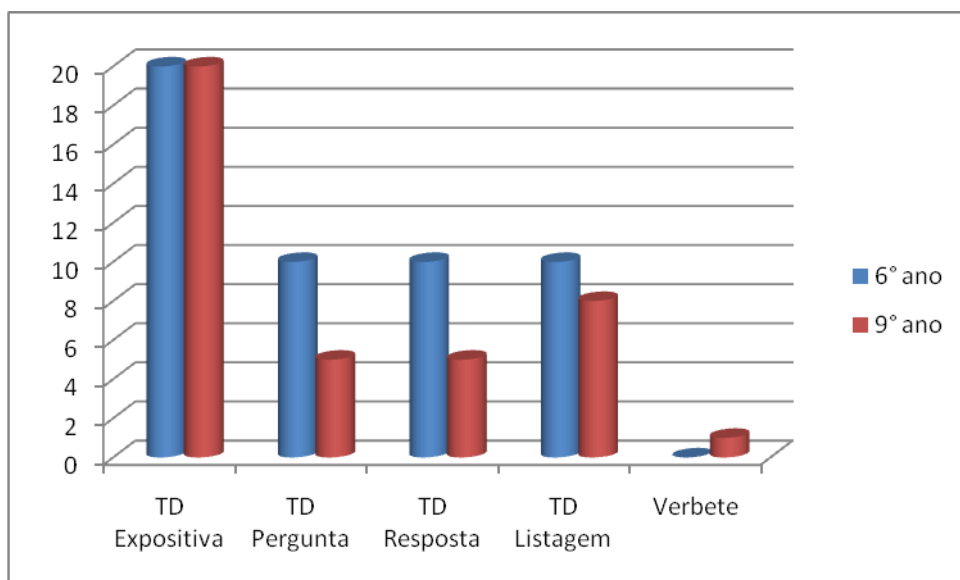


Gráfico 11: Quantificação e comparação da *mescla* de TD

As tradições da oralidade e as letradas constituem-se mutuamente nos textos escritos analisados; observa-se que o sujeito escrevente utiliza tradições orais, características do tipicamente falado, e tradições letradas, características do tipicamente escrito, para argumentar no texto escrito. Nesse sentido, as tradições de dizer e escrever não se dão de forma fortuita, mas, intrinsecamente relacionadas à identidade cultural dos sujeitos.

Discutido isso, no próximo Capítulo, de acordo com os objetivos do trabalho, propõem-se relações entre os MJ, que constituem a TD argumentação, e a heterogeneidade constitutiva da escrita.

CAPÍTULO 3

O FUNCIONAMENTO DOS MJ E A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA

Neste Capítulo, para atender aos objetivos deste trabalho, descrevem-se os usos dos MJ em estreita ligação com a heterogeneidade da escrita.

De acordo com Corrêa (1997), os eixos que constituem a circulação do escrevente por (seu) imaginário sobre a escrita dividem-se da seguinte maneira: o primeiro seria “o eixo da representação que o escrevente faz da gênese da escrita”; o segundo, “o eixo da representação que o escrevente faz da escrita como código institucionalizado”; e o terceiro, “o eixo da representação da escrita em sua relação com o já falado/ouvido e o já escrito/lido” (CORRÊA, 1998, p. 72-73), conforme discussão pormenorizada, desenvolvida no Capítulo 2, Parte I, deste trabalho. Esses três eixos direcionam esta investigação na busca por indícios do modo heterogêneo de constituição da escrita nos textos analisados

Nos três eixos, podem-se verificar questões relacionadas às diversas dimensões da linguagem, nos âmbitos lexical, sintático, prosódico, da organização textual e dos recursos argumentativos, mais relacionados ao primeiro e segundo eixos, e questões relacionadas a “pontos de heterogeneidade”, como “explicitação da presença de outro enunciador, referência à própria língua, referências ao leitor, citações [...] [do texto apresentado] para a produção da redação, remissões ao próprio texto” – presentes no terceiro eixo (CORRÊA, 1998, p.73).

Na próxima subseção, analisam-se as ocorrências, por esse viés teórico, nos textos do 6º e do 9º anos, separados pelos eixos de circulação do escrevente pelo imaginário da escrita, com base em Corrêa (1997). Em seguida, faz-se um estudo comparativo dos resultados do 6º e do 9º anos.

3.1 O primeiro eixo: a representação da gênese da escrita

Com base no que foi apresentado, passa-se à análise da heterogeneidade da escrita nos textos, referente ao âmbito dos MJ na TD argumentativa, relacionados,

de forma não-exclusiva²⁹, ao primeiro eixo, do imaginário da gênese da escrita, conforme exemplos de (1) a (7):

(1) Bom **por que** temos que ter muito higiene, **o** sa| bemos que temos que almentar os cui| dados com a dengue **como** passar repe| lente e etc.¶[6-12]

No exemplo (1), destaca-se o uso do marcador discursivo “Bom”, para a abertura do texto, como um mecanismo que, apesar de não unir orações, serve para fazer um teste fático de dialogia com o interlocutor, configurando um recurso expressivo próprio dos contextos de fala em exposições menos formais. Esse recurso propicia que o falante/escrevente possa calibrar a enunciação para a apresentação de novos argumentos e é, nessa direção, um traço da fala, na escrita, como um gesto da oralidade que se materializa no texto escrito. Trata-se de um exemplo da relação do sujeito com a gênese de sua escrita, visto que há indícios de uma oralidade constituindo a escrita (1º eixo).

Além disso, destaca-se, ainda, a justaposição, que enfatiza a noção de causalidade do pronome interrogativo “por que” e exige um cálculo de sentido para a apreensão desse significado implícito. Em seguida, o MJ COMO, serve para exemplificar, o que corrobora a intenção persuasiva subjacente à TD argumentativa. A justaposição é ainda a relação com a gênese da escrita, já que também guarda vínculos com a fala/oralidade, porém, o uso da conjunção prototípica COMO para exemplificar é típico de situações argumentativas e indicia a relação com o código escrito institucionalizado, tais como artigos de opinião, editoriais, dentre outros.

Esse mesmo tipo de vínculo também pode ser constatado em (2):

(2) **Mas também** a culpa não é do | governo, **quer dizer** não é toda do governo, a população tam| bém tem culpa. [6-11]

Nota-se, no enunciado de (2), pelo uso dos MJ, uma argumentação que se aproxima da fala em situações de debate não-formais, o que revela a circulação pelas TD orais. Nessa direção, destaca-se o uso da correção *online* (“quer dizer”), própria de situações de fala, que demonstra uma tentativa de manutenção do fluxo conversacional com a finalidade discursiva de atenuação. Nesse caso, atenua-se a

²⁹ Esta organização é resultado da escolha metodológica para a exposição dos resultados que, de forma alguma, esconde a constituição híbrida dos eixos nos usos da língua.

culpa do governo que, na opinião do escrevente, a partilha com a população. Essa atenuação está a serviço da construção do ponto de vista argumentativo do escrevente, que defende que a responsabilidade também é da população. Através dos indícios da oralidade, pode-se observar a representação da gênese da escrita do escrevente (1º eixo), mas, não se pode deixar de notar que o fato de outras TD da oralidade estarem presentes indicia também a relação dialógica com o discurso do outro (3º eixo).

(3) Porém temos muitos dispóstos a ajudarem, a diminuir| esses casos, ~~o~~ não podemos deixar o mosquito sair de nos| sas mãos, ~~o~~ precisamos tomar controle da situação. [9-18]

Na ocorrência (3), observa-se uma paráfrase simétrica, no segundo uso da justaposição (“[...] deixar o mosquito sair de nos| sas mãos, ~~o~~ precisamos tomar controle da situação [...]”), em que o sujeito especifica o que foi afirmado anteriormente (“Porém temos muitos dispóstos a ajudarem, a diminuir| esses casos[...]), tentando alcançar maior objetividade, de acordo com o princípio da cooperação, demonstrando, dessa forma, a heterogeneidade da escrita. Possivelmente, ao notar que a primeira oração continha um enunciado menos objetivo, o sujeito alça a uma formulação avaliada como mais adequada ao código escrito culto. Para tanto, utiliza uma estratégia de constituição do texto, em sua modalidade falada, parafraseando a informação anterior, a fim obter clareza naquilo que está argumentando. Nota-se a representação da gênese da escrita (1º eixo), também na utilização da justaposição, que é um recurso que requer maior interação, e nas pistas do imaginário sobre a escrita institucionalizada (2º eixo), já que o escrevente busca um alçamento a um código mais formal/objetivo.

(4) o| mosquito é tão grande que está tendo vários casos sendo descobertas| do simples mosquitinho que faz um estrago em nós **tipo** o zika que causa a| microcefalia e deixa os bebe [...] [9-15]

O MJ TIPO, no exemplo (4), é um uso gramaticalizado, via textos tipicamente falados/orais, e funciona na inserção de exemplos. Nessa direção, serve para exemplificar a heterogeneidade da escrita, relacionada ao imaginário da gênese de sua escrita (1º eixo), já que permite observar a circulação social do sujeito pelas tradições da oralidade. Esse MJ permite explicitar fortemente a dialogicidade, na

materialidade linguística do texto, visto que é prototípico, na conversação face a face, em que se busca uma cumplicidade com o interlocutor.

(5) A situação do Brasil contra o Aedes Aegypti [rasurado] e muito ruim [rasura] | **por que tanto a** população **e** o poder pudrico não estão fazendo | **para** vencer essa doença, **pois** a população não vitoria seus próprios quintais **e** o governo | não está fazendo o seu máximo **pois** o mosquito está mais forte que antes **por que** se pensa | **va** que o mosquito[...] [6-1]

Observa-se, em (5), a intenção de persuadir o interlocutor por meio dos MJ de causa, comparação e condição, que estão a serviço da TD argumentativa. A variação de alguns usos, que ganham ortografias não-convencionais, não interfere na relevância dos argumentos que demonstram que esse sujeito está inserido em práticas orais e letradas. A repetição do MJ serve a um propósito enfático que ganha um contorno entonacional próprio. Nessa direção, pode-se afirmar que a interpretação desse trecho depende muito do entendimento de que o escrevente está lançando mão de recursos hibridamente constituídos, já que há elementos da fala, constituindo o texto escrito, tais como o uso não-convencional do MJ “tanto....e [tanto quanto]” e a escolha do MJ E para codificar uma relação causal, tendo em vista o seu caráter polissêmico e sua produtividade, atestados nos dados de aquisição da escrita (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2011a/b). O tipicamente escrito fica caracterizado na escolha dos MJ prototípicos (POIS, PARA, PORQUE) que sustentam a argumentação. Nesse caso, têm-se, nos aspectos morfossintáticos, os elementos de uma oralidade que caracterizam a relação do sujeito com a gênese da sua escrita (1º eixo).

(6) [...] Mas ultimamente o Brasil não é o | Brasil que não consegue **e** sim a sua | população que não faz sua parte. ||
Mas a guerra não é de luta e | sim de não deixar a caixa de água aberta, colocar areia nos pratinhos | das plantas, água nos pneus, garrafas, fechar | a pia e etc. || [9-9]

Em (6), percebe-se uma preocupação do escrevente com a compreensão de termos ou expressões utilizadas (“Mas ultimamente **o Brasil** não é o | Brasil que não consegue **e** sim **a sua população** que não faz sua parte. ||”), o que resvala na questão da linguagem figurada e da objetividade requerida por um texto argumentativo. Essa situação demonstra a heterogeneidade da escrita, através da oscilação do oral/letrado e da preocupação com a objetividade da TD, bem como com o manejo da TD argumentativa com a qual o escrevente trabalha.

Linguisticamente, no trecho em questão, ocorre o truncamento sintático, com o abandono da primeira construção e a sua recondução, configurando a correção. Essa estratégia, da forma como se materializa no trecho, é extremamente produtiva em dados de fala, fato que permite observar a representação que o escrevente faz da gênese de sua escrita (1° eixo).

Observa-se também, no exemplo (6), uma polifonia das vozes sociais com os quais o escrevente entra em contato, em razão de sua circulação, e que caracterizam a relação com o discurso do outro (3° eixo). Há um diálogo com as práticas orais e letradas, como a conversação e a argumentação, em contexto escrito, que se evidenciam no aspecto híbrido da escrita. Entende-se também que todos os usos contrastivos de MAS, especialmente os contra-argumentativos, revelam, na materialidade linguística do texto, aspectos polifônicos.

(7) [...] o| vírus já é grande, a população tem que se consentizar do que fizeram | **em deixar** o mosquito reproduzir tão rapidamente[...] [9-15]

Em (7), o uso de um MJ não-prototípico chama atenção para um traço da heterogeneidade constitutiva da escrita. O MJ EM DEIXAR, na acepção de modo, permite observar o processo de letramento do sujeito escrevente na codificação dos juntores. Ou seja, pode-se perceber que a escolha do juntor de modo ocorre de uma forma atípica devido, possivelmente, a uma baixa familiaridade com as TD que utilizem-no com frequência. Nesse sentido, se relaciona à dialogia do já falado/escrito, ouvido/lido (3° eixo), mas, principalmente, com a gênese da escrita do sujeito, em que se observa uma oralidade mesclada (1° eixo).

3.2 O segundo eixo: a representação da escrita institucionalizada

Nos exemplos de (8) a (13), é analisada a relação do escrevente com o imaginário do código escrito institucionalizado:

(8) Por que Varias pessoas deicha água| parada **iniso** Junta a dengue para muitas| pessoas pensão que Febre Chikungunya e a | zika viruz e uma gripe como as outras. || [6-19]

Na ocorrência (8), pode-se perceber que a relação do sujeito com as convenções da escrita institucionalizada (2° eixo) levam-no a optar por responder

diretamente à pergunta-tema utilizada na SD (“Por que o Brasil não consegue vencer o mosquito *Aedes Aegypti*?”), o que demonstra uma vontade de atender às expectativas da escola e do professor, ou seja, uma composição da escrita em explícita relação com o discurso do outro. Além disso, destaca-se a escrita não-convencional do MJ E NISSO, que pode ser associada à forma como essa palavra é pronunciada, o que indicia a relação do sujeito com a gênese da escrita (1º eixo). Esse MJ é próprio de narrativas orais e cria uma expectativa em relação ao que vem em seguida. Nesse caso, mantém o fio discursivo e acrescenta novos argumentos que ganham um efeito persuasivo.

(9) Essa é a| minha opinião **por que** o Brasil não consegue vencer. [9-13]

No exemplo (9), a explicitação da opinião e a resposta direta à pergunta-tema mostram a tentativa do escrevente em atender às exigências da proposta de produção textual de forma adequada, ou seja, mostram a relação do sujeito com a escrita institucionalizada (segundo eixo), tendo em vista a avaliação social daquilo que foi prescrito pelo professor/escola. Também pode haver a possibilidade de o sujeito se envolver com a temática proposta e mostrar esse envolvimento na sua relação com a linguagem via escrita. Dessa forma, o sujeito norteia-se pela intenção de construir um texto opinativo que responda à pergunta-tema satisfatoriamente.

(10) Aquela relidade paralela, que parece hoje de| sonho, foi imaginada em 2002, ~~o~~ nós se protegeria contra| o zika vírus e a microcefalia que da em bebês renasi | dos **associada** a esse vírus que causa febre. [6-15]

Na ocorrência (10), pode-se observar que o escrevente tenta alçar aos discursos escritos mais legitimados, nesse caso, através da transcrição de parte do texto usado na SD (reportagem da revista Época, disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/por-que-estamos-perdendo-a-guerra-contr-o-aedes-aegypti.html>), conforme apresentado na Parte II deste trabalho. Pode-se afirmar que o escrevente se apropria do discurso alheio para justificar sua argumentação, o que está ligado ao terceiro eixo da heterogeneidade (porém o faz sem utilizar os recursos necessários à citação, tais como o uso de aspas), e, ao justificar sua argumentação, garantir a relação com aquilo que imagina ser a escrita institucionalizada.

Reafirma-se, com Corrêa (1997), que a heterogeneidade é sempre dialógica, de forma direta ou indireta. Nessa direção, destaca-se, em (10), o uso da justaposição como recurso ao encadeamento de ideias e a presença de um particípio (ASSOCIADA), funcionando como MJ aditivo em uso não prototípico. Dessa forma, percebe-se que os elementos da escrita e da fala se constituem mutuamente no âmbito da junção interoracional e que os MJ, que sustentam a argumentação do sujeito escrevente, indiciam sua circulação pelo imaginário da escrita, bem como revelam uma argumentatividade que se mescla nos modos falado/oral e escrito/letrado.

(11) Outro Brasil, **numa realidade paralela** | **la**, há apenas 11 mil casos grandes resultam em | Dengue por ano, **ø** apenas 1% dos casos grandes resultam | em mortes, **ø** Apenas 1% dos imóveis tem larvas [6-14]

Em (11), a expressão “realidade paralela” é encontrada em um dos textos da coletânea, usado para a produção textual (disponível em <https://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/por-que-o-brasil-nao-consegue-ven-ncer-o-aedes-aegypti.jhtm>), o que demonstra, por parte do sujeito escrevente, uma tentativa de alçamento à escrita institucionalizada, ou seja, uma aproximação da sua imagem de escrita com o modelo veiculado pela escola, através da apropriação da palavra do outro, característica do segundo eixo, em que se pode notar a relação com a cultura escolar escrita. Nesse sentido, observa-se a heterogeneidade da escrita, motivada pelo próprio nível de letramento do sujeito, que, ao tentar realizar uma paráfrase, dialoga com a palavra alheia e deixa entrever a sua posição de sujeito em processo de letramento, no aspecto híbrido da escrita.

Em complemento, tem-se, em (11), a opinião do escrevente, que fica clara a partir da utilização das justaposições contrastivas, que evidenciam uma polifonia, visto que há vozes discordantes com as quais o sujeito lida em sua argumentação. As leituras de contraste vêm uma seguida da outra, mostrando, também, um recurso de ênfase aos argumentos utilizados. Nesse sentido, a junção está ligada a um maior cálculo semântico para apreensão das relações semânticas no contexto. Nessa direção, percebe-se, na utilização dos MJ contrastivos, a relação do sujeito com a gênese da sua escrita (1º eixo), já que há indícios da oralidade como o recurso à repetição enfática e o maior cálculo de sentido exigido para a compreensão.

(12) Antes no Brasil havia apenas 11 mil casos por ano [rasurado], e apenas 1%| de casos graves resultavam a morte, **também** apenas 1% dos imóveis |possuíam larvas do mosquito. **E hoje** em um ano dão cerca de | 1,6 milhão de casos da doença **ou** Dos casos de morte não são | mais 1%, e sim quatro vezes maior.[6-11]

A TD argumentativa, em (12), é construída com a TD expositiva, na qual se observa o uso de MJ próprios de textos informativos ou jornalísticos, marcados pela preocupação em quantificar os casos e mostrar, através das relações temporais e da adição de informações, maneiras de entender a problemática contemporânea por meio da inserção de eventos passados ou previsões sobre o futuro. Essa é também uma característica do processo de utilização da escrita, ou seja, o escrevente tenta alçar a um discurso com mais validade social para justificar seus argumentos. Nesse sentido, deixa perceber o imaginário da sua relação com a escrita institucionalizada (2º eixo), bem como a representação do já falado/escrito, ouvido/lido, através da utilização do recurso dos índices, por exemplo, que foram colhidos em outros textos. Na perspectiva bakhtiniana, sustentada em Côrrea (1997), podem-se observar, no excerto, as vozes sociais que denotam a circulação e o processo de letramento na construção da escrita desse sujeito.

(13) Eu acho que **se** cada Brasileiro fizesse sua parte isso teria mudado, que tal colocar areia no vazinho| de flor? e que tal também pegar sacolinhas e lixos| podem que segurar (prender) água pela rua?!![9-9]

O exemplo (13) é bastante característico da heterogeneidade da escrita, pois o sujeito oscila entre estratégias tipicamente da escrita, tais como grafar o sinônimo de uma expressão entre parênteses para que seja melhor compreendida, revelando uma preocupação com a escrita institucionalizada, e estratégias tipicamente da fala, como o diálogo direto com o interlocutor, demonstrando que fala e escrita se constituem mutuamente.

3.3 O terceiro eixo: a representação do já falado/ouvido, escrito/lido

Analisa-se nos exemplos de (14) a (20) as relações entre a linguagem do escrevente e o terceiro eixo, referente à representação da circulação do escrevente pelo já falado/ouvido, escrito/lido, também de forma não-exclusiva:

(14) [...] uma pena essas pessoas sem escupolos, essas pessoas sem dignidade, **ø** sem a mínima vergonha na cara.[...]

[..] Eu só gostaria de lamentar a essas pessoas essas atitudes | infantis **pois** se quisessem mudança, correriam atrás **mas** [rasura corretivo] | como é ne, **nem sempre** tudo é uma beleza.... | que as pessoas pensem, **ø** antes de fazer pelo mor de deus | **ø** isso já tá virando um caso sem solução, um caso [rasura corretivo] | chato. **Enfim** vamos ver como irá ser daqui para | frente.[9-7]

Nota-se, em (14), a influência das mídias jornalísticas, principalmente as de apelo mais emocional, ditas sensacionalistas, na forma com que sujeito apresenta os fatos e no uso de expressões valorativas para argumentar, tais como: “pessoas sem escrúpulos, **ø** essas pessoas sem dignidade, **ø** sem a mínima vergonha na cara”. Essa enumeração de orações justapostas vai num crescente de depreciação da atitude de pessoas que não colaboram com o combate ao mosquito *Aedes Aegypti*. Nesse sentido, o próprio uso da *mescla* de TD demonstra a relação com a dialogia do já falado/escrito, ouvido/lido (3º eixo).

A expressão “um absurdo isso” tem um funcionamento retro-propulsor, que, ao mesmo tempo, remete para traz e para frente, no texto, estabelecendo a coesão e contribuindo para a construção da argumentação. Esse registro revela uma escrita heterogênea e permite reafirmar a influência do discurso de mídias sensacionalistas, com intenções deônticas, na relação do sujeito com a linguagem, já que ele circula por essas mídias jornalísticas da TV aberta brasileira. Nesse caso, a dialogia com já falado/escrito, ouvido/lido é subjacente à construção da argumentação.

(15) Passa um comercial na televisão [falando [rasura] sobre o *Aedes aegypti*, **ø** tem] até uma música falando] também, e dando instruções sobre o | *Aedes aegypti*. [9-8]

Frisa-se, no exemplo (15), o escrevente remete a outras TD com as quais entrou em contato em razão de sua circulação social. Nesse caso, o fato de passar na televisão serve de argumento de autoridade para sustentar a defesa que vinha sendo feita, o que demonstra a relação com a dialogia do terceiro eixo, ou seja, o imaginário sobre o já falado/escrito, ouvido/lido. A justaposição, na ocorrência, demonstra a relação do sujeito com a gênese de sua escrita (1º eixo), pois é um indício da cooperação requerida para a compreensão do texto.

(16) **Apesar** das campanhas de conscientização **e** os devidos cuidados que devemos tomara não está adian] tando, **pois** as pessoas não andam colaborando..ll

Apesar de terem ouvido parar de falar sobre| o mosquito *Aedes Aegypti* não devemos relaxar| **e** deixar de tomar os devidos cuidados[..
[9-20]

No exemplo (16), a TD argumentativa permite observar a heterogeneidade da escrita, pois os MJ utilizados indiciam outras vozes sociais, ou seja, o processo de contra-argumentação só pode ser justificado pela diversidade de ideias que há sobre o assunto. Sejam essas ideias propagadas pelo senso-comum (“e os devidos cuidados que devemos tomar”), pelas mídias (“campanhas de conscientização”) ou pelas experiências práticas do sujeito (“as pessoas não andam colaborando”). Percebe-se que a relação do sujeito com a escrita acontece em colaboração com o discurso do outro. Nesse sentido, observa-se a relação do sujeito com o já falado/ouvido, escrito/lido, ou seja, as vozes sociais presentes (3º eixo). Os MJ APESAR DE, prototípicos e comuns na escrita argumentativa, demonstram a relação com a polifonia presente nos artigos de opinião e editoriais, em que a argumentação é prática tradicional.

(17) Sintomas que aparecem em nosso corpo **que nem** | a gente imaginava que pode acontecer, elas existem | **por** cientistas eu acredito que eles existem **por** | **causa que** eu vi na televisão que eles tinham | sintomas do negócio que eles ficaram a culpa | não é **e** é da gente **por** muitos deixarem água | parada vasilhas com água **e assim** vai sacendo. || [6-9]

Na ocorrência (17), tem-se caracterizada a heterogeneidade da escrita na utilização do MJ “QUE NEM”, anuncia uma relação entre elementos mais abstratos (sintomas da dengue) e os fatos concretos, inclusive aqueles mais empíricos da vivência do sujeito (como ter visto algo na televisão). Fica, assim, demonstrada a relação do sujeito com o já ouvido/lido, que caracteriza o terceiro eixo. Há, nesse uso, um indício de sua circulação por práticas orais, tais como a conversação e o debate, e por práticas letradas, como artigos de opinião e editoriais. Os MJ causais (POR, POR CAUSA QUE, ASSIM) que seguem, no trecho, são utilizados num crescente da escala argumentativa até o MJ ASSIM, ponto alto da argumentação. Nesse sentido, tem-se nessa escrita, MJ e relações semânticas repetidos, com valores argumentativos distintos, guiando a interlocução com intenção persuasiva..

(18) **E** os sintomas e dor na cabeça, dor nos | olhos dor no corpo inteiro sabe por que eu sei | disso, **por que** minha mãe **já** teve e minha amiga | **também** muitas pessoas eu já vi com dengue | eu já tava com suspeita de dengue **mas** só | era sinusite ainda bem que eu nunca tive. || [6-8]

Em (18), pode-se notar a presença da TD narrativa compondo a argumentação de forma semelhante ao que se vê em (4). Conforme Corrêa (1997), a narração é impositiva, na relação do sujeito com a linguagem, ou seja, qualquer que seja a forma escolhida para enunciar, de forma mais tácita ou explícita, o narrar é estruturante, isto é, é constitutivo da composicionalidade de qualquer TD. Nesse sentido, é importante perceber que, no exemplo (5), o sujeito utiliza essa TD para demonstrar aspectos empíricos, ou seja, provar, pela experiência, a validade de seus argumentos, o que mostra uma nítida *mescla* de TD. Nesse sentido, observa-se o terceiro eixo, pois a relação do sujeito com o já falado/lido, escrito/ouvido fica perceptível na utilização TD narrativa.

Os argumentos empíricos são, nesse sentido, um indício de que o sujeito, ao circular pelas TD orais e escritas, constrói um discurso próprio intrincado nessas vivências. Desse modo, indicia-se a heterogeneidade, por exemplo, na pergunta feita: “por que eu sei disso”, respondida em seguida com um MJ causal, que revela, em sua realização oral/falada, um aspecto entonacional ascendente e uma maior proximidade com o interlocutor. O MJ JÁ ajuda na remissão ao passado e justifica a argumentação ensejada no momento da enunciação. O MAS, por sua vez, promove uma quebra de expectativa e é um ponto alto da argumentação do sujeito. O uso do MAS é semelhante ao que se faz em situações de comunicação oral, para chamar atenção do interlocutor a aspectos discordantes do que está sendo enunciado, também revelando, portanto, uma imbricação entre os modos oral/falado e letrado/escrito e associando-se, de forma mais incisiva, ao primeiro eixo, da relação com a gênese da escrita do sujeito.

(19) No nosso Brasil os casos de Dengue e de 1,6| milhão. Ø O índice de mortalidade nos casos graves| não é de 1 %, Ø e de quatro vezes maior ha| apenas 11 mil casos de Dengue por ano Ø apenas| 1% dos casos graves.|| [6-16]

Em (19), tem-se caracterizado um aspecto da heterogeneidade da escrita na utilização dos MJ que elencam fatos da realidade objetiva. O aspecto implícito das relações semânticas, na escolha da justaposição, revela que a escrita é construída em conjunto com a fala, ou seja, a disposição das informações e o sentido que se depreende delas dependem muito da cooperação do interlocutor. Nesse sentido, pode-se dizer que o encadeamento de justaposições permite a percepção da escrita em sua constituição híbrida. Ressalte-se, nesse exemplo, o alçamento do sujeito aos

discursos mais legitimados socialmente por meio da utilização de dados numéricos com a intenção persuasiva, deixando indícios de sua circulação social por TD ligadas à informação, características de textos orais (telejornal, redes sociais) ou escritos (blogs, redes sociais). Desse modo, observa-se a relação com o terceiro eixo, ou seja, o escrevente reporta-se às TD faladas/escritas, lidas/ouvidas com as quais entrou em contato para construir seu texto.

(20) Tem também uma grande parte da população que| não estão colaborando em ajudar **por que** alguns dos| motivos desses mosquitos estarem só aumentando é **por| causa** lixo, muito lixo acumulado é muita água acu| mulada **então** esses mosquitos são atraídos por tudo isso.||[9-11]

Destaca-se, em (20), o uso de MJ causais, que é bastante produtivo, nesse parágrafo, como em outros pontos do texto, e serve para salientar a argumentação ensejada por meio da justificativa. A troca de MJ com valor parecido mostra uma maior liberdade de escolha de juntores interoracionais para a codificação de causa, alguns mais próximos da fala (ENTÃO), outros da escrita (POR CAUSA, PORQUE), o que demonstra o aspecto móvel do processo do letramento, que tende a se dar nessa oscilação entre práticas orais e letradas. Nesse sentido, a ocorrência se relaciona ao imaginário do já falado/escrito, ouvido/lido, em termos de textos argumentativos que fazem uso desse processo de junção (3º eixo).

Na análise desses dados, em geral, torna-se evidente que a escrita é construída de forma imbricada à fala, ou seja, que as práticas de uso dos modos oral e letrado se constituem mutuamente, tal como propõe Correa (1997). Nos exemplos analisados aqui, fica claro que a intenção persuasiva, subjacente à TD argumentativa, exerce pressões sobre a linguagem utilizada pelo sujeito. Além disso, é perceptível a polifonia na utilização dos MJ, bem como o uso de outros recursos analisados e descritos, que estão a serviço da circulação social do escrevente. Ainda que, em parte dos dados, não ocorra um total domínio das convenções da escrita, a argumentação acontece, nessa constituição híbrida, e, por conseguinte, a persuasão.

A partir da análise e da descrição feitas até este ponto do presente Capítulo, dedica-se a próxima seção à comparação entre os dados do 6º e do 9º anos no que se refere à heterogeneidade da escrita.

3.4 Comparação dos resultados da análise da heterogeneidade da escrita nos textos do 6º e do 9º anos

Quando se olha para os textos produzidos pelos alunos do 6º e 9º anos do EF, da maneira como foi feito neste trabalho, pelo viés da heterogeneidade da escrita, em relação com aspectos da materialidade linguística dos textos, caracterizados pelos MJ, considera-se o dialogismo e a polifonia que subjazem à sua produção e deixam evidentes os índices que revelam os modos falado/escrito plasmados no oral/letrado. O trabalho realizado pelos escreventes dos dois segmentos é bastante semelhante, já que se identificam, em ambos, uma escrita em construção, que busca, em um interlocutor imaginado, uma constante reciprocidade, e que se constitui em estreita fusão com a oralidade.

Os exemplos flagram, inclusive, a oscilação, na utilização de MJ e de estruturas sintáticas que comprovam o imbricamento entre fala e escrita: esses usos aparecem, em ambos os dados, sugerindo que a utilização do MJ está vinculada ao processo de letramento do sujeito. E, dada a importância atribuída por Kabatek (2005) à junção, como sintomática de uma TD, pode-se entender que essa oscilação e os usos não-prototípicos estão em muito ligados ao fato de que as TD também se constituem de maneira híbrida e são sócio-historicamente condicionadas.

Entende-se, assim, que a relação sujeito/linguagem instaura-se no processo de construção da escrita, o que se indicia na materialidade dos textos, permeados pelas TD da oralidade e da escrituralidade, com as quais o escrevente entra em contato em razão de sua circulação por práticas discursivas distintas próprias da sociedade e do tempo em que vive. A *mescla* de TD aparece, nos dados dos dois anos investigados, e permite ver muito mais das características do sujeito, do que simplesmente o texto escrito em si, o produto final, visto que se entende, neste trabalho, com Corrêa (1997), a escrita como “processo” e recusa-se a visão da dicotomia radical que assume a escrita como produto, como se demonstrou aqui.

Esse aporte teórico permite perceber que as produções do 6º e 9º anos são bastante semelhantes e, ao examinar mais profundamente, ver que alguns “erros”, na escrita, podem ser cometidos, na tentativa dos estudantes de satisfazer às expectativas da escola, com base na imagem que têm do que essa instituição espera de suas produções textuais. Nesse sentido, também quando o escrevente

representa a gênese da sua escrita, ancorada numa oralidade, permite que se repense a distinção entre oral e letrado e se vejam pontos fluidos entre eles, bem como uma constante relação com o já falado/escrito, ouvido/lido, que perpassam a relação do sujeito com a linguagem durante todo o processo de letramento.

Desse modo, os resultados permitem sugerir que o modo heterogêneo de constituição da escrita auxilia na percepção de como os sujeitos, historicamente situados, ao travar relações entre si, deixam marcas na dimensão pragmático-discursiva de sua escrita. Nesse sentido, a semelhança dos dados enfatiza que o processo de letramento é complexo e ininterrupto.

Obviamente, é possível perceber, em alguns sujeitos analisados, um maior ou menor domínio de sua escrita, porém, não suficiente para simplificar o processo de letramento, nesse espaço de tempo, e contrapor alunos do 9º como, simplesmente, mais letrados do que os do 6º. A similaridade de dados desenha uma perspectiva de entendimento das questões de fala e escrita, como fatores historicamente interligados, que podem nortear uma prática educativa mais focada em conhecer e produzir textos historicamente situados, sem desconsiderar um modo em prol de outro, de acordo com a necessidade cultural de cada sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, este estudo buscou evidências do funcionamento sintático-semântico dos MJ na TD argumentativa, em textos de alunos do 6º e do 9º anos do EF, através de uma abordagem funcionalista, em consonância com as TD e a heterogeneidade da escrita. Analisaram-se, primeiramente, sob o enfoque das TD, a partir da concepção de Kabatek (2005), os MJ como elementos sintomáticos das tradições componentes dos textos analisados, considerando as escolhas feitas pelos escreventes e as intenções linguístico-discursivas subjacentes à enunciação. Pelo viés quantitativo, observou-se o comportamento da junção na configuração do aspecto tradicional da escrita, em sua heterogeneidade constitutiva. No viés qualitativo, observaram-se os caminhos da prototipicidade, na sincronia dos dados analisados e descritos, bem como sua natureza, intrinsecamente, dialógica.

Conforme Halliday (1985) e Raible (1992), foi feita a análise dos MJ interoracionais em textos de alunos do 6º e do 9º anos do EF, considerando a gradiência do contínuo de complexidade e integração das porções ligadas. Para isso, observaram-se as relações semânticas, encontradas na parataxe e na hipotaxe, e foram analisadas determinadas regularidades na polissemia de alguns juntores e na utilização de outros, bastante específicos e não-convencionais na norma culta.

No âmbito da TD argumentativa, notaram-se as *mesclas* de TD, observando-se que elas são constituídas, de forma híbrida, isto é, perpassadas por outras TD, que foram identificadas, sintagmaticamente, pelos juntores, que lhes são mais frequentes, e que permitiram uma sugestão da constituição do paradigma, ou seja, das relações, efetivamente, travadas pelo sujeito com os textos em sociedade, constituintes de sua memória discursiva.

Em paralelo, buscaram-se indícios, a partir de Corrêa (1997), da heterogeneidade constitutiva da escrita, considerando a atividade de escrita imbricada na oralidade e vice-versa, descartando, desse modo, o preconceito subjacente à visão dicotômica da escrita separada da fala. Assim, observaram-se, nos textos, os três eixos que norteiam a relação do sujeito com o imaginário da sua escrita: o eixo da gênese da escrita, o da escrita como código institucionalizado, o do já falado/ouvido, escrito/ falado.

Os dados resultantes dos objetivos das análises realizadas, em conjunto, revelam:

- (i) A partir da análise quantitativa, uma sobreposição da parataxe em relação à hipotaxe, o que está ligado à própria característica composicional da parataxe, que não é mais simples ou mais fácil, como foi afirmado, mas é, particularmente, atrelada a enunciados falados em que há uma maior dialogia, que favorece também a memorização.
- (ii) Algumas tendências ontogenéticas do processo de utilização dos MJ de junção foram analisadas e demonstraram uma relação entre os campos semânticos, tal como demonstrado por Kortmann (1997). Por exemplo, a relação de tempo contingente permite inferir condição, a relação de modo permite inferir causa, dentre outras, fato que comprova a natureza da polissemia guiada pela mesma direcionalidade subjacente à mudança da língua no tempo.
- (iii) A junção é de importância crucial na apreensão das TD, já que, por meio dela, foi possível perceber as *mesclas* da TD argumentativa com outras, tais como: a TD pergunta, a TD resposta, a TD expositiva, a TD narrativa, a TD listagem e a TD injuntiva, entre as mais produtivas encontradas nos dados.
- (iv) As relações semânticas de adição, associadas a um propósito remático, foram muito produtivas nos dados analisados devido à menor complexidade semântico-cognitiva, seguida de relações características da TD argumentativa, como as relações de causalidade e contraste, o que era esperado devido à própria TD.
- (v) Os dados analisados, no quadro de junção, permitem evidenciar que não há grande diferença ou expansão na utilização dos MJ do 6º para o 9º ano, o que não era esperado e pode sinalizar um alerta sobre o ensino de produção, que precisa por em foco os recursos de conectividade na argumentação.
- (vi) Também, no âmbito da heterogeneidade da escrita, sobressaem-se as semelhanças entre os resultados do 6º e 9º anos, o que também não era esperado, visto que há um intervalo de três anos de experiências letradas entre os sujeitos analisados, fato que pode apontar que o letramento se dá de maneira bastante gradual e complexa, necessitando de insumos de práticas letradas, tais como experiências contínuas de leitura e escrita sistemáticas de textos da tradição enfocada.
- (vii) O eixo da relação com a gênese da escrita permite observar que, ao colocar lado a lado, o oral e o letrado, o escrevente imprime, em sua escrita, indícios da fala.

No eixo da relação com escrita institucionalizada, observou-se que, ao tentar alçar aos discursos mais estabilizados, o sujeito traz evidências dos dois modos, constituindo mutuamente a sua escrita. Na relação com o já falado/ouvido, escrito/lido, notou-se que há pontos de interseção entre os textos analisados e outros textos, bem como do discurso escrevente com outros discursos, como, por exemplo, com o do professor, em uma permanente dialogia.

Com base nessas constatações, este estudo contribui para a prática de letramento dentro do espaço escolar, diante da consideração de que se trata de um processo complexo, cujo cerne está na circulação social do sujeito escrevente por práticas orais e letradas com as quais entra em contato. É importante repensar a escrita, do ponto de vista do sujeito escrevente, considerando a alteridade dialógica que a constitui, bem como evidenciar os aspectos tradicionais dos modos oral e letrado, por meio de uma prática mais incisiva sobre a relação do sujeito com a linguagem.

Considera-se também a limitação desta pesquisa no âmbito da teoria da linguagem, mas entende-se que ela pode apontar para alguns propósitos do ensino de língua materna na contemporaneidade. Apesar de ter sido analisado um uso institucionalizado da escrita, o que restringe o alcance dos resultados, é importante frisar que o uso é fator determinante da fluidez da língua e das mudanças que ela sofre. Portanto, esta pesquisa está inserida na propositura de ações de melhoria das práticas de ensino de língua, apontando para questões cruciais das relações entre oralidade e letramento, gramática e uso, bem como das tradições de textos em relação à circulação social dos sujeitos.

Desse modo, com base nos resultados da pesquisa, propõe-se aqui uma continuidade da SD apresentada, na Parte II, desta dissertação. Seguindo de perto as orientações de Pasquier e Dolz (1996). De forma atrelada aos resultados obtidos, divide-se a SD em três módulos e uma produção final:

Primeiro módulo: Entendendo o funcionamento sócio-discursivo da TD argumentativa.

Atividade 1: Motivando a argumentação

Através da apresentação de textos argumentativos sobre o tema “Por que o Brasil não consegue vencer o mosquito *Aedes Aegypti*?”; o professor propõe um debate sobre a questão, permitindo que todos possam opinar, seguindo regras de tempo e, respeitando o tempo dessa atividade de aproximadamente duas horas/aula.

Essa atividade é importante porque, com base nos resultados, o oral compõe o letrado e, portanto, iniciar com uma atividade híbrida de leitura, mas também de direito à voz, permite ao aluno organizar sua opinião e ouvir outras opiniões diferentes da sua.

Atividade 2: O contexto de produção da TD argumentativa

Nessa atividade, leva-se o aluno a uma visão ampla de onde as opiniões sobre o tema circulam, tanto em práticas orais como letradas. Nesse sentido, é preciso mostrar, ao aluno-escrevente, que a TD circula nos jornais, nas revistas, nas redes sociais etc., e é preciso fazer um recorte desses contextos, a fim de que se observem as nuances de suas finalidades discursivas.

Atividade 3: Um olhar sobre a escrita: os MJ

Nessa etapa, é importante propor atividades em que se perceba o funcionamento dos MJ, nos textos escritos, já que a produção será escrita. A atividade requer mais do que circular os MJ, mas compreender a relação entre sintaxe e semântica. Por exemplo, observando como, em cada ponto de um texto, um MJ pode tomar diferentes sentidos, bem como observando que alguns deles devem ser trocados por outros para a manutenção da coesão e a construção da coerência textual.

Atividade 4: Um olhar sobre a estrutura do texto argumentativo

Para essa atividade, selecionam-se dois textos, um editorial e um artigo de opinião, por exemplo, e faz-se um paralelo entre os MJ utilizados na TD editorial e na TD artigo de opinião, bem como observam-se as sequências textuais que compõem a introdução, o desenvolvimento e conclusão, levando-se em conta as finalidades discursivas, os recursos linguísticos utilizados, assim como – e principalmente – a relação entre eles.

Segundo Módulo: O momento da produção

Atividade 1: Produção inicial do texto argumentativo

Essa atividade requer a consideração das etapas anteriores, a fim de que o aluno possa se apropriar de alguns requisitos de linguagem, necessários para a tomada da palavra. O professor medeia a relação do aluno, de uma forma tranquila, dando-lhes o tempo necessário, e respeitando a temporalidade de cada sujeito em formação. Os MJ da Atividade 3 do primeiro Módulo podem guiar a escrita, sinalizando para a adequada utilização da estrutura textual.

Atividade 2: Reescrita do texto inicial

Nessa etapa, pode-se fazer o mapeamento dos MJ utilizados nos textos da produção inicial, que formarão um quadro com destaque aos mais típicos da situação comunicativa argumentativa. O professor aponta, no texto, as incoerências locais e a utilização inadequada de recursos expressivos, proporcionando caminhos para a reescrita. É importante também que os alunos possam ler os textos de seus colegas, pois a escrita também se constrói nessa dialogia com o discurso alheio, como foi visto nos resultados.

Atividade 3: Digitação do texto

É importante que o professor utilize a tecnologia como instrumento facilitador, assim, os textos, ao serem digitados, no *Word*, por exemplo, sofrem alterações do corretor ortográfico, evento a que os alunos já estão acostumados pela utilização das redes sociais. A digitação é importante para a próxima fase.

Módulo 3: Circulação social do texto produzido

Os resultados desta pesquisa apontam que a circulação social deixa marcas na escrita do sujeito, bem como que escrever, como ato de linguagem, requer, também, uma interlocução. Sendo assim, se o escrevente sabe, por exemplo, que seu texto será publicado, em um jornal de circulação local ou num *blog*, ele tem condições de construir uma representação do outro/possível leitor desse veículo de informação, e de, ao determinar suas características, escrever exatamente para esse “outro”.

Todas essas práticas podem tornar o trabalho com a escrita mais produtivo e diferenciado exatamente porque eliminam, aos poucos, a opacidade que a envolvem, tornando-a menos oculta.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M.. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Cortez, 2011.

ASSIS, J. A. **Ensino/aprendizagem da escrita e tecnologia digital: o e-mail como objeto de ensino e trabalho**. In: COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (Orgs). Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: CEALE. Autêntica, 2005, p. 209-240.

ASSIS, A. W. A. **O uso de Operadores Argumentativos em notícias online**. Revista Eletrônica de Linguística Volume 6, nº 1 – 1º Semestre 2012 - ISSN 1980-5799. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 01 de out. de 2017.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, A. **Tradições discursivas e tratamento de corpora históricos**: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 589-606. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-43.pdf>>. Acesso em: 06 de agosto de 2016.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, 1998.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discurso**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles da Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

CAPISTRANO, C. C. **Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola**. *Cadernos de Educação*, Pelotas, [35], p. 171-193, jan./abr., 2010.

_____. **Um entre outros**: a emergência da rasura no processo de aquisição da escrita. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 3, 667-694, 2013.

CARVALHO, C. **Processos sintáticos de articulação de orações**: algumas abordagens funcionalistas. *Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p.9-27, jan./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap01.pdf>. Acesso em: 12 de dez. de 2016.

CHACON, L. **Hipersegmentações na escrita infantil**: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v.XXXIV, p. 77-86, 2005.

_____. **Dialogia e relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos.** *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, 45 (2), p. 205-224, jul./dez., 2006.

CORRÊA, M. L. G. **Bases teóricas para o ensino da escrita.** *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 13, n. 3, 2013, p. 481-513.

_____. **Heterogeneidade da escrita:** a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v. 8, p. 269-286, 2007.

_____. **Dialogia e relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos.** *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, 45 (2), p. 205-224, jul./dez., 2006.

_____. **Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português.** In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.** Campinas: Mercado de Letras, p. 135-66, 2001.

_____. **Ritmo da escrita:** uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 295 p.

_____. **O modo heterogêneo de constituição da escrita.** Tese de doutoramento. Campinas (SP): IEL/Unicamp, São Paulo, 1997.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística.** Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Universidade de São Paulo, 1979.

DECAT, M.B.N. **Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português.** *Revista SériEncontros (Descrição do Português: abordagens funcionalistas)*, ano XVI, n.1, Araraquara, SP: UNESP, 1999, p. 299-318.

De ASSIS, M. C. **O conceito de tradições discursivas aplicado em estudos de lingüística histórica.** São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDFVOL2/Microsoft%20Word%20-%20Maria%20Cristina%20de%20Assis.pdf>. Acesso em: 19 de julho de 2016.

DOMINGUEZ, M. G. A. **Tradições discursivas:** intersecções lingüístico-discursivas em contos angolanos contemporâneos. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/24/Idioma24_a07.pdf. Acesso em: 17 de julho de 2016.

DUCROT, O. **Os topoi na teoria da argumentação na língua.** In: *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, UFSCar, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1999. (Tradução de Rosa Attié Figueira)

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOMES, V.S, IAPÉCHINO, M. N. K. **Concepções de texto da tradição retórica à tradição discursiva**. Pernambuco, 2011. Disponível: <http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/CONCEPCOES_DE_TEXTO_DA_TRADICAO_RETORICA_A_TRADICAO.pdf>. Acesso em: 19 de julho de 2016-07-19.

KABATEK, J. **Tradição discursiva e gênero**. In LOBO, T., CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 579-588. Disponível em :<<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 17 de julho de 2016.

_____. **Sobre a historicidade dos textos**. São Paulo, 2005 a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/37270/39991>>. Acesso em 19 de julho de 2016.

_____. **Tradição discursiva e mudança lingüística**, São Paulo, 2005b. Disponível em: <<http://www.romling.uni-tuebingen.de/discurso/itaparica.pdf>>. Acesso em 18 de julho de 2016.

KOCH, I. G. V. **A construção textual do sentido**. In: O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 1997a.

_____. **Interferências da oralidade na aquisição da escrita**. Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas, p. 31-38, 1997b.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas – conceito, história e aquisição**. Série Leituras introdutórias em linguística – volume 4. São Paulo: Cortez, 132p, 2014a.

_____. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez, 2014b.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. **Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída**. *Alfa*, São Paulo, v.55, n.1, p.225 – 248, 2011a.

_____. **Junção e(m) aquisição: aspectos morfossintáticos e cognitivos**. Gragoatá, Rio de Janeiro, n. 30, p. 221-238, 2011b.

_____. **Uma proposta semântica para a combinação de orações: resgatando os critérios de Bally**. Revista da ANPOLL, São Paulo, v.16, p.321-348, 2004.

LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. **Coordenação em foco: relações pragmáticas de construções complexas**. Lusorama, v. 85-86, p. 107-136, 2011. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/122805> > Acesso em: 12 de dez. de 2016.

LOPES-DAMASIO, L. R. **Para uma abordagem linguístico-discursiva da justaposição oracional: oral e escrito em práticas de letramento**. Alfa, São Paulo, nº 60 (2): 287-317, 2016.

_____. **Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas**. Estudos linguísticos, São Paulo, 43 (3): p. 1371-1386, 2014.

_____. Uma tradição discursiva em cartas mato-grossenses. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, V. 14, p. 179-204, 2013.

_____. **Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a assim: um novo enfoque da gramaticalização**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LOPES-DAMASIO, L. R.; LONGHIN, S. R. **Construções relativas com traços circunstanciais: causa, condição e contraste**. Veredas atemática, Minas Gerais, 18 (2): 136-155, 2014.

NEVES, M. H. de M. **Uma visão geral da gramática funcional**. Alfa, 38, São Paulo, 1994, p.109 - 127.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. **Letramento e Oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos**. In: SIGNORINI, I. (Org.). Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas: Mercado de Letras, p. 23-50, 2001b.

_____. **Oralidade e escrita**. Signótica. Goiás, v.8. p.119-145, 1997.

RAIBLE, W. **Linking clauses**. In: HASPELMATH, M. et al. (Ed.). Language typology and language universals: an international handbook. Berlin: Walter de Gruyter, 2001. p. 590-617.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. **Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica**. In: GIL, B. D.; CARDOSO, E. A.; CONDÉ, V. G. (orgs.). *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, p. 223-234, 2009.

SILVA, P. C. S. **Processos juntivos de causa em aquisição da escrita: uma abordagem de tradições discursivas**. 204 f. Dissertação (Mestrado). UFMT- Universidade Estadual de Mato Grosso, Estudos da Linguagem. Cuiabá, MT, 2016.

TUÃO-BRITO, A. R. M. **Junção e tradições discursivas**: uma abordagem no domínio da aquisição de escrita. 2014. 159f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

ZAGO, P.Z. **Processos Juntivos de Causa**: Um Estudo Dos Usos Variáveis Em Textos Escritos. 2014.132f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, SP, 2014.

ZAVAM, A. **Historiando uma tradição discursiva**: a construção da autoria institucional em editoriais de jornais cearense. Revista Encontros de Vista, 3. ed. Disponível em: www.encontrosdevista.com.br. Acesso em: 05 de agosto 2016.

ZAVAM, A. S. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva**: um estudo com editoriais de jornal. 2009. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.